

***GALANTERIA: PEÇA EM 1 ACTO, DE***  
**ALEIXO RIBEIRO**

**EDIÇÃO FACE A FACE**

**Lídia da Piedade dos Santos Pereira**

---

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Edição de Texto**

**MARÇO DE 2010**



Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do  
grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica de  
Fernando Cabral Martins

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

## **DECLARAÇÕES**

Declaro que este trabalho de projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 31 de Março de 2010.

Declaro que este trabalho de projecto se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O orientador,

Lisboa, 31 de Março de 2010.

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

*A todos aqueles que, passando pela minha vida, acreditaram em mim,  
apoando-me e dando-me estímulo para continuar.*

*Paciência e perseverança têm o efeito mágico de fazer as dificuldades  
desaparecerem e os obstáculos sumirem.*

John Quincy Adams

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a paciência e as preciosas indicações fornecidas pelo meu orientador e também meu professor do Seminário de Crítica Textual, Fernando Cabral Martins, que me deu, no primeiro semestre, a oportunidade de elaborar uma edição crítica de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, tendo aprendido muito com esse trabalho.

Agradeço ainda a todos os meus professores do mestrado em Edição de Texto, com os quais tive a oportunidade de aprender diferentes matérias relacionadas com o mundo da edição de texto.

Por último, agradeço a todos os meus professores ao longo destes longos anos pelo que me ensinaram.



## RESUMO

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

**PALAVRAS-CHAVE:** edição face a face, Aleixo Ribeiro, comédia, versões, variantes, critérios de edição, erros ortográficos, gralhas, actualização ortográfica, normalização ortográfica, erros de pontuação.

São dois os objectivos deste trabalho: o primeiro é proporcionar o conhecimento da comédia inédita *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro (1899 - 1977); o segundo é contribuir para o estudo do património literário deste autor que, apesar de ser de reconhecido mérito, se encontra esquecido nas histórias de literatura portuguesa e é pouco conhecido dos leitores contemporâneos.

O trabalho está dividido em duas partes: uma introdutória em que forneço dados biográficos do autor, faço considerações acerca da comédia, comento a edição das duas versões do texto, estabelecendo a diferença entre os dois textos e relacionando-os com o original, e apresento bibliografia; a segunda parte consiste na edição face a face da comédia.

Aleixo Ribeiro escreveu romances, novelas, poemas, peças de teatro, guiões de cinema, exerceu jornalismo, escreveu ensaios, colaborou em revistas e jornais, foi assistente de realização de cinema e agente artístico. Foi o responsável pela vinda a Portugal da Companhia de Bailados Russos de Diaghilev. Uma parte considerável da sua obra está inédita.

Considero a versão B mais recente por apresentar melhorias em relação à versão A em diferentes aspectos: apesar de a ortografia não corresponder de todo à norma do Acordo Ortográfico de 1945, não há tantos erros ortográficos como na versão A, há um maior cuidado na pontuação e a trama está melhor urdida. O registo das alterações a que procedi ao fazer a edição face a face ajuda a perceber onde intervêm e porquê. O glossário proporciona uma melhor compreensão de termos que podem ser desconhecidos do leitor contemporâneo.

## ABSTRACT

*Galanteria: peça em 1 acto*, by Aleixo Ribeiro - Dual Edition

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

**KEYWORDS:** dual edition, Aleixo Ribeiro, comedy, versions, variants, criteria of edition, orthographic errors, misprints, orthographic actualization, orthographic normalization, errors of punctuation.

This work has two objectives: the first is to provide knowledge about the unpublished comedy *Galanteria: peça em 1 acto* by Aleixo Ribeiro (1899-1977); the second is to contribute to the study of the literary heritage of this author who, despite his recognized merit, is forgotten in portuguese literary histories and is not well-known by the contemporary readers.

This work is divided in two parts: one is an introduction in which I supply biographic data about the author, explain the comedy, comment on the two versions of the text, establishing the differences between the two texts and relating them to the original and present the bibliography. The second part corresponds to the dual edition of *Galanteria: peça em 1 acto*.

Aleixo Ribeiro wrote novels, short novels, poems, plays and cinema guides. He practised journalism, wrote essays, contributed to magazines and journals, he was a cinema production assistant and artistic agent. He was the responsible for the arrival in Portugal of the Russian of Diaghilev Dance Company. A considerable part of his work is unpublished.

I believe version B is more recent given the following improvements over version A: even though the orthographies don't completely meet the norm of the Orthographic Accord of 1945, there are fewer orthographic errors than in version A, the punctuation is more correct and the plot is better weaved. The notes on the alterations I made explain where I intervened and why. The glossary provides a better understanding of terms with which the contemporary readers may be unfamiliar.



## ÍNDICE

### I.

#### QUESTÕES DE EDIÇÃO

INTRODUÇÃO .....	16
1. Dados biográficos do autor .....	18
2. Síntese das duas versões da comédia .....	21
3. Considerações acerca da comédia .....	24
4. Bibliografia .....	37
4.1. Bibliografia activa .....	37
4.2. Referências bibliográficas .....	37
5. Critérios seguidos .....	39
6. Notas e comentários acerca da edição.....	40

### II.

#### AS DUAS VERSÕES

As duas versões de <i>Galanteria: peça em 1 acto</i> , de Aleixo Ribeiro .....	48
Variante da cena IV da versão adoptada .....	105
CONCLUSÃO .....	110
GLOSSÁRIO .....	112



**I.**  
**QUESTÕES DE EDIÇÃO**



## INTRODUÇÃO

Com este trabalho pretendo apresentar uma proposta de edição face a face da comédia *Galanteria: peça em 1 acto*, que não foi publicada em vida, proporcionando o conhecimento das semelhanças e diferenças entre as duas versões. A comparação das duas versões permitirá perceber o percurso de escrita do autor, ou seja, perceber qual foi a última a ser escrita.

A comédia foi escolhida por dois motivos: por ser um inédito com duas versões, nomeadas por mim A e B, sendo que a B possui duas variantes da cena IV e porque o seu autor, Aleixo Ribeiro, apesar de ter sido reconhecido em seu tempo pelo valor literário das suas obras, é desconhecido da maioria do público contemporâneo e não consta das histórias da literatura portuguesa.

As fontes para a edição crítica de *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro, são duas versões da peça, dactilografadas, depositadas no espólio do autor na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, com a cota E8/17.

O espólio deste autor, doado à Biblioteca Nacional a 10 de Janeiro de 1983 pela Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria da Conceição Ribeiro Gomes da Silva, ainda se encontra por estudar. Está distribuído por 14 caixas e 443 documentos que se encontram no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

Do espólio constam manuscritos do autor:

- poesia (a antologia de poemas *Transeunte da vida. Vagabundo de sonhos*: poemas);
- prosa (*O espiritualismo medieval no classicismo da história*; *Memórias do repórter americano*; *O Rei de Andorra: príncipe iluminado ou charlatão?*; *O sentido humano da estética*);
- teatro (*Aninhas: peça em 3 actos*; *Os caminhos da vida: peça em 3 actos*; *Columbina: poema dramático*; *Galanteria: peça em 1 acto*);
- cinema (*A alma e os braços: argumento para um filme sobre o colonato da cela*; *A casa flutuante: [guião]*; *Lobos do mar: argumento para um filme de curta metragem*; *O moinho e o poeta: argumento cinematográfico*);
- traduções (o anónimo *A farsa de mestre Pathelin* e *Don Juan: [peça de teatro]*);
- desenhos (*[Desenhos]*);



- *vária* ([*Antologia: projecto*]; [*Considerações sobre os audiovisuais*]; [*Entrevistas*]; *O homem e a filosofia*; *A margem de* Os Cadernos de Malte Laurids Brisse; *O pão da vida: romance*; *Relatório para uma organização industrial de cinema português*; [*Romance autobiográfico: frags.*]; [*Textos sobre arte: fragmentos*].

Consta também do espólio correspondência: cartas de Aleixo Ribeiro (destinadas à Associação Portuguesa de Escritores; a Joaquim Aleixo Ribeiro, seu pai; e a personalidades como Massaud Moysés, Marta Neves e Albano Ribeiro); e cartas destinadas a Aleixo Ribeiro (da Associação Portuguesa de Escritores, da Biblioteca da Ajuda, da Biblioteca Nacional de Macau, da Biblioteca Nacional de Moçambique, da Emissora Nacional de Radiodifusão; e de personalidades como Eugénio de Melo e Castro, Ferreira de Castro, José Régio e José Saramago).

Constam ainda do espólio documentos anexos do autor:

- documentos biográficos (o assento de óbito, o cartão de identidade da A.P.E., a certidão de Nascimento, o extracto da certidão de matrimónio);
- recortes de imprensa (artigos do autor como contos e novelas, textos ensaísticos e outros como [*Carta*] aos *Directores do Mundo Literário* e [*Entrevistas a Aleixo Ribeiro*], e artigos sobre o autor como [*Críticas várias*] e [*Notícias bibliográficas*]);
- impressos de obras do autor e de revistas em que colaborou e de publicações várias como a *Chanson du sixième hiver* e *A crítica literária portuguesa*;
- *vária* ([*Colecção de autógrafos*], [*Desenho*] e *Fotografias*).

Do espólio constam também manuscritos de terceiros: poesia (de Eugénio de Andrade); prosa (as Comunicações apresentadas ao Congresso dos Escritores Portugueses em 1975 com a intervenção do autor; a [*Entrevista a*] *Aleixo Ribeiro*); cinema; e *vária*.

Constam ainda do espólio documentos anexos de terceiros como recortes de impressos ([*Aleixo Ribeiro*]: *exposição na B.N.*; *A colcha de estimação*: [*homenagem de* *O Diário a A. R.*])

Aqui fica o meu contributo para o estudo do espólio deste autor que deixou muita obra inédita com variantes, merecedora de ser editada.

## 1. Dados biográficos do autor

Joaquim Aleixo Ribeiro Júnior, que adoptou o pseudónimo Mário Vilar nalgumas obras, nasceu a 2 de Abril de 1899 em Lisboa e faleceu em Lisboa a 27 de Maio de 1977.

Provinha da classe social média lisboeta. Frequentou um curso na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, abandonando-o dois anos depois de se ter matriculado por causa de uma rebelião estudantil.

Iniciou-se na escrita literária em 1920 com a publicação do volume de poemas *Ilusões que Passam*, que é uma selecção do seu espólio poético da adolescência.

Foi conjugando a sua carreira de escritor com outras actividades como o jornalismo, foi assistente de realização de cinema, agente artístico, foi o responsável pela vinda a Portugal da Companhia de Bailados Russos de Diaghilev e dedicou-se a outras actividades ocasionais.

Foi redactor da publicação *Paris Midi*, foi colaborador regular das revistas *Civilização e Ilustração*; colaborou nas publicações *ABC*, *Espectáculo*, *O Globo*, *Jornal de Letras e Artes*, *O Mundo Literário*, *Notícias Ilustrado*, *Presença*, *Vértice: revista de cultura e arte*, *O Primeiro de Janeiro*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *O Diabo*, *Europa*, *Portucale* e *Contemporânea*. Escreveu diversos ensaios. Publicou pequenos contos e ensaios nas colunas de jornais e revistas (*Portucale*, *Presença*).

Publicou vários estudos, entre os quais um sobre a obra literária de Rodrigo Paganino (1835-1863), em particular sobre os *Contos do Tio Joaquim* (1861), publicado em *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, sob a direcção de João Gaspar Simões.

As suas primeiras obras revelam influência simbolista, à maneira de Eugénio de Castro, com reminiscências neo-românticas e futuristas. Exemplos disso são *Ilusões que Passam*, os livros de poemas *Claustro de Símbolos* (1925) e *Asas Exiladas* (1925).

Escreveu também prosa romanesca: a novela epistolar *O Pecado* (1924) e o romance *Jogo de Damas* (1923), muito marcados por um sentimentalismo de

exaltações fictícias. Nessa altura já era vagamente reconhecido o seu “compenetrado esteticismo” e o seu misticismo. Não se submetia aos cânones na expressão literária.

Publicou, em 1932, na “Colecção de Autores Modernos”, dirigida por João Gaspar Simões, o romance *Bússola Doida*, romance psicológico que revela uma aproximação à estética presencista, de tendência claramente dostoievskiana, alinhado nos pressupostos de um certo psicologismo social, descrevendo os impulsos irreprímíveis da adolescência. Na opinião de João Gaspar Simões este é “o primeiro romance português a propósito do qual a invocação do nome de Marcel Proust não seria descabida.” (Álvaro Salema: 1987: 70). O próprio autor proclamava o livro como “antiliterário na forma e no espírito” e afirmou “com este romance pretendi reagir contra todos os postigos literários, utilizando impressões da minha infância e adolescência sob a forma de autobiografia de um moço que não tinha objectivamente drama algum na sua vida e assim não se revia um herói romanesco” (Álvaro Salema: 1987: 70). É um romance que procura a “literatura viva” e o sentido do belo. A sua narrativa e a limpidez da análise psicológica consagraram Aleixo Ribeiro, tendo-lhe sido pedido que escrevesse romances analíticos da burguesia lisboeta e dos meios intelectuais. Este é um romance um tanto desordenado, mas pleno de vitalidade espontânea.

O autor conheceu uma evolução literária curiosa pois a partir da publicação de *Bússola Doida* passou a alinhar no neo-realismo, explorando os problemas sociais do homem do mar, da cidade e da gleba. O autor chegou a afirmar que “ao romancista compete exprimir o Homem no seu meio social, no seu mundo humano.” (Álvaro Salema: 1987: 71). Movido por essa ideia, publicou *A Caixa de Música* (1940), *Bairro Excêntrico* (1946) e *Patrão Bento* (1962). *Bairro Excêntrico* aborda, numa perspectiva mais realista, os costumes de uma classe social popular, mostrando-nos a adolescência rebelde nos bairros pobres de uma Lisboa, com todas as sequelas sociais e humanas de entre as duas guerras. *Patrão Bento* foi considerada uma obra muito bem conseguida, exemplo de uma boa integração da análise social do meio com a análise psicológica das personagens.

Apesar da clara influência neo-realista, Aleixo Ribeiro sempre se procurou demarcar desta corrente, enveredando pelo jornalismo, o teatro e o cinema em sucessivos projectos nunca concretizados. Publicou ainda a novela *O Canto Daquela Rua* (em volume de parceria) em 1945 e escreveu duas obras sob o pseudónimo Mário Vilar:

*História Maravilhosa de Erasmo de Roterdão* (1943) e *História Maravilhosa de Galileu* (1944).

Da bibliografia de Aleixo Ribeiro fazem também parte peças de teatro e alguns guiões de cinema, actividade a que esteve ligado como assistente de realização.

Após a sua morte, diversos organismos realizaram cerimónias de homenagem ao escritor, entre os quais a Associação Portuguesa de Escritores, em Março de 1982; a Biblioteca Nacional, que apresentou uma exposição biblio-iconográfica evocativa de Aleixo Ribeiro; a Sociedade da Língua Portuguesa, que organizou uma mostra composta por poemas inéditos que fazem parte de uma colectânea que o escritor preparava para publicação sob o título *Transeunte da Vida, Vagabundo de Sonhos*, além de outros escritos de sua autoria.

## 2. Síntese das duas versões da comédia

Versão A	Versão B
<p>Cena I</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leonor, a aia privada, touca Maria Ana e esta, por ciúmes, faz-lhe uma série de críticas e acusações.</li> <li>- Leonor despede-se, deixando à disposição de Ana Maria um escrínio de segredo com as suas economias enquanto Ana Maria não achar os pendentes de pérolas que diz terem desaparecido.</li> </ul>	<p>Cena I</p> <p>Esta cena não apresenta diferenças significativas em relação à cena I da versão A.</p>
<p>Cena II</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Maria Ana sabe, pelo Pagem, em troca de algumas moedas, da conversa entre D. Jaime, seu marido, e Leonor, da carta de D. António para Leonor e consegue saber o segredo do escrínio de Leonor.</li> <li>- Maria Ana vai à alcova de Leonor buscar o escrínio e coloca lá os seus pendentes.</li> </ul>	<p>Cena II</p> <p>Esta cena não apresenta diferenças significativas em relação à cena II da versão A.</p>
<p>Cena III</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Pagem entra com a notícia de que D. António, primo de Maria Ana, pede para ser recebido.</li> <li>- Maria Ana queixa-se a D. António da infidelidade do esposo, D. Jaime, e do desaparecimento dos brincos de pérolas e D. António compromete-se a</li> </ul>	<p>Cena III</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Pagem entra com a notícia de que Dom António, primo de Ana Maria pede para ser recebido.</li> </ul> <p>Cena IV - Variante não adoptada</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ana Maria recebe Dom António e queixa-se da infidelidade do esposo, Dom Jaime, e do desaparecimento dos brincos de pérolas e Dom António</li> </ul>

providenciar um quadrilheiro.	compromete-se a arranjar um quadrilheiro.
<p>Cena IV</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte e mostra-lhe os dobrões de ouro, insinuando que não os recebeu para seu bem.</li> <li>- D. Jaime aparece, pergunta por Maria Ana e pede ao Pagem que lhe vá dizer que chegou.</li> <li>- D. Jaime pergunta a Leonor quem deu os dobrões ao Pagem. Ela responde que não sabe mas que acha que não é para seu bem. Diz ainda que se despede da casa de D. Jaime e Maria Ana.</li> </ul>	<p>Cena IV - Variante adoptada</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte e mostra-lhe os dobrões de ouro, insinuando que não os recebeu para seu bem.</li> <li>- Dom Jaime aparece, pergunta por Ana Maria e pede ao Pagem que lhe vá dizer que chegou.</li> <li>Cena V</li> <li>- Dom Jaime pergunta a Leonor quem deu os dobrões ao Pagem. Ela responde que não sabe mas que acha que não é para seu bem. Diz ainda que se despede da casa de Dom Jaime e Ana Maria.</li> </ul>
<p>Cena final</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Maria Ana mostra a D. Jaime o escrínio de cobre de Leonor e abre-o com o segredo dito pelo Pagem.</li> <li>- D. Jaime observa os brincos com o seu óculo e comprova que são muito parecidos com outros, guardados, que ele apresenta como sendo os de Maria Ana.</li> <li>- D. Jaime pede ao Fâmulo, que entretanto trouxera a notícia da chegada</li> </ul>	<p>Cena VI</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ana Maria conta a Dom Jaime que descobriu uma carta com as insígnias dos Clara e Altamira para Leonor e mostra a sua desconfiança em relação a esta.</li> <li>- Ana Maria mostra o escrínio de preço de Leonor a Dom Jaime e abre-o com o segredo dito pelo Pagem.</li> <li>- Dom Jaime observa os brincos com o seu óculo e diz que levou os brincos de Ana Maria ao Lázaro para os polir.</li> <li>- Dom Jaime pede ao Fâmulo, que entretanto trouxera a notícia da chegada do quadrilheiro, que este leve o Pagem</li> </ul>

<p>do quadrilheiro, que este leve o Pagem para a Roda porque possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios.</p> <p>- D. Jaime diz a Maria Ana para aprender a amar os infelizes e convida-a a dançar um minuete.</p>	<p>para a Roda porque possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios.</p>
	<p>Cena final</p> <p>- Dom António apresenta-se a Dom Jaime que lhe indica as desconfianças de Ana Maria.</p> <p>- Dom António pede desculpas aos primos justificando a sua atitude com o amor e ajoelha-se diante de Leonor e Dom Jaime ajoelha-se também diante de Ana Maria.</p>

### 3. Considerações acerca da comédia

As duas versões desta comédia revelam várias diferenças a nível das falas, da ordem e distribuição das falas e dos acontecimentos por cenas, da acção, das personagens e do número de cenas.

Uma primeira nota: na versão A a senhora da casa chama-se Maria Ana e na versão B chama-se Ana Maria; as personagens D. Jaime e D. António de Clara e Altamira da versão A aparecem sem o *Dom* abreviado.

Há falas que existem apenas numa das versões, falas diferentes nas duas versões, falas com informação nova numa das versões, acontecimentos que ocorrem apenas numa das versões (), e que têm implicações com o sentido da comédia, com a acção e com a caracterização das personagens. O facto de Ana Maria mostrar a carta de Dom António ao seu esposo na cena VI da versão B, insinuando que a letra é de Dom António de Clara e Altamira favorece a versão B, pois, na versão A, Maria Ana não fala da carta, sendo esperado que o fizesse uma vez que o seu objectivo era denegrir a imagem de Leonor para a despedir.

O número de cenas é mais reduzido na versão A, porque a cena IV dessa versão é desdobrada na variante adoptada da cena IV da versão B e na cena V da mesma versão e porque a versão B tem uma cena final com o desfecho, inexistente na versão A, e que consiste numa diferença a nível de conteúdo.

Se considerarmos a variante adoptada da cena IV da versão B, como proponho neste trabalho, há outra diferença notória a nível do conteúdo: a versão B não apresenta a conversa entre Ana Maria e Dom António, ainda que a cena II a suponha e que a cena VI nos apresente a decisão tomada por Dom António, com o acordo de Ana Maria: o enviar de um quadrilheiro a casa de Ana Maria para averiguar do desaparecimento dos seus pendants de pérolas. Nessa mesma cena há uma diferença que não tem influência no desenrolar da acção mas que deve ser notada: o Pagem manifesta a seu amor por Leonor ao dizer que lhe contava a terrível verdade e que lhe dava os dobrões de ouro se ela aceitasse casar-se com ele.

A cena III da versão A é desdobrada em duas na versão B: a cena III e a variante não adoptada da cena IV. Este desdobramento torna mais leve a comédia e evita o estranhamento por o Pagem voltar à recâmara de Maria Ana quando esta conversa com D. António.



Na cena I das versões A e B apenas há uma diferença relevante se pode assinalar: na versão A Leonor admite a possibilidade de professar, enquanto na versão B rejeita essa hipótese. Esta é uma diferença significativa, com consequências na cena final da versão A, uma vez que Leonor, quando D. Jaime lhe entrega os brincos de pendentes de Maria Ana, os recusa, dizendo que tenciona professar. Na cena VI da versão B os brincos passam por ser de Leonor, que, apesar de apavorada com o facto dos brincos de Ana Maria estarem dentro do seu cofre, não os recusa, pois não tenciona professar e também porque Dom Jaime a manda calar.

Há uma maior desconfiança da relação adúltera de D. Jaime na versão A, lançada pelo Pagem na cena II da mesma versão quando este dá a entender a Maria Ana que Leonor e D. Jaime conversaram “muito chegadinhos” e “em segredo”. De igual modo a certeza de Maria Ana em relação à infidelidade do marido é maior na cena III da versão A do que na variante não adoptada da cena IV da versão B pois na versão A Maria Ana confirma a D. António a infidelidade do marido (“Assim é.”) e na versão B apenas responde “Sim, talvez...”

## Acção

Em relação à estrutura externa esta é uma comédia em um acto, uma vez que a acção decorre em apenas um espaço: a casa de Ana Maria e Dom Jaime. Esse acto é constituído por cinco cenas, na versão A, e por sete cenas, na versão B.

A estrutura interna corresponde à tripartição típica de qualquer texto dramático: exposição, conflito e desenlace.

Na comédia em análise a exposição (apresentação das personagens e dos antecedentes da acção) corresponde às cenas I e II em ambas as versões, pois nelas são apresentadas ou referidas as personagens necessárias à intriga e tomamos conhecimento da causa que levará ao conflito: os ciúmes de Maria Ana / Ana Maria. Aparecem em cena as personagens de Maria Ana / Ana Maria e de Leonor na cena I de ambas as versões, e o Pagem surge na cena II. É feita referência nessa cena a D. Jaime / Dom Jaime e a D. António / Dom António. Na cena I é apresentada a causa que levará ao desenvolvimento da intriga: o ódio que Maria Ana / Ana Maria sente por Leonor. Na cena I de ambas as versões percebe-se a implicância da senhora com

Leonor quando esta a touca. Na cena II de ambas as versões desconfiamos que Ana Maria sente ciúmes de Leonor quando pergunta ao Pagem se D. Jaime / Dom Jaime falou com a aia antes de sair se escutou a conversa. Maria Ana / Ana Maria obtém, entregando ao Pagem dois dobrões de ouro, o segredo do escrínio que Leonor pusera à sua disposição na cena I de ambas as versões, e fica a saber que D. António / Dom António deixara uma carta para Leonor. Está, deste modo, preparado o terreno para o conflito. Todas as informações importantes para o desenvolver da acção são mencionadas nas cenas I e II, correspondentes à exposição.

O cerne desta comédia é a intriga que Maria Ana / Ana Maria proporciona ao colocar os seus brincos de pendants no escrínio de Leonor (cena II de ambas as versões) para que, ao abri-lo, na cena final da versão A e cena VI da versão B, D. Jaime / Dom Jaime pense que a aia lhe roubara os brincos e assim poder despedi-la com justa causa e terminar a relação adúltera do seu marido. De acordo com a cena II de ambas as versões, D. Jaime / Dom Jaime parece não estar preocupado com o suposto desaparecimento dos brincos pois ficamos a saber que disse a Maria Ana / Ana Maria e a Leonor que eles haviam de aparecer. Como na cena final da versão A e na cena VI da versão B ele faz passar os brincos que adquirira pelos de Maria Ana / Ana Maria, tal leva-nos a pensar que ele já tinha a intenção de adquirir uns brincos iguais aos de sua esposa, fazendo-os passar pelos mesmos. Apesar de fazer crer que julga que os brincos dentro do escrínio de Leonor são dela ao entregar-lhos, D. Jaime sabe que os brincos são de Maria Ana pois, na cena final da versão A, lhe dá a entender que percebeu o que ela fez ao dizer: “Maria Ana, aprendei a amar na vossa felicidade os que são infelizes.”

O conflito corresponde às cenas III, IV e cena final da versão A e às cenas III, IV, V e VI da versão B pois é nessas cenas que a acção se desenvolve devido ao plano de Maria Ana / Ana Maria para denegrir a imagem de Leonor diante de D. Jaime / Dom Jaime. Os acontecimentos não se prevêem a partir da exposição, mas desencadeiam-se de forma lógica e verosímil.

Assim, na cena III de ambas as versões o Pagem anuncia a Maria Ana/ Ana Maria que D. António/ Dom António pede para ser recebido. Na cena III da versão A há a conversa de D. António com Maria Ana sobre a infidelidade do marido, em que Maria Ana pede conselhos a seu primo sobre como actuar e sobre a suposta perda dos brincos de pendants. Amavelmente D. António predispõe-se a providenciar um

quadrilheiro para que se achem os brincos de Maria Ana. Na cena IV da versão A e na cena IV da variante adoptada da versão B, o Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte, dizendo-lhe que Maria Ana / Ana Maria lhe quer mal mais que nenhuma outra e insinua que recebeu os dobrões de ouro em troca de qualquer coisa terrível para Leonor.

Na cena IV da versão A e na cena V da versão B Leonor conta a D. Jaime / Dom Jaime a conversa que teve com o Pagem, manifestando o receio de que algo de mal lhe aconteça e anuncia que se despede de casa de D. Jaime / Dom Jaime.

Na cena VI da versão B, Ana Maria mostra a carta para Leonor com as insígnias dos Clara e Altamira, mostrando a sua desconfiança em relação a Dom António, mostra o escrínio de Leonor que diz ter encontrado no quarto da aia, e abre-o, aparecendo os pendentos de pérolas que lá colocou. Dom Jaime defende Leonor dizendo que, se tinha em seu poder uma carta de Dom António não seria sua culpa. Em relação aos brincos, afirma que levou os de Ana Maria ao Lázaro para os polir e apresentá-los como novos. Pede, então, ao Fâmulo que leve o Pagem para a Roda por possuir dobrões de ouro e saber o segredo dos escrínios. Na cena final da versão A a única diferença significativa a nível da acção é o facto de Maria Ana não falar na carta de D. António para Leonor.

É na fase do conflito que se vislumbra uma das funções da comédia: a denúncia do comportamento de determinadas personagens. É condenável o plano de Maria Ana / Ana Maria para incriminar Leonor do roubo dos seus pendentos de pérolas, por ciúmes. O comportamento do Pagem é reprovável porque entra no quarto das aias, do qual está proibido; porque faz favores e dá informações, servindo interesses opostos e prejudicando quem ama, Leonor, por dinheiro. Na variante adoptada da cena IV, o Pagem faz chantagem com Leonor dizendo que lhe contava a terrível verdade e lhe dava os dobrões de ouro se ela aceitasse casar com ele.

Por outro lado, também há, de certa forma, uma crítica a uma norma social, a da não-aceitação do relacionamento entre pessoas de diferente estatuto social. Maria Ana / Ana Maria é a representante desse tipo de mentalidade por não ver com bons olhos que D. António / Dom António, senhor nobre, fique no parque a conversar com Leonor. Na cena VI da versão B, perante Dom Jaime, Ana Maria mostra a sua desaprovação em relação ao facto de Dom António requestar uma açafata. Nessa mesma cena Ana Maria também não aceita que a sua aia privada tenha um escrínio

de preço. O leitor contemporâneo não encara com naturalidade que D. António / Dom António não se possa relacionar com Leonor nem que esta não possa ter um escrínio de preço como o de sua senhora.

Esta é uma comédia de situação por a sua acção consistir na existência de intrigas. Presente está o tema do engano em que várias personagens estão envolvidas até culminar sendo resolvido o problema. Maria Ana / Ana Maria tenta enganar D. Jaime / Dom Jaime ao colocar os seus pendentes dentro do escrínio de Leonor, de modo a que acredite que a aia os tenha roubado; quando diz que descobriu o escrínio de Leonor na sua câmara, omitindo que a aia lho havia posto à disposição a fim de facilitar o acto de a incriminar e quando diz a Dom Jaime que descobriu a carta com as insígnias dos Clara e Altamira na câmara de Leonor (na cena VI da versão B). D. Jaime / Dom Jaime também tenciona enganar Maria Ana quando compra os brincos de pérolas para os fazer passar pelos de sua esposa. Fica a dúvida se o fez para poupar o sofrimento de sua esposa pela perda dos brincos ou se ele já desconfiava do plano incriminatório de Maria Ana / Ana Maria. Ao ver os brincos de pérolas dentro do escrínio de Leonor faz crer que acredita que são os de Leonor e, na cena final da versão A, entrega-lhos. No entanto, no final dessa cena dá a entender à sua esposa que percebeu a sua manobra. Na cena VI da versão B Dom Jaime faz crer que acredita que os brincos dentro do escrínio de Leonor são da aia, mas, ao mandá-la calar desconfiamos que ele percebeu a manobra incriminatória de Ana Maria. Parece haver uma intenção correctiva porque Ana Maria perde, na cena VI da versão B, os seus brincos para Leonor, a aia privada. Também na cena final da versão A D. Jaime lhe dá a entender que percebeu a sua manobra, repreendendo-a subtilmente pela sua atitude.

O momento da cena final da versão B em que Dom Jaime e Dom António se ajoelham aos pés de Ana Maria e Leonor, respectivamente, consiste num momento cómico de reconciliação.

O desfecho, ou desenlace da acção, corresponde à cena final da versão B, pois é nela que são resolvidas as peripécias. Na cena final da versão B é resolvida a questão da carta quando Dom António confessa o seu amor por Leonor e se ajoelha diante dela, pedindo desculpas aos primos. O final é feliz pois Dom António parece ser desculpado por Dom Jaime e deduzimos que não será dispensado das visitas a casa de seus primos. Na cena final da versão A não há desfecho.

## **Personagens principais e secundárias**

As personagens principais são Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime e D. António / Dom António. Leonor, o Pagem e o Fâmulos são personagens secundárias.

### **Maria Ana / Ana Maria**

Casada com D. Jaime / Dom Jaime é uma senhora nobre porque tem à sua disposição uma aia privada, um Pagem e um Fâmulos, porque é sempre tratada pela segunda pessoa do plural, muitas das vezes como “a senhora” e “Vossa Senhoria”, porque o Pagem e D. António / Dom António lhe fazem vénias e porque, se atentarmos na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B, percebemos que Maria Ana / Ana Maria tem contactos com a corte, pois tencionava ir ao serenim de Suas Majestades, em Queluz.

Maria Ana / Ana Maria sente ciúmes de Leonor porque suspeita que seu marido a ama. Por isso procura sempre motivos para a diminuir. No início da comédia queixa-se da demora de Leonor, da falta de jeito e de organização, da existência de criados de Leonor a escudeirarem a casa da parte de dentro, insinua que Leonor tem pretensões superiores ao que seria suposto (quando pergunta se Leonor acha que os “mochilas” ou “eguariços” são gente baixa demais para ela); puxa um frasco para a borda da banquinha e fá-lo cair para incriminar a aia, chamando-a de negligente; ameaça despedi-la quando “a razão for assaz forte”, não lhe valendo o facto de ser filha de uma valida da mãe de D. Jaime / Dom Jaime.

Maria Ana / Ana Maria é uma mulher astuta porque engendra um plano que incriminará Leonor, apoiado numa série de mentiras, sem que possa ser suspeita de querer mal a Leonor. O plano poderia funcionar se D. Jaime / Dom Jaime não tivesse comprado os brincos de pérolas. A dissimulação de Maria Ana / Ana Maria está ao serviço do acto de poder incriminar Leonor. Mente ao afirmar perante D. António / Dom António que desapareceram os seus brincos e diz confiar em todos os seus servos. Fiel ao seu plano incriminatório, mente ainda, perante Dom Jaime, na cena VI da versão B, ao afirmar que, durante uma vista de olhos pela câmara de Leonor encontrara uma carta ostentando as armas dos Clara e Altamira. O objectivo seria fazer

Dom Jaime desconfiar que Leonor teria um caso com Dom António, o que poderia tornar mais fácil o despedimento da aia. Maria Ana / Ana Maria mostra-se dissimulada também quando diz a Leonor que se sente indisposta na cena III de ambas as versões e quando dá a entender a D. António / Dom António que não se sente bem, na cena IV da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B. Ana Maria também dissimula ao fazer insinuações relacionadas com a suspeita de que Leonor tenha alguma culpa na carta de Dom António. Assim, afirma perante Dom Jaime, na cena VI: “Dom Jaime, talvez todo o mal não esteja em Dom António...” e “Tende-lo por único culpado?”, em relação a Dom António.

Maria Ana / Ana Maria é uma personagem ativa, severa na maneira como trata Leonor, mas também com o Pagem, na cena II da versão B, quando lhe pergunta se escutou a conversa entre Dom Jaime e Leonor e na cena II de ambas as versões quando ameaça arrancar-lhe as orelhas se ele a enganar alguma vez. Reage com impaciência e violência em ambas as versões para saber as informações que pretende quando sabe pelo Pagem que ganhou um dobrão por via da Leonor.

Ana Maria tem uma mentalidade que ainda não se abriu à modernidade, às novas ideias professadas por Dom António (versão B), vindas da França pois não vê com bons olhos uma relação entre seu primo e Leonor, uma aia privada, considerando, na cena VI da versão B, o acto de seu primo de escrever a carta a Leonor uma fraqueza própria dos homens da sua idade. Também não aceita, na mesma cena, que Leonor tenha um escrínio de preço como se de uma senhora se tratasse.

Maria Ana / Ana Maria é uma mulher que usa muitas jóias e dada a vaidades e à riqueza pois, na cena I de ambas as versões, em conversa com Leonor, considera-se “casquilha” e, na cena final da versão A e na cena VI da versão B fica encantada com o escrínio de Leonor a tal ponto que pede a seu marido que mande lavrar no Lázaro um escrínio semelhante àquele em prata e ouro na versão A e em ouro e pedraria na versão B.

## **Leonor**

Aia privada de Ana Maria, filha de uma valida da Marquesa de Valedoiro, mãe de D. Jaime / Dom Jaime.

Sabe que a sua senhora não gosta dela e defende-se perante as insinuações como pode. Na versão A admite a hipótese de vir a professar.

Leonor possui um escrínio de cobre na versão A e de preço na versão B que a mãe de D. Jaime / Dom Jaime, a Marquesa de Valedoiro, lhe ofereceu.

Na cena IV da versão A e na cena V da versão B Leonor mostra a sua gratidão perante D. Jaime / Dom Jaime pelo bem que este lhe tem feito.

Revela uma grande humildade quando, na cena I de ambas as versões, sugere à sua senhora que dispense seus serviços quando esta a chama de “negligente” por deixar cair a Água da Rainha da Hungria e acaba por se despedir à sua conta quando Maria Ana / Ana Maria ameaça despedi-la. É um sinal de humildade o facto de Leonor por à disposição de Ana Maria / Maria Ana as suas economias guardadas no escrínio em sua câmara enquanto a sua senhora não achar os pendentos desaparecidos. Por outro lado é também humilde quando recusa os serviços que D. António / Dom António lhe propõe para sua defesa, na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV.

## **D. Jaime / Dom Jaime**

Casado com Ana Maria, é um senhor nobre, filho da marquesa de Valedoiro. É referido pela primeira vez por Maria Ana / Ana Maria na cena I de ambas as versões.

D. Jaime / Dom Jaime procura enganar Maria Ana / Ana Maria ao fazer passar os brincos de pérolas que comprara pelos de sua esposa. Não sabemos se os comprou para fazer crer a Maria Ana / Ana Maria que os não perdera ou se já desconfiava que ela ia incriminar Leonor. O certo é que, em ambas as versões ele percebe que aqueles brincos são os de sua esposa e que Leonor não é culpada.

Dom Jaime sente uma grande admiração por Leonor. Demonstra, na cena IV da versão A confiança nela ao dizer-lhe que não deve temer nada se não tem pecado e, na cena V da versão B, quando diz que ela merece o que ele tem feito por ela pois conhece-a de menina e moça. Quando confrontado com a carta com as armas dos Clara

e Altamira para Leonor, na cena VI da versão B, Dom Jaime defende-a dizendo que ela é inocente.

Parece não simpatizar muito com D. António / Dom António: é irónico quando, na cena final da versão A e na cena VI da versão B, falando com Maria Ana / Ana Maria sobre seu primo, depois de este se ir embora, se refere a ele como “Sua Ilustríssima e a sua sapiência!”, fazendo uma vénia de bom humor. Dom Jaime, à semelhança de Maria Ana / Ana Maria não perdoa que Dom António tenha escrito uma carta a Leonor e imediatamente decide que vai dispensar as visitas de Dom António a sua casa. Por outro lado, D. Jaime / Dom Jaime não gostou que Ana Maria aceitasse que Dom António enviasse um quadrilheiro a sua casa sem a sua permissão.

Dom Jaime não tolera que o Pagem possua dobrões de ouro nem que saiba o segredo dos escrínios e, por isso, na cena final da versão A e na cena VI da versão B, pede ao Fâmulos que diga ao quadrilheiro que leve o Pagem para a Roda “para que aprenda a ser um homem” (Cena VI da versão B).

### **Pagem**

Não tem um comportamento sério pois aceita qualquer serviço por dinheiro, para pessoas com interesses diferentes, prejudicando quem gosta e quebrando as regras da casa.

O Pagem é descrito como “*piscando os olhitos manhosos*” quando percebe que poderá obter algum dinheiro de Maria Ana / Ana Maria prestando-lhe um serviço. Ficamos a saber pela cena II das duas versões que o Pagem escutou a conversa entre Leonor e D. Jaime / Dom Jaime; que se esconde atrás do rás para observar às escondidas o que se passa depois de Maria Ana / Ana Maria lhe ter ordenado que fosse verificar se Leonor andava a passear o Charmant; que entra na câmara de Leonor, estando-lhe vedado o acesso à câmara das aias, para lá depositar uma carta de D. António / Dom António e que aceita dinheiro de Maria Ana / Ana Maria em troca de informações (a conversa entre Leonor e D. Jaime / Dom Jaime, a carta de D. António / Dom António para Leonor e o segredo do escrínio de Leonor). O Pagem revela-se dissimulado quando finge fazer esforço para se lembrar do segredo do escrínio, fazendo a parte que isso não o interessava muito.



Leonor considera-o, na cena IV da versão A e na cena V da versão B, uma criança por ter aceitado dinheiro em troca de um serviço que ela julga não lhe ser favorável. A infantilidade do Pagem está no facto de, apesar de gostar de Leonor e de avisar do perigo, ter aceitado dinheiro para algo de terrível para ela.

#### **D. António / Dom António**

Dom António é um senhor nobre, referido respeitosamente por todas as personagens, muitas das vezes pelo seu título, “Sua Ilustríssima o Principal”.

Na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B, D. António / Dom António revela-se cordial, atencioso, gentil, culto e possui o dom da palavra. É um homem poderoso, segundo as suas próprias palavras, e “filho de algo” nas de Ana Maria. É o confidente de Ana Maria em quem ela deposita confiança e a quem pede conselhos sobre como actuar perante a infidelidade do marido. Revela-se defensor dos meios pacíficos de resolver os problemas ao aconselhar Maria Ana / Ana Maria a evitar a vingança em relação à infidelidade do marido. A sua gentileza é notória na variante não adoptada da cena IV da versão B quando ele se mostra disponível para ouvir Ana Maria mais pormenorizadamente nessa noite, no Paço, durante o serenim de Suas Majestades, em Queluz. Também se mostra gentil quando se predispõe a passar pela Intendência para providenciar o mais hábil dos quadrilheiros para suprir a falta dos brincos de pérolas de Maria Ana / Ana Maria.

D. António / Dom António ama Leonor, como já foi dito acima. Perante Dom Jaime, na cena VI da versão B, Ana Maria considera-o ter “as fraquezas de todos vós homens” devidas à mocidade. O facto de D. António / Dom António requisitar açafata do serviço de Ana Maria está em consonância com as ideias modernas que provém da França e que Dom Jaime diz, na cena VI da versão B, que Dom António professa. Num aparte para Leonor na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B D. António / Dom António demonstra a sua solidariedade para com ela oferecendo-se para lhe prestar um grande serviço. Na cena IV da variante não adoptada demonstra o seu amor dizendo ser “servo humilde” de Leonor. D. António / Dom António prevê, portanto, que seja uma das suspeitas de Maria Ana / Ana Maria (“Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!”).

## **Fâmulo**

Aparece na cena final da versão A e na cena VI da versão B anunciando a chegada do quadrilheiro da parte de Dom António e perguntando que recado lhe dará.

## **Espaço**

O espaço cénico é a casa de Maria Ana / Ana Maria e D. Jaime / Dom Jaime, onde se desenrola a acção. Na cena I de ambas as versões a acção de Leonor tocar Maria Ana / Ana Maria passa-se na recâmara de tocar da senhora.

Na cena II de ambas as versões há a referência à alcova de Maria Ana / Ana Maria onde esta vai depositar o escrínio de metal de Leonor e depois buscá-lo. De resto, as informações do Pagem a Maria Ana / Ana Maria são dadas na recâmara da senhora. Na cena III da versão A a acção passa-se na recâmara de tocar de Maria Ana, onde ela conversa com D. António. Na cena III da versão B Ana Maria encontra-se na recâmara de tocar quando Leonor e o Pagem aparecem à F.

Na cena IV da versão A não há referência ao espaço concreto da casa onde o Pagem e Leonor conversam e onde depois aparece D. Jaime, mas deduzimos que é a recâmara de tocar de Maria Ana, enquanto esta acompanha seu primo à porta. Na variante adoptada da cena IV da versão B também não há referência ao espaço concreto em que decorre a conversa entre Leonor e o Pagem, apenas sabemos que é fora da recâmara de Ana Maria, de onde eles saem na cena anterior.

Na variante não adoptada da cena IV da versão B a conversa de Ana Maria com Dom António passa-se na recâmara de tocar, onde Ana Maria se encontra, estirada no canapé. Na cena final da versão A também não há referência ao espaço em que se passa a acção. Contudo, como Maria Ana se encontrava na recâmara de tocar antes de acompanhar seu primo à porta, deduz-se que é lá que se passa a acção. Na cena V da versão B também não há referência ao espaço concreto em que se passa a acção, mas sabemos que é o mesmo da variante adoptada da cena IV, fora da recâmara de tocar de Ana Maria. Na cena VI da versão B não há referência onde Ana Maria entra, seguida do Pagem, mas supomos que é na sua recâmara de tocar, onde ela mostra a Dom Jaime a carta de Dom António para Leonor e onde ela abre o cofre e se revelam os pendentos de pérolas que lá colocara. Na cena final da versão B não há

referência ao sítio concreto em que se passa a acção, mas deduz-se que Dom António entra na recâmara de tocar de Ana Maria, onde estão Ana Maria, Dom Jaime e Leonor.

Na cena I de ambas as versões Maria Ana / Ana Maria alude para o parque, onde o Pagem anda a passear o Charmant. Na cena II de ambas as versões o parque é novamente um espaço aludido quando o Pagem conta a Maria Ana / Ana Maria que Leonor e D. António / Dom António se encontram lá a conversar. Na cena final da versão A e na cena VI da versão B são aludidos dois espaços: o Lázaro e a Roda. O Lázaro é aludido por Maria Ana / Ana Maria quando pede a D. Jaime / Dom Jaime que mande lavar um escrínio semelhante ao de Leonor e por Dom Jaime, na cena VI da versão B, quando refere que levou os brincos de Ana Maria ao Lázaro para os polir. A Roda é o espaço para o qual D. Jaime / Dom Jaime diz que o Pagem deve ir, como castigo.

### **Tempo**

Não há referência à passagem do tempo. Talvez se possa deduzir que a acção se passa no mesmo dia.

### **Modalidades do texto dramático**

Podemos considerar que o discurso dramático nesta comédia consiste em diálogos e apartes, mas não há monólogos. Não faltam as indispensáveis indicações cénicas. Elas desempenham uma função muito importante nesta comédia, pois elas indicam o cenário em que se passa a acção, as personagens, fornecem indicações sobre a sua movimentação em palco, as suas expressões faciais, os seus gestos, as entradas e saídas em cena. Através delas compreendemos ainda o carácter das personagens e as suas intenções.

No caso desta comédia, parece faltar algumas didascálias que seriam importantes para compreender melhor o espaço concreto em que se passa a acção. No entanto, temos a indicação de que o espaço é a casa de Maria Ana / Ana Maria e D. Jaime / Dom Jaime, mais concretamente a recâmara de tocar de Ana Maria de que é

feito um retrato bastante pormenorizado na indicação cénica que antecede a comédia. A porta do fundo médio (a F.) é referida sempre que aí surgem ou saem personagens (o Pagem, Leonor, Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime).

A indicação cénica que antecede a comédia permite-nos concluir que o espaço em que se passa a acção é uma casa nobre, pela descrição que é feita da recâmara de tocar. Elas indicam as vénias que são feitas a Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime e D. António / Dom António, personagens nobres.

É por meio das didascálias que percebemos a afectação de Maria Ana / Ana Maria e a sua severidade e altivez para com Leonor e o Pagem, por ciúmes e impaciência. As didascálias são essenciais para percebemos as más intenções de Maria Ana / Ana Maria para com a sua aia na cena I de ambas as versões.

As didascálias apresentam-nos o Pagem como manhoso, dissimulado. As didascálias indicam as reacções de Leonor em relação ao mal que lhe acontece: de estarrecimento nas duas versões quando sua senhora suspeita de si, de susto, nas duas versões, quando o Pagem lhe diz que tem uma coisa terrível para lhe contar e, na cena VI da versão B, de pavor quando repara nos brincos de pendants de Ana Maria dentro do seu escrínio.

É ainda por meio das didascálias que percebemos a reacção de espanto de D. Jaime / Dom Jaime perante a notícia por parte de Leonor de que se despede, depois quando recebe a notícia de que o quadrilheiro da parte de D. António / Dom António acabara de chegar. Percebemos, na cena final da versão A, a ironia de D. Jaime em relação à sapiência de D. António por meio de uma didascália.

## 4. Bibliografia

### 4.1. Bibliografia activa

- Aleixo Ribeiro, *A Voz do Meu Sentir*, Lisboa, Pap. Guedes, 1920.  
idem, *Claustro de Símbolos*, Lisboa, Casa Garrett, 1923.  
idem, *O pecado da Mimi*, Lisboa, Tip. Luzitania, 1924.  
idem, *Jogo de Damas*, Lisboa, Nunes de Carvalho, 1933.  
idem, *Bússola Doida*, Lisboa, Ed. Europa, 1938.  
idem, *A Caixa de Música*, Lisboa, Argo, 1940.  
idem, *Companha*, s.l., 1943.  
Mário Vilar, *História Maravilhosa de Erasmo de Roterdão*, Lisboa, Argo, 1943.  
Mário Vilar, *História Maravilhosa de Galileu*, Lisboa, Argo, 1944.  
Aleixo Ribeiro, *Bairro Excêntrico*, Lisboa, Inquérito, 1945.  
idem, *Borboletas da Noite*, Lisboa, Organizações, 1956.  
idem, *Patrão Bento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1971.  
idem, *O Sentido Humano de Cultura e de Arte*, s/l, 1975.  
*Don Segundo Sombra*, Ricardo Guiraldes, trad. Aleixo Ribeiro, Lisboa, Editorial-Século, 1926.  
*A vida : grande revista de expansão nacional e internacional*, propr. e ed. Álvaro Canelas, dir. Aleixo Ribeiro, Lisboa, A. Canelas, 1931.

### 4.2. Referências bibliográficas

- *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 4, Editorial Verbo, Lisboa / São Paulo, 2001.  
Título:  
- CORVIN, Michel, *Dictionnaire Encyclopédique du Théâtre*, 1ª ed., Bordas, Paris, 1995.  
- *Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, 1979.

- *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Edição. Séc. XXI*, n.º 25, Editorial Verbo, Lisboa, São Paulo, 2002.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, limitada, Lisboa, Rio de Janeiro, vol. XXV, Braga, 1978.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, actualização, Editorial Enciclopédia, limitada, Lisboa, Rio de Janeiro, vol. X, Braga, 1987.
- PAVIS, Patrice, *Dictionnaire du théâtre*, Editions Sociales, Paris, 1987.
- SALEMA, Álvaro, “Lembrando Aleixo Ribeiro (1899-1977)”, in *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, n.º 99, Set. 1987, p. 70-71.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 17.<sup>a</sup> edição, 1996.

## 5. Critérios seguidos

Os critérios por mim adoptados para a edição do texto em questão são os seguintes:

- Escolha da versão que creio ser a mais recente por apresentar melhorias em relação à outra.
- Correção dos erros ortográficos.
- Correção de gralhas e incorrecções devidas a lapsos evidentes, nomeadamente em relação à atribuição de algumas falas, ao conteúdo, à grafia, à acentuação, ao uso de maiúsculas quando em posição não inicial e à pontuação quando é manifesto que ela não é a correcta.
- Alterei a letra inicial minúscula de uma personagem para letra maiúscula.
- Actualização ortográfica nos casos em que tal não interfira com questões fonéticas.
- Normalização ortográfica.
- Utilização do itálico nas didascálias e nas expressões estrangeiras.
- Utilização do parêntesis de abertura nas didascálias, em falta no texto original e, nalgum caso ou noutro o de fechamento, esquecido pelo autor.
- Alinhamento à esquerda das didascálias.

## 6. Notas e comentários acerca da edição

Os originais das duas versões estão dactilografados. A ortografia de ambos os textos leva-me a crer que estes foram redigidos antes do Acordo Ortográfico de 1945, pois não segue a norma ortográfica aí presente. Considero a versão B mais recente por apresentar melhorias em relação à versão A em diferentes domínios: não há tantos erros ortográficos, nem tantas gralhas, a pontuação é mais cuidada e a trama está melhor urdida. Tudo aponta para que seja uma reescrita do texto da versão A.

Optei por uma edição face a face por permitir a comparação das duas versões, as quais apresentam diferenças: falas que aparecem numa versão e na outra não, falas diferentes, falas que numa versão aglutinam duas ou mais falas da outra versão, o diferente número de cenas das duas versões (cinco na versão A e sete na versão B), diferenças na sequência das falas, dos acontecimentos e a diferente distribuição do texto por cenas. Vejamos alguns exemplos de diferenças entre as versões A e B e as consequências na trama da comédia:

Cena I	
Versão A	Versão B
<p>MARIA ANA</p> <p>Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!</p> <p>LEONOR</p> <p>Nunca de tal cuidei valer-me, senhora. E a prova é que me despeço à minha conta.</p> <p>MARIA ANA</p> <p>(<i>Enfrentando-a.</i>) Contas que interceda por ti o senhor meu esposo, ou o senhor</p>	<p>ANA MARIA</p> <p>Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra, conhecer de menino e moço o senhor Dom Jaime!</p> <p>LEONOR</p> <p>Enganai-vos, senhora Dona Ana Maria, que nunca de tal pensei valer-me...</p> <p>ANA MARIA</p> <p>... E dos bons ofícios do Principal, senhor Dom António...?</p>



D. António?	
LEONOR	LEONOR
Sabeis que nunca me vali do senhor D. Jaime, e muito menos o contei de o primo de Vossa Senhoria!...	Ainda menos, senhora... E tanto que me despeço à minha conta.

Neste exemplo, em relação à primeira fala de Ana Maria, é mais correcto “não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra” (versão B) do que “não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!” (versão A). Verifica-se ainda uma diferença relevante em relação à ordem das falas / acontecimentos: na versão A Leonor despede-se logo a seguir à ameaça de Maria Ana, enquanto na versão B Leonor apenas se despede depois de Ana Maria lhe perguntar se acha que se poderá valer dos “bons ofícios de Dom António”.

Cena II	
Versão A	Versão B
<p>PAGEM</p> <p>Saiba Vossa Senhoria, que sim – e os dois muito sozinhos.</p> <p>MARIA ANA</p> <p>E muito chegadinhos?</p> <p>PAGEM</p> <p>Tem-te-não-caias, para falarem em segredo.</p>	<p>PAGEM</p> <p>Saiba Vossa Senhoria que falou.</p>

No exemplo acima verificamos que, na primeira fala do Pagem da versão A, há uma informação que não consta na fala correspondente da versão B: “e os dois muito sozinhos”, e que as falas seguintes não aparecem na versão B. Esta supressão retira o efeito de reforço do carácter secreto da conversa de D. Jaime / Dom Jaime com Leonor, o que tem influência na interpretação da comédia. Ao contrário da versão A, a versão B não permite a certeza da traição de Dom Jaime.

Cena IV da versão A	Cena IV da versão B
<p>PAGEM</p> <p>Não queria estar em tua pele.</p> <p>LEONOR</p> <p>Nem tu, nem ninguém.</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Matreiro.</i>) Ninguém?... E D. António?</p> <p>(<i>Interdito</i>) E... e...</p> <p>LEONOR</p> <p>(<i>Agastada.</i>) Que vais dizer?... Anda, leva a água ao teu moinho!</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Suasivo.</i>) Não levo, porque sou homem e acho-te muito boazinha, como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e a nossa senhora mais do que nenhuma!</p> <p>LEONOR</p> <p>Se soubesses como me arrepia esse bem-querer de todos os homens! Olha, tanto como o malquerer de nossa senhora!</p> <p>PAGEM</p> <p>Oh, não digas isso... Eu sou homem e gosto muito de ti. Gosto, mesmo, mais de ti do que da nossa senhora, e ela tem-me feito muito bem, e tu não.</p> <p>LEONOR</p> <p>Que bem querias que eu te fizesse, se sou tão pobre como tu!</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Aprensivo.</i>) E, no entanto, queria eu</p>	<p>PAGEM</p> <p>Não queria estar em tua pele.</p> <p>LEONOR</p> <p>E quem o desejaria...?</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Matreiro.</i>) Quem? Ora!, talvez Dom António... Talvez também...</p> <p>LEONOR</p> <p>(<i>Ameaçadora.</i>) Que vais dizer...?</p> <p>PAGEM</p> <p>Nada... E, no entanto, acho-te bonita como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e nossa ama mais que nenhuma!</p> <p>LEONOR</p> <p>Que mal lhe fiz?</p> <p>PAGEM</p> <p>És mais bonita do que ela... Assim também eu gosto mais de ti. E assim desejaria fazer-te bem como o querem todos os homens. Assim, devia contar-te uma cousa terrível para ti.</p>

fazer-te bem, livrar-te de um mal, contando-te uma coisa terrível para ti.	
---	--

Neste exemplo a primeira fala de Leonor diverge de uma versão para a outra. A terceira fala do Pagem introduz ainda uma diferença: na versão A considera Leonor muito boazinha, enquanto na versão B considera-a bonita. Na segunda fala de Leonor da versão A aparece a indicação de que está “*agastada*” na sequência da insinuação do Pagem, enquanto na versão B ela reage de forma ameaçadora, o que implica uma diferença a nível da reacção da personagem, e, consequentemente, na sua personalidade. Por outro lado, a fala “Anda, leva a água ao teu moinho!”, da versão A, foi suprimida na versão B. A terceira fala de Leonor é diferente nas versões A e B: enquanto na versão A Leonor afirma o receio do bem-querer de todos os homens por ela e do malquerer de sua senhora, na versão B reage com mais firmeza ao perguntar “Que mal lhe fiz?” Estas diferenças permitem-nos concluir que, na versão B, Leonor é mais firme e menos passiva. Na versão A, na fala em que o Pagem diz que gosta mais de Leonor do que da sua senhora, diz também que esta lhe tem feito muito bem e Leonor não. A fala correspondente na versão B apenas tem em comum o facto do Pagem dizer que gosta mais de Leonor do que da sua senhora. O autor acrescentou informação nova a esta fala: o Pagem diz que Leonor é mais bonita do que a sua senhora e que gostaria de lhe fazer bem, como diz quererem todos os homens, contando-lhe uma coisa terrível. Na versão A só afirma que lhe devia contar uma coisa terrível depois da fala em que Leonor justifica o facto de não ter feito bem ao Pagem. Esta fala de Leonor foi suprimida na versão B.

Cena IV da versão A	Variante adoptada da cena IV da versão B
<p>PAGEM</p> <p>(<i>Fixando-a.</i>) Talvez por seres mais bonita... (<i>Ante a súbita chegada pela F. de um novo personagem, ocultando precipitadamente as moedas, e mesurando com Leonor.</i>) Senhor D. Jaime.</p>	<p>PAGEM</p> <p>(<i>Mirando-a.</i>) Talvez por seres mais bonita...E daí, se gostasses de mim, se quisesses casar comigo, dizia-te tudo, dava-te estes dobrões... (<i>Guarda precipitadamente as duas moedas diante de D. Jaime que assomou à F. e o está</i></p>

	<i>observando.)</i>
--	---------------------

Na versão B a fala do Pagem contribui para acentuar o carácter interesseiro e oportunista da personagem pois este diz a Leonor que lhe contaria a verdade sobre os dobrões e lhos dava, caso ela aceitasse casar-se com ele.

A cena VI da versão B é mais sintética do que a cena final da versão A. Nesta cena foram suprimidas falas dispensáveis da versão A, tornando-a mais fluida. Na versão A há uma série de falas de Maria Ana e D. Jaime acerca do escrínio antes chegada do Fâmulo que não existem na versão B e há falas a seguir à sua chegada sobre o segredo do escrínio e o que estará guardado lá dentro que também não constam na versão B. Nesta versão é numa só fala que Ana Maria pede desculpas a Dom Jaime por ter aceitado, sem o seu consentimento, um quadrilheiro em sua casa, elogia o escrínio de Leonor, pede a Dom Jaime que mande lavrar no Lázaro um escrínio semelhante em ouro e pedraria e pergunta ao Pagem se se lembra do segredo do escrínio.

A designação “Figurantes”, na versão A, não é correcta, pois indica uma lista de personagens, que podemos considerar válida para a versão B, se considerarmos que Maria Ana (versão A) corresponde a Ana Maria (versão B), que D. Jaime (versão A) corresponde a Dom Jaime (versão B) e que D. António de Clara e Altamira (versão A) corresponde a Dom António de Clara e Altamira (versão B). Também a indicação cénica inicial da versão A parece válida para a versão B.

No texto original da versão A, a tinta azul clara, surgem as mesmas palavras com diferentes grafias, as didascálias aparecem sublinhadas e há várias correcções a caneta (substituições de palavras, acentos e gralhas). É um texto que apresenta mais erros ortográficos, alguns deles corrigidos posteriormente pelo autor a caneta. Outros foram por mim corrigidos. Também corriji gralhas típicas dos textos dactilografados (palavras agarradas, trocas de letras, letras a mais, letras em falta, hífenes mal colocados, maiúsculas em posição não inicial.) Alterei *pagem-de-tocha* para *Pagem de Tocha* por referir uma personagem e por estar de acordo com a referência na lista

de personagens. Procedi a actualizações ortográficas, conforme a norma ortográfica do Acordo Ortográfico de 1945. Procedi à normalização ortográfica de *pagem e Pagem* para *Pagem*, de *senhora e Senhora* para *senhora* e de *rezão e razão* para *razão*. Fiz alterações mínimas na pontuação:

Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Talvês porque mochilas, eguariços e pagens, sejam mafra baixa de mais para ti... (Cena I.)</i>	<i>Talvez porque mochilas, eguariços e pagens sejam mafra baixa demais para ti...</i>
<i>Mal... E vós, senhor meu primo. (Cena III.)</i>	<i>Mal... E vós, senhor meu primo?</i>
<i>mas disso só adveio a guerra, o mal, e até, o extermínio horroroso do mundo. (Cena III.)</i>	<i>mas disso só adveio a guerra, o mal, e até o extermínio horroroso do mundo.</i>
<i>Mas sabes, deram-me dois dobrões. (Cena IV.)</i>	<i>Mas sabes? Deram-me dois dobrões.</i>
<i>(Depois de ter ido guardar numa gaveta, uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor:) (Cena IV.)</i>	<i>(Depois de ter ido guardar numa gaveta uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor.)</i>
<i>o único que me não guarda rancor, e agora mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura. (Cena IV.)</i>	<i>o único que me não guarda rancor, e agora, mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura.</i>
<i>Oh, senhor meu esposo. (Cena final.)</i>	<i>Oh, senhor meu esposo!</i>
<i>Fui acompanhar até à porta, D. António. (Cena final.)</i>	<i>Fui acompanhar até à porta D. António.</i>
<i>Leonor, disse-me que se despede hoje. (Cena final.)</i>	<i>Leonor disse-me que se despede hoje.</i>
<i>Para quê?... se vossos brincos são únicos, e quem vos assegura do sumiço que cuidais. (Cena final.)</i>	<i>Para quê?... Se vossos brincos são únicos. E quem vos assegura do sumiço que cuidais?</i>
<i>Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora. (Cena final.)</i>	<i>Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora?</i>

No texto original da versão B, a tinta preta, as didascálias não aparecem sublinhadas e há várias correcções a caneta (substituições de palavras, acentos e gralhas). As personagens de Dom Jaime e Dom António aparecem grafadas como Don Jaime e Don António, o que se deve possivelmente à juventude do autor, pois a comédia é do século XX, não se justificando o castelhanismo. Corrigi os erros ortográficos e as gralhas. Algumas delas têm influência no conteúdo: gralhas na atribuição das falas e gralhas por distração em relação ao que foi escrito antes.

Cena VI da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<b>DON JAIME</b> <i>À minha fé, senhor Don Jaime... pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!</i>	<b>LEONOR</b> <i>À minha fé, senhor Dom Jaime... Pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!</i>

Cena IV da variante não adoptada da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<b>DON JAIME</b> <i>com resolução) Senhora prima, contai com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.</i>	<b>DOM ANTÓNIO</b> <i>com resolução) Senhora prima, contai com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.</i>
<b>DON JAIME</b> <i>à parte a Leonor) Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escrvaizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!</i>	<b>DOM ANTÓNIO</b> <i>à parte a Leonor) Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!</i>

Cena II da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Don António me deu <u>dois dobrões</u>!</i>	<i>Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Dom António me deu <u>um dobrão</u>!</i>

Altereí a designação da personagem *pagem de tocha* para *Pagem de Tocha*, como indicado na lista das personagens. Procedi a actualizações ortográficas conforme a norma ortográfica do Acordo Ortográfico de 1945. Normalizei a grafia de *pagem* e *Pagem* para *Pagem*, de *senhora* e *Senhora* para *senhora*, de *senhora prima* e *Senhora Prima* para *senhora prima*, de *Sua Ilustríssima* e *sua Ilustríssima* para *Sua Ilustríssima*. Fiz ainda alterações mínimas na pontuação:

Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Ah quando a rezão for assaz forte</i> (Cena I.)	<i>Ah, quando a razão for assaz forte</i>
<i>sem que primeiro demos fé dos pependentes de pérola que ontem se me extraviaram</i> (Cena I.)	<i>sem que primeiro demos fé dos pependentes de pérolas que ontem se me extraviaram.</i>
<i>E mais, sabeí – que já apanhei um dobrão, por via da Leonor.</i> (Cena II.)	<i>E mais, sabeí que já apanhei um dobrão, por via da Leonor.</i>
<i>E não compreendo porque ainda o defendes?</i> (Cena V.)	<i>E não compreendo porque ainda o defendes.</i>
<i>E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?...!</i> (Cena VI.)	<i>E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?!...</i>
<i>Abre-se com segredo. Conhecei-lo...</i> (Cena VI.)	<i>Abre-se com segredo. Conhecei-lo?...</i>
<i>Apavorada) Senhor Don Jaime!:::</i> (Cena VI.)	<i>(Apavorada.) Senhor Dom Jaime!</i>

**II.**  
**AS DUAS VERSÕES**





Lídia da Piedade dos Santos Pereira

ALEIXO RIBEIRO

*GALANTERIA*

*PEÇA EM 1 ACTO*

Lisboa

FIGURANTES

MARIA ANA .....	23 anos
LEONOR, sua aia privada .....	” “
D. JAIME, seu esposo .....	25 anos
D. ANTÓNIO DE CLARA E ALTAMIRA, seu primo .....	“ “
O seu PAGEM DE TOCHA .....	15 anos
UM FÂMULO	

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Versão B

## SÉCULO XVIII

Recâmara-de-toucar, ou sala-de-estrado, de uma casquilha.

Duas portas guarnecidas de rases e sanefas brasonadas: a F., ao fundo médio, para o exterior; e a D., à direita média, acessando à alcova.

À esquerda, uma banquinha de damasco franjada, suportando um espelho-de-gaveta, e pejada de todo um laboratório galante. Junto, o respectivo tamborete com o mesmo forro e franjas. Ao ângulo do fundo direito, um guarda-roupa de Holanda. Em frente, destaca-se um largo e cómodo canapé. Completam o mobiliário algumas cadeiras forradas a guadamecim. Alcatifa de Arraiolos no sobrado espelhento. Castiçais.

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Versão B

Versão A

CENA I

*Maria Ana sentada à banquinha de damasco. Leonor toucando-a.*

*Da F. ouve-se um relógio inglês tilintar certo minuete, martelando em seguida as três horas.*

MARIA ANA

*(Depois de dar um último retoque à pintura da face; impaciente.)* Tanto tempo, *mon Dieu!*...

LEONOR

Faltam só os polvilhos, senhora D. Maria Ana.

MARIA ANA

Os polvilhos já?!... *(Mira-se ao espelho.)* E estes “tristes” - que desajeitados! Compõe-mos melhor... Pouco engenho tens, Leonor, para açafata de uma casquilha eras como eu! *(Depois de Leonor lhe ajeitar os caracóis; ainda mirando-se ao espelho.)* Assim, *comme il faut*. *(Procura dentre a frascaria.)* A Algalia?... Já te lo disse, quero tudo bem à mão!

LEONOR

*(Indicando-lhe um frasco.)* Está aqui, senhora.

MARIA ANA

*(Depois de enxaguar as mãos.)* Os polvilhos... *(Enquanto Leonor lhos derrama.)* Cuidado... Vê se por agora me tiras a ideia do teu mochila, do teu eguariço, ou lá quem quer que seja!...

LEONOR

Enganai-vos, senhora D. Maria Ana, não conheço mochilas nem eguariços.

MARIA ANA

Pois não é raro vê-los escudeirarem-me a casa.

LEONOR

Tendes mais açafatas a escudeirar.

Versão B

CENA I

*(Ana Maria e Leonor)*

*Ao subir do pano Ana Maria está sentada à banquinha de damasco e Leonor dá-se à tarefa de a tocar. No interior ouve-se um relógio inglês tilintar um minuete martelando em seguida as três horas.*

ANA MARIA

*(Depois de dar um último retoque à pintura da face, com afectada impaciência.)*  
Tanto tempo, *mon Dieu!*...

LEONOR

Faltam só os polvilhos, senhora Dona Ana Maria.

ANA MARIA

Os polvilhos já!... *(Mira-se ao espelho.)* E estes tristes, que desajeitados! Compõem-mos melhor... Pouco engenho tens, Leonor, para açafata de uma casquilha eras como eu! ... *(Depois de Leonor lhe ajeitar os caracóis; ainda mirando-se ao espelho.)* Assim... *comme il faut...* *(Procura entre a frascaria.)* A Algália?... Já te lo disse, quero tudo posto com boa ordenação!

LEONOR

*(Indicando-lhe um frasco.)* Tendes aqui a Algália, senhora.

ANA MARIA

*(Depois de enxaguar as mãos.)* Os polvilhos... *(Enquanto Leonor lhos derrama.)*  
Cuidado! Vê se por agora me tiras a ideia do teu mochila, do teu eguariço, ou lá quem quer que seja!...

LEONOR

Enganai-vos, senhora. Não trago a minha ideia em mochilas ou eguariços.

ANA MARIA

Pois não é raro vê-los escudeirarem-me a casa!

LEONOR

De nada dou fé, senhora.



Versão A

MARIA ANA

*(Ponderada.)* Não posso levar a mal que isso te suceda de fora; o mesmo já não direi portas adentro.

LEONOR

Salvo no tinelo, bem sabeis, só à fala chego com vosso Pagem de Tocha.

MARIA ANA

*(Intuitiva.)* Talvez porque mochilas, eguariços e pagens sejam mafra baixa demais para ti ... *(Ligeira pausa.)* Por quem esperas, então?

LEONOR

Por ninguém, senhora: pois se alguns considero muito baixo, a outros demasiado alto para a minha condição.

*Um tempo.*

MARIA ANA

Pensas, acaso, em professar?

LEONOR

Talvez, senhora. Para alguns, Deus é o único amparo.

MARIA ANA

Para todos... Mas não se deve dispor de Deus, assim com qualquer ânimo, tal diz com certa verdade, o senhor meu primo. Depois, quando se é requestada, como sei que tens sido, Leonor!

LEONOR

*(Ressentida.)* Creio ainda não vos ter dado razão para que um mau juízo façais de mim, senhora D. Maria Ana.

MARIA ANA

*(Enquanto chega distraidamente um frasco para a borda da banquinha.)* Não! Só com tantas provas de castidade me amofino eu! *(Com um gesto faz cair o frasco.)* Oh, a Água da Rainha da Hungria!... *(Agastada.)* Vê se ainda achas sem razão acusar-te de negligente, quando me deixas tudo mesmo à mão-tente de cair... *(Forçando a nota.)* Bem digo eu que me trazes de há um tempo essa ideia transviada!

Versão B

ANA MARIA

Não posso levar a mal que vos escudeirem da parte de fora; já o mesmo vos não direi de portas adentro.

LEONOR

Salvo no tinelo, só à fala chego com o vosso Pagem de Tocha.

ANA MARIA

Tens que mochilas ou eguariços sejam mafra baixa demais para ti?... *(Um silêncio.)*  
Por quem esperas então...?

LEONOR

Por ninguém, senhora. E estou não vos ter dado azo para mau juízo de mim...

ANA MARIA

És nova. E julgo que não trazes de fito professar... Apelando, talvez, para meu primo, o Principal, senhor Dom António de Altamira...

LEONOR

Se professasse, não seguia mais que os ditames da minha fé. Assim, só conto morrer na Graça de Deus.

ANA MARIA

E na protecção da senhora marquesa de Valedoiro, a mãe de meu amado esposo, o senhor Dom Jaime! *(Enquanto chega discretamente um frasco para a borda da banquinha.)* Pois quanto à Fé que mostras, só com tantas provas de castidade me amofino eu... *(Com o gesto faz cair o frasco.)* Oh!, a Água da Rainha da Hungria!...

Versão A

LEONOR

*(Dignamente.)* Tendes bom remédio: despedir-me.

MARIA ANA

Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!

LEONOR

Nunca de tal cuidei valer-me, senhora. E a prova é que me despeço à minha conta.

MARIA ANA

*(Enfrentando-a.)* Contas que interceda por ti o senhor meu esposo, ou o senhor D. António?

LEONOR

Sabeis que nunca me vali do senhor D. Jaime, e muito menos o contei de o primo de Vossa Senhoria!...

MARIA ANA

Como melhor for do teu agrado... Mas para teu decoro, acho que não te deves ir, sem que primeiro demos fé dos pendants de pérolas que ontem perdi.

LEONOR

*(Estarrecida.)* Acaso, suspeitais de mim?...

MARIA ANA

*(Ponderadamente.)* E uma suspeita tão grave, que nunca de ânimo leve a terei de alguém, fica sabendo!

*Um tempo.*

LEONOR

Guardo algumas economias num escrínio de segredo, em minha câmara... São poucas, mas enquanto não derdes conta de vossos brincos, peço-vos que as tomais à vossa disposição.

Versão B

*(Agastada.)* Vê se ainda achas sem razão acusar-te de negligente, quando me deixas tudo à mão-tente de cair! Bem digo que me trazes de há um tempo a ideia transviada!

LEONOR

Tendes bom remédio, senhora. Dispensai meus serviços.

ANA MARIA

Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra, conhecer de menino e moço o senhor Dom Jaime!

LEONOR

Enganai-vos, senhora Dona Ana Maria, que nunca de tal pensei valer-me...

ANA MARIA

... E dos bons ofícios do Principal, senhor Dom António...?

LEONOR

Ainda menos, senhora... E tanto que me despeço à minha conta.

ANA MARIA

Como melhor for do teu agrado... Mas, para teu decoro, acho que não te debes ir sem que primeiro demos fé dos pendants de pérolas que ontem se me extraviaram.

LEONOR

*(Estarrecida.)* Acaso suspeitais de mim?

ANA MARIA

*(Com altivez.)* É tão considerável suspeita, que nunca de ânimo leve a terei de alguém, fica sabendo!

*Um silêncio.*

LEONOR

Guardo algumas economias num escrínio de segredo em minha câmara... São poucas, mas enquanto não derdes conta dos vossos brincos, peço que as tomais à vossa disposição.

Versão A

MARIA ANA

*(Dando por findo o seu tocar.)* Que te baste a consciência tranquila, Leonor - e deixemos isso por agora. *(Levanta-se do tamborete.)* Diz ao meu Pagem que venha cá. Deve andar no parque passeando o Charmant, fica tu por ele. *(Com gesto maternal.)* Vai.

*Leonor sai pela F. Maria Ana, mal deixa de ouvir-lhe os passos sai pela mesma.*

CENA II

*Maria Ana volta a aparecer, trazendo um pequeno escrínio de metal, que vai deixar na alcova. Pouco depois assoma à F. o Pagem.*

PAGEM

Haveis-me chamado, senhora?

MARIA ANA

*(Reentrando pela F.)* Entra, preciso de ti.

PAGEM

*(Obedecendo.)* Dizei.

ANA MARIA

A que horas saiu o senhor D. Jaime?

PAGEM

Devia andar pelas duas, senhora.

*Ligeira pausa.*

MARIA ANA

*(Comedida.)* Sabes que tenho sido generosa para ti...

PAGEM

*(Piscando os olhitos manhosos.)* Muito boazinha - e eu agradeço-vos.

Versão B

ANA MARIA

*(Dando por findo o seu toucar.)* Que te baste a consciência tranquila, Leonor - e deixemos isso por agora... Diz ao meu Pagem que venha cá. Deve andar no parque, passeando o Charmant. Fica tu por ele... Vai...

*Leonor sai pela F. Ana Maria, mal deixa de lhe ouvir os passos, sai pela mesma.*

CENA II

*Ana Maria volta a aparecer, trazendo um pequeno escrínio de metal, que vai deixar na alcova. Pouco depois o Pagem assoma à F.*

PAGEM

Haveis-me chamado, senhora?

ANA MARIA

*(Assomando à F.)* Entra, preciso de ti.

PAGEM

*(Numa reverência.)* Dizei...

ANA MARIA

A que horas saiu o senhor Dom Jaime?

PAGEM

Sabei Vossa Senhoria, que devia andar pelas duas.

ANA MARIA

*(Depois dum silêncio.)* Sabes que tenho sido generosa para ti...

PAGEM

*(Piscando os olhitos manhosos.)* Muito boazinha. E eu agradeço a Vossa Senhoria.

Versão A

MARIA ANA

Pois bem, terás mais uma moeda de prata, se me responderes fielmente ao que te vou perguntar.

PAGEM

*(Num salamaleque.)* Podeis confiar no vosso Pagem.

MARIA ANA

*(Anediando-lhe os cabelos.)* O senhor D. Jaime falou com a Leonor, antes de sair?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria, que sim - e os dois muito sozinhos.

MARIA ANA

E muito chegadinhos?

PAGEM

Tem-te-não-caias, para falarem em segredo.

MARIA ANA

E não foste assaz mofino, para escutar o que diziam?

PAGEM

Saiba a senhora D. Maria Ana que tem seus perigos... *(Noutro tom.)* Mas, a Leonor disse ao senhor D. Jaime andar muito cuidosa com uns brincos que Vossa Senhoria perdeu; e o senhor D. Jaime lhe tornou, que se assossegasse porque os brincos haviam de aparecer; - e nada mais, pois a sege estava à espera.

MARIA ANA

Está bem... E toma tento: no dia em que me deres recado de ter visto ou ouvido mais alguma coisa, terás um dobrão de oiro. *(Gravemente.)* Mas não caias tu em lograr-me, porque não só te tiro a moeda como te arranco as orelhas.

Versão B

ANA MARIA

Pois bem. Dar-te-ei mais uma moeda de prata se me responderes fielmente ao que te vou perguntar.

PAGEM

*(Com um salamaleque.)* Podeis confiar no vosso Pagem.

ANA MARIA

O senhor Dom Jaime falou com a Leonor antes de sair?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que falou.

ANA MARIA

E não foste assaz mofino para escutar o que diziam?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que tem seus perigos...

ANA MARIA

*(Severa.)* Estou a perguntar-te se escutaste ou não! *(Noutro tom.)* Bem sabes que tenho sido generosa para ti... E assim, vá: desembuxa!

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que a Leonor disse ao senhor Dom Jaime andar muito cuidosa com uns brincos que Vossa Senhoria perdeu. E o senhor Dom Jaime lhe tornou, que sossegasse, porque os brincos haviam de aparecer. E nada mais, pois a sege estava à espera.

ANA MARIA

Está bem... E toma tento: no dia em que me deres recado de ter ouvido ou visto mais alguma cousa, terás um dobrão de ouro. *(Gravemente.)* Mas não caias tu em lograr-me, porque te arranco as orelhas!



Versão A

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria, que o não farei; e saiba, que já apanhei um dobrão, por via da Leonor. (*Mostrando-lho.*) Cá está ele, todo luzente!...

MARIA ANA

(*Violenta.*) Quem te lo deu, e para quê?... (*Sacudindo-o.*) Responde! Vá, presto!...

PAGEM

(*Ocultando pavidamente a moeda.*) Senhora, deu-mo Sua Senhoria, o senhor D. António de Altamira, para eu entregar uma carta à Leonor.

MARIA ANA

(*Com serenidade.*) Pois terás à minha parte dois dobrões - dois, ouviste? - se me entregares essa carta, e ainda se me disseres o segredo do escrínio de Leonor. (*Dirige-se à banquinha.*)

PAGEM

(*Dissimulado.*) Oh, a carta, já a deixei em sua câmara, dela...

MARIA ANA

Em sua câmara, maroto!... Pois não sabes que te é defendido entrar nas câmaras das aias?

PAGEM

Sim, sei: mas não esqueça, Vossa Senhoria, que o senhor D. António me deu um dobrão!

MARIA ANA

(*Sacando as peças de uma gaveta.*) Aqui tens dois dobrões... (*Fá-los tilintar.*) Um - dois... Serão teus, se me disseres o segredo do escrínio.

PAGEM

(*Mirando avidamente as moedas.*) O segredo é como se abre a tampinha?

MARIA ANA

Decerto... Vá, presto!

Versão B

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria, que o não farei. E mais, sabej que já apanhei um dobrão, por via da Leonor. (*Mostrando-lho.*) Cá está ele, todo luzente!

ANA MARIA

(*Violenta.*) Quem te lo deu, e para quê?... (*Sacudindo-o.*) Responde, presto!

PAGEM

(*Ocultando rapidamente a moeda.*) Senhora, deu-mo Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira, para eu entregar uma carta à Leonor.

ANA MARIA

(*Procurando serenidade.*) Pois terás à minha conta dois dobrões - dois, ouviste bem? - Se me entregares essa carta, e ainda me disseres o segredo do escrínio de Leonor. (*Vai buscar as moedas.*)

PAGEM

A carta já a deixei em sua câmara, dela...

ANA MARIA

Em sua câmara, maroto! Pois não sabes que te é vedado entrar na câmara das aias?...

PAGEM

Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Dom António me deu um dobrão!

ANA MARIA

Pois devia tirar-tos e despedir-te de meu serviço. Não o farei por esta, e tu que tornes a cair noutra... Assim corre a trazer-me a carta... (*Noutra atitude.*) Não, deixa por ora... E terás mais os dois dobrões que te prometi se me disseres qual o segredo que abre o escrínio de Leonor... Tu sabe-lo, pois que de tudo dás fé... (*Faz tilintar os dois dobrões.*)

Versão A

PAGEM

*(Como atrás.)* Senhora, estou a ver se me alembro.

MARIA ANA

*(Entregando-lhe as peças.)* Guarda - e desembuxa!...

PAGEM

Ah, bem me alembro agora... É com a palavra ROMA, que é o contrário de AMOR!

MARIA ANA

Verei... E agora, nem tus nem bus, porque, fica sabendo, maroto: não só te tiro todas as moedas, como te puxo as orelhas até aos pés! *(Indicando-lhe a F.)* Podes ir-te... Olha, traz-me recado se a Leonor anda passeando o Charmant.

PAGEM

*(Numa reverência, junto à F.)* Senhora D. Maria Ana... *(Desaparece sob o rás.)*

MARIA ANA

*(Ao cabo de um silêncio, indo erguer o rás, a tempo de dar com o Pagem escapando-se.)* Ah, maroto, que te arranco essas orelhas!... *(Em seguida, vai à alcova buscar o escrínio, e depois de espiar à F. abre-o, encerrando nele uns brincos de pérolas que tirou de uma gaveta.)*

PAGEM

*(Invisível sob o rás da F.)* Senhora, senhora...

MARIA ANA

*(Agastada.)* Ainda tu aí!... Que queres?

PAGEM

*(Aparecendo.)* Perdoe-me Vossa Senhoria, mas venho para a avisar que o senhor D. António acaba de entrar e está falando no parque com a Leonor.

MARIA ANA

*(Dignamente.)* O quê, o senhor meu primo, nesta minha casa nobre e honrada?

Versão B

PAGEM

*(Dissimulado.)* Senhora, estou a ver se me alembro...

ANA MARIA

Toma lá os dobrões e... desembuxa!

PAGEM

Ah!, já sei! O escrínio abre-se com a palavra ROMA, que se escreve ao invés de AMOR.

ANA MARIA

*(Dignamente.)* Verei se é verdade... E não caias tu em lograr-me, que não só te tiro todo o dinheiro, como ainda te arranco as orelhas... Assim, vai-te lá. E traz-me recado se a Leonor anda passeando no parque o Charmant, conforme lhe ordenei...

*O Pagem faz uma vénia e desaparece por trás do rás da F.*

ANA MARIA

*(Vai levantar o rás, descobrindo o Pagem, que se escapa de corrida.)* Ah safado!, que te arranco essas orelhas!... *(Em seguida vai buscar o escrínio e abre-lhe a tampa, encerrando nele os dois brincos de pérolas.)*

PAGEM

*(Invisível por trás do rás.)* Senhora... Senhora...!

ANA MARIA

*(Agastada.)* Ainda tu aí!... Que queres?

PAGEM

*(Aparecendo.)* Perdão, senhora! Mas, venho para vos dar conta de que Sua Ilustríssima o Principal acaba de entrar e está falando no parque com Leonor.

ANA MARIA

*(Ofendida.)* Que dizes, Pagem! O senhor meu primo demora-se a falar com as minhas aias!

Versão A

PAGEM

*(Sentencioso.)* Senhora, Sua Senhoria vem talvez, como acostuma, visitar-vos.

MARIA ANA

... E fica-se a falar com a minha açafata! *(Ao Pagem.)* Pois corre a dizer a Leonor que a estou chamando.

*O Pagem volta a sair. Maria Ana vai compor-se ao espelho, indo em seguida estirar-se no canapé.*

CENA III

*Maria Ana com Leonor, depois com o Pagem, depois com D. António.*

LEONOR

*(Assomando à F.)* Haveis-me chamado, senhora?

MARIA ANA

*(Gravemente.)* Meu leque.

*Leonor alcança-lhe um pequeno abanico de plumagens.*

PAGEM

*(Aparecendo à F.)* O senhor D. António pede para ser recebido por Vossa Senhoria.

MARIA ANA

*(Afectada, abanando-se.)* Que entre para aqui mesmo - sinto-me hoje indisposta. *(A Leonor.)* Podes retirar-te.

*O Pagem sai com Leonor, voltando quási em seguida.*

PAGEM

*(Erguendo o rás, numa reverência.)* Sua Senhoria, o senhor D. António de Clara e Altamira.

Versão B

PAGEM

*(Cuidoso.)* Senhora, Sua Ilustríssima o Principal vem por certo ver-vos, e mais encontrou no parque o Charmant e está afagando o cãozinho... Nada mais, senhora Dona Ana Maria!

ANA MARIA

Pois corre a dizer a Leonor que a estou chamando. E fica tu a passear o Charmant.  
*O Pagem desaparece. Ana Maria vai ver-se ao espelho, indo em seguida estirar-se no canapé.*

CENA III

LEONOR

*(Assomando à F.)* Haveis-me chamado, senhora?

ANA MARIA

*(Gravemente.)* Meu leque.

*Leonor alcança-lhe um abanico de plumas.*

PAGEM

*(Aparecendo à F.)* Sua Ilustríssima o Principal pede para ser recebido por Vossa Senhoria.

ANA MARIA

*(Afectada, abanando-se.)* Que entre para aqui. Sinto-me hoje indisposta... *(A Leonor.)* Podes retirar-te, Leonor.

*Leonor sai com o Pagem.*

Versão A

D. ANTÓNIO

*(Entrando com decorativa jovialidade.)* Oh, senhora prima, como tendes passado?

MARIA ANA

*(Estendendo-lhe o punho com preciosa ênfase.)* Mal... E vós, senhor meu primo?

D. ANTÓNIO

*(Após um beija-mão teatral.)* Admiravelmente.

MARIA ANA

*(Afável.)* Sentai-vos.

D. ANTÓNIO

*(Depois de se sentar.)* Passando, acaso, em minha sege, não quis privar-me da subida honra e grato prazer de vos vir saudar.

MARIA ANA

Quanto folgo: primeiro, pelo tanto que me distinguis; segundo, porque carecia de alguém que me trouxesse uma palavra inspirada como a vossa, e uma sapiência como a de que vos dotastes.

D. ANTÓNIO

*(Reverente.)* Senhora prima, a Gentileza é o início da santa Generosidade para que caminham os homens, e por isso me curvo, reconhecido, ante a que me dispensais... Mas tendes razão em confiar na Sabedoria: ela descobriu muitas coisas que os teólogos ignoravam e são luzes a iluminar a nova e bela Verdade, que nos enche de suave inspiração ante a frágil, mas verdadeira e eterna natureza, a mísera argila de que somos feitos!

MARIA ANA

Douto primo, dizeis com acerto: somos míseros. E tanto que, na Sua infinita grandeza, estou que Deus não se apercebe das pequenas misérias com que os outros nos destroem aquilo que assegurámos em sagrados votos, se com outras misérias lhes não dermos combate.

D. ANTÓNIO

Será a sacrossanta Justiça.





Versão A

MARIA ANA

Melhor dizeis... Pois tendo até hoje mantido aquela fidelidade conjugal de que fiz jura solene perante o altar divino...

D. ANTÓNIO

Compreendo: não vos têm, apesar de tudo, correspondido com igual moeda.

MARIA ANA

Assim é.

D. ANTÓNIO

Pois, senhora prima, a Vingança não foi só prazer dos deuses pagãos, mas do próprio Jeová, que para se vingar dos homens não vacilou em usar de o dilúvio universal.

MARIA ANA

Achais então justo, que eu me vingue de quem se empenha em destruir o que me assegurou um sagrado voto?

D. ANTÓNIO

Os deuses vos respondem por mim.

MARIA ANA

*(Pausada.)* ... Mesmo usando de nefanda aleivosia, para aniquilar a minha rival?

D. ANTÓNIO

*(Surpreendido.)* Vossa rival!... Pois é de uma mulher que pensais despicar-vos?

MARIA ANA

Sim, antes de mais ninguém: de uma mulher por quem meu marido desvaira!

*Um silêncio.*

D. ANTÓNIO

*(Pausado.)* Senhora prima, a Vingança foi sem dúvida o prazer dos deuses, mas disso só adveio a guerra, o mal, e até o extermínio horroroso do mundo. Hoje porém, nós, homens inspirados pela Sapiência, pensamos melhor e mais humanamente resolver a Justiça, por meio da Harmonia, a Generosidade, a Subtileza...

MARIA ANA

*(Num requebro.)* Oh, sim, a Subtileza é própria da mulher.



Versão A

D. ANTÓNIO

(*Amável.*) ... Quando feminil, docemente inspirada, não esqueceis! (*Levanta-se.*) E se em alguma coisa vos posso servir, aguardai ainda. Voltarei amanhã, e falaremos com mais delonga.

MARIA ANA

(*Levantando-se também.*) Como vos aprouver... E desde já tomo como bem inspiradas vossas sapientes insinuações.

D. ANTÓNIO

(*Ao beijar-lhe a mão.*) Tornaremos a ver-nos logo à noite, não? No serenim de Queluz.

MARIA ANA

(*Com tristeza.*) Talvez não, o demo tem porfiado de há um tempo em trazer-me à sua conta.

D. ANTÓNIO

O quê, ainda outro pesar?...

MARIA ANA

Como dizeis: ainda outro pesar... Dei ontem por falta dos meus brincos mais valiosos.

D. ANTÓNIO

Vossos pendentes de pérolas, talvez?... Mas eram de alta valia!... E não desconfiais de nenhum dos vossos servos ou servas?

MARIA ANA

Tenho-os a todos por fiéis. No entanto...

D. ANTÓNIO

Certamente... E D. Jaime o que fez por isso?

MARIA ANA

Só me disse que não tivesse cuidado, pois os brincos haviam de aparecer.

D. ANTÓNIO

Devia tomar maiores providências... Mas é a razão por que não ides ao serenim desta noite?



Versão A

MARIA ANA

Se o pensais? São os meus melhores brincos, únicas jóias que ostentarei diante de Suas Majestades.

*Um silêncio.*

D. ANTÓNIO

Acho estranho... Mas detende vosso cuidado: passo agora pela Intendência, e deixo dito, em meu nome, que vos enviem o mais hábil dos quadrilheiros.

MARIA ANA

Grande mercê vos ficaria devendo, senhor primo.

D. ANTÓNIO

Por quem sois... E estou certo, que se vossa jóia não levou já descaminho, ainda esta noite a ostentareis em Queluz.

MARIA ANA

Confio na habilidade do quadrilheiro.

D. ANTÓNIO

Mandar-vos-ão o mais hábil.

MARIA ANA

Tendes poder para isso. (*Dirige-se à F., onde chama.*) Leonor.

LEONOR

(*Assomando.*) Senhora.

MARIA ANA

Prepara-me o traje da Corte. (*De novo à F.*) Pagem.

*Aparece o Pagem. Leonor dirige-se para o guarda-roupa.*

D. ANTÓNIO

(*À parte a Leonor.*) Seria feliz se vos prestasse um grande serviço.

LEONOR

Agradeço-vos, senhor, mas dispenso a mercê.

MARIA ANA

(*À parte ao Pagem.*) Estarás presente, quando eu estiver com o senhor D. Jaime.

PAGEM

Não faltarei, senhora.



Versão A

D. ANTÓNIO

*(Como atrás.)* És altiva, Leonor: Não se deve dispensar a protecção dos maiores.

LEONOR

Desprezo-a, senhor D. António!

MARIA ANA

*(Como atrás.)* Assim, logo que me ouvires perguntar à Leonor pelo segredo do escrínio, serás tu que o dizes.

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria.

D. ANTÓNIO

*(Numa vénia.)* Senhora prima...

MARIA ANA

Acompanho-vos até à saída.

D. ANTÓNIO

Quanto prazer!... E, se me dais licença, sirvo-me da porta velha. Deixei aí a minha sege.

*Sai pela F. com Maria Ana.*

CENA IV

*O Pagem e Leonor, depois D. Jaime.*

PAGEM

*(Depois de ter ido espiar à F.)* Leonor, ouve cá.

LEONOR

*(Enquanto lida.)* Diz...

PAGEM

Não queria estar em tua pele.

LEONOR

Nem tu, nem ninguém.

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Versão B

CENA IV

PAGEM

*(Depois de ir espiar, levantando levemente o rás.)* Leonor, ouve cá.

LEONOR

*(Desatenta.)* Dize...

PAGEM

Não queria estar em tua pele.

LEONOR

E quem o desejaria...?



Versão A

PAGEM

(*Matreiro.*) Ninguém?... E D. António? (*Interdito*) E... e...

LEONOR

(*Agastada.*) Que vais dizer?... Anda, leva a água ao teu moinho!

PAGEM

(*Suasivo.*) Não levo, porque sou homem e acho-te muito boazinha, como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e a nossa senhora mais do que nenhuma!

LEONOR

Se soubesses como me arrepias esse bem-querer de todos os homens! Olha, tanto como o malquerer de nossa senhora!

PAGEM

Oh, não digas isso... Eu sou homem e gosto muito de ti. Gosto, mesmo, mais de ti do que da nossa senhora, e ela tem-me feito muito bem, e tu não.

LEONOR

Que bem querias que eu te fizesse, se sou tão pobre como tu!

PAGEM

(*Aprensivo.*) E, no entanto, queria eu fazer-te bem, livrar-te de um mal, contando-te uma coisa terrível para ti.

LEONOR

(*Assustada.*) Uma coisa terrível para mim?

PAGEM

Sim. E como eu tenho pena de ti!... Mas sabes? Deram-me dois dobrões. (*Saca-os da algibeira.*) Cá estão eles. (*Remirando-os.*) Como reluzem, como são lindos!...

LEONOR

Quem te los deu, e para quê?

Versão B

PAGEM

*(Matreiro.)* Quem? Ora!, talvez Dom António... Talvez também...

LEONOR

*(Ameaçadora.)* Que vais dizer...?

PAGEM

Nada... E, no entanto, acho-te bonita como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e nossa ama mais que nenhuma!

LEONOR

Que mal lhe fiz?

PAGEM

És mais bonita do que ela... Assim também eu gosto mais de ti. E assim desejaria fazer-te bem como o querem todos os homens. Assim, devia contar-te uma coisa terrível para ti.

LEONOR

*(Assustada.)* Terrível...!

PAGEM

Sim. E como eu tenho pena de ti... Mas, sabes?, deram-me dois dobrões de ouro...  
*(Saca-os da algibeira.)* Cá estão eles... *(Mirando-os.)* Como luzem! Como são lindos!

LEONOR

Quem te los deu? E para quê?

Versão A

PAGEM

Também os achas lindos, tu, Leonor?

LEONOR

Não!

PAGEM

*(Fixando-a.) Talvez por seres mais bonita... (Ante a súbita chegada pela F. de um novo personagem, ocultando precipitadamente as moedas, e mesurando com Leonor.)* Senhor D. Jaime.

D. JAIME

*(Simulando nada ter visto.)* A senhora ?...

LEONOR

Foi acompanhar o senhor D. António, que deve estar saindo pela porta velha.

D. JAIME

*(Ao Pagem.)* Corre a dizer-lhe que cheguei.

PAGEM

Sim, senhor D. Jaime.

*Sai pela F.*

D. JAIME

*(Depois de ter ido guardar numa gaveta uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor.)* Quem deu aqueles dobrões ao Pagem?

Versão B

PAGEM

Não os achas lindos, também tu, Leonor...?

LEONOR

Não!

PAGEM

*(Mirando-a.) Talvez por seres mais bonita...E daí, se gostasses de mim, se quisesses casar comigo, dizia-te tudo, dava-te estes dobrões... (Guarda precipitadamente as duas moedas diante de D. Jaime que assomou à F. e o está observando.)*

PAGEM e LEONOR

*(Mesuram respeitosamente.)* Senhor Dom Jaime.

DOM JAIME

*(Com naturalidade.)* Onde está vossa ama?

LEONOR

Saiba Vossa Senhoria que foi acompanhar o senhor Dom António, que acaba de sair daqui.

DOM JAIME

Não me cruzei com ele...

LEONOR

Sua Ilustríssima deve estar saindo pela porta velha.

DOM JAIME

Pagem, corre a dizer a tua ama que já cheguei.

*O Pagem faz uma reverência e sai.*

CENA V

DOM JAIME

*(Depois de ir guardar numa gaveta algo que trazia.)* Quem deu aquelas moedas ao Pagem?

Versão A

LEONOR

Não mo disse, senhor D. Jaime; só por certo tenho que lhos não deram por meu bem.

D. JAIME

Porque assim cuidas, Leonor?

LEONOR

Senhor, o Pagem tem sido de todos os nossos servos o único que me não guarda rancor, e agora, mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura.

D. JAIME

Não me vai servindo esse Pagem.

LEONOR

É uma criança, senhor.

D. JAIME

Ainda o tomas à tua guarda?

LEONOR

O que posso recear de uma criança?

D. JAIME

De quem receias, então?

LEONOR

Senhor, não sei.

D. JAIME

Pois nada temas, se não tens pecado... como de razão me sobra para o supor.

LEONOR

Tendes sido bom para mim, senhor D. Jaime, e quanto vos agradeço! Mas hoje mesmo me despeço de vossa casa.

Versão B

LEONOR

Não mo disse, senhor Dom Jaime; só por certo tenho que lhas não deram por meu bem.

DOM JAIME

Porque assim cuidas, Leonor?

LEONOR

Ao mostrar-me o seu dinheiro, ele se mostrou receoso por minha má fortuna.

DOM JAIME

Não me vai servindo esse Pagem.

LEONOR

É uma criança, senhor.

DOM JAIME

E mais, possui dobrões de ouro. Tu mesma o trazes de desconfiança. E não compreendo porque ainda o defendes.

LEONOR

Que posso eu temer de uma criança?

DOM JAIME

De quem receias então?

LEONOR

*(Embaraçada.)* Senhor, não sei.

DOM JAIME

Pois se de nada teu ânimo te acusa, de que hás-de recear?

LEONOR

Tendes sido bom para mim, senhor Dom Jaime, e quanto vos agradeço...

DOM JAIME

Conheço-te de menina e moça, sei quanto mereces...

LEONOR

Pois hoje mesmo me despeço de vossa casa.

Versão A

D. JAIME

*(Interdito.)* Despedes-te... E porquê?

LEONOR

*(Embaraçada.)* Senhor, não sei.

CENA FINAL

*Leonor, D. Jaime, Maria Ana e o Pagem, depois um Fâmulo.*

MARIA ANA

*(Entrando, seguida do Pagem.)* Oh, senhor meu esposo!

D. JAIME

Deus vos guarde, Maria Ana.

*Beija-mão.*

MARIA ANA

Entrastes de há muito?

D. JAIME

Há uns momentos.

MARIA ANA

Perdoai-me... Fui acompanhar até à porta D. António.

D. JAIME

*(Irónico.)* D. António, e a sua sapiência.

Versão B

DOM JAIME

*(Interdito.)* E o que te leva a tal passo?

LEONOR

Senhor, com pesar o dou...

CENA VI

ANA MARIA

*(Entrando pela F., seguida do Pagem.)* Oh, senhor meu esposo!

DOM JAIME

Que Deus vos guarde, Ana Maria... *(Beija-lhe a mão.)*

ANA MARIA

*(Abraça-o.)* Quanto vos amo!

DOM JAIME

Tendes a paga, amada minha!

ANA MARIA

*(Espionando Leonor.)* Entrastes de há muito?

DOM JAIME

Há uns momentos.

ANA MARIA

Perdoai-me se não estava para vos receber...

DOM JAIME

Sei que fostes acompanhar até à porta vosso primo... *(Com uma vénia de bom humor.)* Sua Ilustríssima e a sua sapiência!



Versão A

MARIA ANA

Não o achais douto?

D. JAIME

Deixemos o senhor vosso primo... Leonor disse-me que se despede hoje.

MARIA ANA

Já o sabeis? Pois fá-lo à sua conta... Por mim não ousaria tal, sabendo-a valida da senhora minha sogra.

D. JAIME

(*Austero.*) Podeis despedir de vossa casa quem melhor vos parecer.

MARIA ANA

(*Numa vénia.*) Como sois um esposo gentil... (*Grave.*) Mas não, não encontrei em Leonor motivo de gravidade, e estranho-lhe o resolvimento. Bem outra arrelia me atormenta!...

D. JAIME

Atormenta-vos uma arrelia?...

MARIA ANA

Fraca memória tendes para assim olvidar terem levado sumiço os meus brincos mais valiosos, os pendentes de pérolas, únicos dignos de se ostentarem na Corte. (*Noutro tom.*) Depois, passastes decerto pelo Lázaro, e ia jurar que nem vos ocorreu supri-lhes a falta, para esta noite.

D. JAIME

Para quê?... Se vossos brincos são únicos. E quem vos assegura do sumiço que cuidais?

MARIA ANA

Senhor, outra coisa me não é dada cuidar... Tenho todos os meus servos por fiéis.

Versão B

ANA MARIA

Dom António é douto... (*Com intenção.*) Tem é as fraquezas de todos vós homens... o que só pode desculpar a sua mocidade. Porque, senhor meu esposo, tinha algo a verberar a Sua Ilustríssima. Por isso o acompanhei até à porta, a ver se tinha a coragem... que me faleceu!

DOM JAIME

Não era pois tão leve o que lhe tínheis a verberar?

ANA MARIA

Dom Jaime, talvez todo o mal não esteja em Dom António...

DOM JAIME

Intrigais-me...

Versão A

D. JAIME

Então, quedai tranquila: vossos pendentes estão em recato.

MARIA ANA

Esperança ainda tenho de reavê-los pelo plano que engendrei.

D. JAIME

*(Disfrutante.)* Engendrastes um plano? Oh! Oh!...

MARIA ANA

Devo-o à boa inspiração do senhor meu primo. Mas em breve o sabereis... E já que falamos no Lázaro e em presentes...

D. JAIME

*(Reverente.)* Sou o vosso esposo afeiçoado, e como tal, nunca meu ânimo foi mais do que servir-vos a contento.

MARIA ANA

*(Tornando-lhe a medida.)* Se bem o dizeis, não duvido de que melhor o fazeis.

D. JAIME

Ordenai, para que vos obedeça.

MARIA ANA

Atentai desde já, porque vou pôr-vos à prova.

D. JAIME

*(Numa nova vénia.)* Aguardo-a.

MARIA ANA

Sabei de antemão, que como boa dona que se preza, passei hoje uma vista discreta pela câmara de cada uma de minhas aias.

D. JAIME

Quanto folgo por tanto zelo... E qual o resultado?

ANA MARIA

Ouvi, senhor meu esposo... Como dona de casa que se preza passo por vezes uma vista de olhos pela câmara de minhas aias, a ver se está tudo em boa ordenação. E assim fiz hoje, estranhando dar ali com uma carta para Leonor, ostentando as armas dos Clara e Altamira!

LEONOR

À minha fé, senhor Dom Jaime... Pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!

ANA MARIA

A carta aqui a tendes, senhor meu esposo. Não a violei... (*Entrega-lha.*) E atentai: não vos parece escrita por mão de homem?

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Versão A

Versão B

LEONOR

Guardo o juramento que fiz a Vossas Senhorias!

DOM JAIME

A missiva é-vos endereçada, Leonor. Tem as armas dos Altamira e a letra é de homem... Vós, senhora minha esposa, haveis-me dito que tínheis algo a verberar a vosso primo, Sua Ilustríssima o senhor Dom António de Clara e Altamira. E conheceis a sua letra nesta epístola para vossa aia Leonor...

ANA MARIA

Desconfiais, pois, de mim, Dom Jaime! Suplico-vos que abris tal missiva!

DOM JAIME

Não desconfio de vós. E para que desconfiar de Leonor?... Se ela esperava que alguém lhe enviasse carta, teria empenho em a ler, não a deixaria encerrada, em sua câmara... Assim estou que esse alguém lhe escreveu sem sua culpa dela, e outrem, mofino, a depôs em sua câmara. Indagarei... Quanto a Sua Ilustríssima Dom António solicitar-lhe-ei que se dispense de suas visitas a minha casa...

ANA MARIA

Tende-lo por único culpado?

DOM JAIME

Consoante vossas suspeitas, Ana Maria. Quanto a Leonor já declarei sua inocência, ao que me parece...

ANA MARIA

E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?!...

DOM JAIME

Diz-se que não vai sendo crime, conforme ideias que nos vêm de França e que Dom António de Altamira professa... Assim é com ele, e convosco, Leonor... Aqui tendes a missiva que vos é endereçada... Dai-lhe o destino que vos aprouver...

ANA MARIA

Assim, é por essas ideias... francesas, que as açafatas possuem escrínios de preço, como suas amas?

DOM JAIME

Que quereis dizer?...

Versão A

MARIA ANA

Tudo na melhor ordenação... E até na câmara de Leonor me atraiu deveras um pequeno escrínio, que seria um enlevo do olhar (*desdenhosa*) se não fosse de cobre.

D. JAIME

Oh, conheço-o bem. Foi uma simples lembrança de minha avó Marquesa à então pequena Leonor. (*A esta.*) Lembrai-vos?...

LEONOR

Como esquecê-lo, senhor?...

MARIA ANA

(*Encaminhando-se para a gaveta em que o guarda.*) Mas é um encanto, *un tout petit bijou*... (*Apresentando-o a D. Jaime.*) Atentai nele, porque quero que me mandais trabalhar um igual, em prata e oiro.

D. JAIME

Será dispendioso - apesar de que, tê-lo-eis!

MARIA ANA

Como sois gentil... Mas vede, como há-de ficar interessante!

D. JAIME

Sim, sim... Já o conhecia.

MARIA ANA

Vede de novo - que nada perdeis.

UM FÂMULO

(*Assomando à F.*) Senhora, chegou o quadrilheiro que vem da parte de Sua Senhoria, o senhor D. António de Altamira.

D. JAIME

(*Muito digno.*) Um quadrilheiro da parte de D. António de Altamira em minha casa!?...

MARIA ANA

(*Solícita.*) Senhor, faz parte do plano que engendrei.

Versão B

ANA MARIA

Inda encontrei na câmara de Leonor este escrínio... *(Vai buscá-lo e mostra-o.)*  
Trouxe-o comigo para verdes, Dom Jaime, os preciosos labores...

DOM JAIME

Conheço-o, Ana Maria... Foi oferta de minha mãe à filha de sua fiel aia, a então pequena Leonor, para guarda de suas economias.

ANA MARIA

Preciosa dádiva... Abre-se com segredo. Conhecei-lo?...

UM FÂMULO

*(Levantando o rás da F.)* Senhora Dona Ana Maria, acaba de chegar o quadrilheiro que vem da parte de Sua Ilustríssima o senhor Dom António de Clara e Altamira, para Vossa Senhoria.

DOM JAIME

*(Intrigado.)* Sua Ilustríssima manda-vos um quadrilheiro, senhora minha esposa! Que necessidade tendes de um esbirro em vossa casa honesta?

ANA MARIA

Dom António viu-me tão molestada com o extravio de meus brincos de pérolas, que quis ter a gentileza de falar ao senhor Intendente para me enviar um quadrilheiro a indagar do sumiço da jóia...



Versão A

D. JAIME

*(Como atrás.)* Mas atentai que é uma ofensa de Altamira à minha dignidade!

MARIA ANA

Deixai-a para mais tarde, e reparai agora na subtileza destes labores. *(Volta a mostrar-lhe o escrínio.)*

D. JAIME

*(De óculo de oiro em punho.)* Com efeito, com efeito...

MARIA ANA

E não vos parece que precioso ficará em prata e oiro?...

D. JAIME

Precioso... e rico.

MARIA ANA

*(Dissimulada.)* Olhai; ainda não tinha visto: é de segredo o fecho.

D. JAIME

Como de ordinário, em todas essas bocetas.

MARIA ANA

Leonor já disse que guarda aqui as suas economias, mas com tanto mistério, sou a crer que ela também guarda as suas intimidades.

LEONOR

Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora?

MARIA ANA

Tem-te! Que não te vou exigir que me decifres o segredo. *(Olha furtivamente o Pagem.)*

PAGEM

*(Logo a seguir.)* Eu sei, senhora, é com a palavra ROMA!

MARIA ANA

*(Simulando.)* Ai o maroto do Pagem! Como ele já sabe!... E já agora - sou curiosa - vou tentar abri-lo... Senhor meu esposo, volte para lá a cara. *(Manuseando o fecho.)* R-O-M-A... *(A tampa abre-se.)* Com efeito... *(Retirando-os de dentro.)* Estranho!... *(A D. Jaime.)* Vinde ver, senhor, uns pendants de pérolas, como os que eu perdi.

Versão B

DOM JAIME

Permiti dizer-vos que sou eu o senhor da casa!

ANA MARIA

Perdoai-me se vos ofendi. E não vos preocupais com tal pecadilho... Estou encantada com a oferta da senhora Marquesa vossa mãe à filha de sua fiel açafata... *(Olhando o escrínio.)* Oh, *é un tout petit bijou!* E desejo que mandais lavrar no Lázaro um escrínio semelhante, em oiro e pedraria. E que se descerre com um segredo diverso deste... O escrínio era de vossa mãe. Lembrai-vos qual era seu segredo?...

PAGEM

É com a palavra ROMA, que é o invés de amor...

ANA MARIA

Ah!, o Pagem, que mofino! Sempre verei se ele se não engana... *(Fazendo funcionar o segredo do cofre.)* R...O...M...A... *(A tampa abre-se.)* Com efeito... E atentai, senhor meu esposo: Leonor também possui uns pendentos de pérolas, como os que eu perdi!...

Versão A

D. JAIME

*(Observando de óculo em punho.)* Com verdade, parece... *(Dirige-se a buscar a boceta que trouxe de fora.)* Deixai ver - porque os vossos estão aqui... *(Comparando os brincos que tirou de dentro com os que tem Maria Ana.)* É verdade, são tal e qual - tirante que os vossos, Maria Ana, são mais novos e os de Leonor de maior uso... *(Entregando o escrínio e os brincos velhos à serva.)* Tomai o que é vosso, e ficai sabendo, senhora açafata, que não permito em minha casa aias com jóias tão valiosas como as de sua dona... Tendes um lugar disponível em casa de uma parenta minha, senhora de idade e de toda a discrição. Se vos quiserdes servir...

LEONOR

Senhor, dispenso-o, *(recusando os brincos)* como qualquer ornamento para meu uso, pois tenciono professar.

D. JAIME

Deus vos abençoe, Leonor. N'Ele estareis ao abrigo de todos os enganos.

*Leonor sai.*

UM FÂMULO

*(À F.)* Senhor, o que digo ao quadrilheiro?

D. JAIME

Já agora, que leve o Pagem para a Roda, porque sabe o segredo dos escrínios e vi-o há pouco com duas peças de oiro. *(O Pagem é levado pelo Fâmulos.)* Oxalá, Maria Ana, ele não se faça um homem como esse D. António, que eu terei de castigar.

MARIA ANA

*(Suplicante.)* Senhor, não aumentais tanto o meu remorso, pelo bem que vos quero.

D. JAIME

*(Dignamente.)* Senhora, não me quereis assim, mas pelo muito ou pouco que eu vos possa merecer.

Versão B

LEONOR

*(Apavorada.)* Senhor Dom Jaime!

DOM JAIME

Tende-vos, Leonor!... Deixai-me observar, Ana Maria... *(Observa os brincos com o seu óculo de punho doirado.)* Com verdade, são tal qual os vossos. Mas não vos molestais com isso, senhora minha esposa. Os brincos que são vossa pertença levei-os, sem segredo, ao Lázaro, para os polir e apresentar-vo-los como novos. Tenho-os ali... *(Vai buscar.)* Vede como luzem, ao contrário dos de Leonor.

LEONOR

Mas, senhor Dom Jaime...!

DOM JAIME

Calai-vos, senhora açafata!...

O FÂMULO

*(Numa reverência, à F.)* Senhora Dona Ana Maria, que recado dou ao quadrilheiro que aguarda vossas ordens?

DOM JAIME

Fâmulo, diz ao quadrilheiro que leve o Pagem para a Roda. Esse mocinho possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios!

O FÂMULO

*(Detendo o Pagem.)* Sus...! *(Sai arrastando-o.)*

DOM JAIME

Levai-o, para que aprenda a ser um homem.

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

Versão A

MARIA ANA

Amo-vos, senhor meu esposo.

D. JAIME

Maria Ana, aprendei a amar na vossa felicidade os que são infelizes. Deus fará um dia plena Justiça... (*Ouve-se fora o relógio inglês martelar um minuete.*) Senhora, e já que não somos evangélicos, ao menos ensaiemos com elegância este minuete.

*Dançam o minuete.*

DESCE O PANO

FIM DA COMÉDIA

CENA FINAL

DOM ANTÓNIO

*(Assomando à F.)* Permitti-me que entre sem me fazer anunciar...

DOM JAIME

O que traz tão azinha Sua Ilustríssima?

DOM ANTÓNIO

Como passais, primo?...

DOM JAIME

Algo indisposto com o que se passa em minha casa, e no qual sei terdes intervido, senhor Dom António de Altamira!

DOM ANTÓNIO

Fiz do meu melhor para suavizar a pena que afligia vossa esposa e minha prima e senhora...

DOM JAIME

Mas, Ilustríssima, a senhora minha esposa guarda algum ressentimento contra vós...



Versão B

DOM ANTÓNIO

Como assim...?

DOM JAIME

Dona Ana Maria suspeita de que haveis escrito a sua aia privada, Leonor...

DOM ANTÓNIO

Perdoai-me, primos... Perdoai-me, Leonor... mas o coração ordena... (*Ajoelha amorosamente aos pés de Leonor.*)

DOM JAIME

Eis Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira, de joelhos, como vassalo, aos pés duma açafata... Perdoemos ao Amor... (*Ajoelha aos pés de Ana Maria.*)

DOM JAIME E DOM ANTÓNIO

(*Em coro, respectivamente a Ana Maria e a Leonor.*) Permitti que vos beije a mão, senhora minha!...

FIM DA COMÉDIA



## Variante da cena IV da versão adoptada

PAGEM

*(Erguendo o rás, numa reverência.)* Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira.

DOM ANTÓNIO

*(Entra com decorativa jovialidade.)* Oh! Senhora prima, como tendes passado?

ANA MARIA

*(Estendendo-lhe a mão, com preciosa ênfase.)* Não bem... E vós, senhor meu primo?

DOM ANTÓNIO

*(Após o beija-mão, teatral.)* Admiravelmente.

ANA MARIA

*(Afável.)* Sentai-vos.

DOM ANTÓNIO

*(Depois de se sentar.)* Passando, acaso, em minha sege, não quis privar-me da subida honra e grato prazer de vos vir saudar.

ANA MARIA

Quanto folgo: primeiro, pelo tanto que me distinguis; segundo, porque carecia de alguém que me trouxesse uma palavra inspirada como a vossa, e uma sapiência como a de que vos dotastes.

DOM ANTÓNIO

*(Reverente.)* Senhora prima, a Gentileza é timbre dos belos espíritos, e curvo-me, reconhecido, ante a que me dispensais... Mas tendes ainda razão em confiar na Sabedoria. As suas luzes esclarecem a frágil argila de que somos feitos e podem enchê-la de suaves e doces inspirações.

ANA MARIA

Douto primo, dizeis com acerto: somos frágeis. E tanto que Deus, na Sua infinita Grandeza, perdoará as pequenas misérias em que nos perdemos, e quantas vezes não destroem aquilo que assegurámos com sagrados votos, se com outras misérias lhes não dermos combate!

DOM ANTÓNIO

Será de justiça, a terrena Justiça...

ANA MARIA

Como dizeis... Pois tenho até hoje mantido aquela fidelidade conjugal de que fiz jura solene perante o divino altar...

DOM ANTÓNIO

Compreendo; mas não vos têm, talvez, correspondido com igual moeda.

ANA MARIA

Sim, talvez...

DOM ANTÓNIO

Pois, senhora prima, tendes de vos impor. Porque a vingança não foi só prazer dos deuses pagãos. O próprio Jeová não hesitou em usar do dilúvio universal para castigar o pecado dos homens... E vós, por certo, não ides tão longe!

ANA MARIA

Mas achais então justo que eu me vingue de quem se empenha em destruir-me uma felicidade assegurada por sacros votos?

DOM ANTÓNIO

*(Amável.)* Os deuses vos respondem por mim.

ANA MARIA

Poderei mesmo lançar mão de nefanda aleivosia para me despicar duma rival?

DOM ANTÓNIO

*(Surpreendido.)* Uma rival!... Pois é de uma mulher que pensais despicar-vos?

ANA MARIA

Sim, uma mulher por quem meu marido desvaira!

DOM ANTÓNIO

*(Pausado.)* Senhora prima, a Vingança foi, sem dúvida, o prazer dos deuses, mas disso só adveio a guerra, o extermínio. Hoje nós, criaturas humanas, inspiradas pela sapiência, pensamos mais humanamente dirimir vinganças, sedes de justiça, por meios mais afáveis, até amorosos! Porque não cuidais da mesma sorte?

ANA MARIA

Senhor meu primo, como proceder assim com a minha rival? Falais de amor... quando para defender o meu amor só ódio nutro!

DOM ANTÓNIO

Tende mão nos vossos zelos. Serei o vosso confidente... (*Levanta-se solene.*)  
Tornaremos a ver-nos esta noite no serenim de Queluz. Lá falaremos com mais  
delonga e aprazimento.

ANA MARIA

Talvez não...

DOM ANTÓNIO

Não vos mostrei esta noite no Paço! Oh!, mas fica ofuscado o serenim de Suas  
Majestades!

ANA MARIA

Sois bem amável... Mas o demo tem porfiado, de há um tempo, em trazer-me à sua  
conta.

DOM ANTÓNIO

Que outro pesar ainda vos aflige?

ANA MARIA

Como dizeis: ainda outro pesar... Dei ontem por falta dos meus brincos mais  
valiosos.

DOM ANTÓNIO

Vossos pendentes de pérolas, não? Mas, eram de alta valia!

ANA MARIA

Jóias de primeira água.

DOM ANTÓNIO

(*Depois de meditar um pouco.*) E não desconfiais de algum dos vossos servos... ou  
servas?

ANA MARIA

Tenho-os a todos por fiéis. Porém...

DOM ANTÓNIO

Certamente... E Dom Jaime, o que fez por isso?

ANA MARIA

Só me disse para não cuidar, que os brincos não teriam levado sumiço.

DOM ANTÓNIO

*Chi lo sa...?*

ANA MARIA

*Chi lo sa...* O certo é não os desencantar.

DOM ANTÓNIO

O senhor vosso esposo deveria tomar providências... Mas é por vossos brincos que não ides hoje ao serenim de Queluz?

ANA MARIA

Assim é.

DOM ANTÓNIO

*(Com resolução.)* Senhora prima, contaí com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.

ANA MARIA

Grande mercê vos ficaria devendo.

DOM ANTÓNIO

*(Com uma vénia.)* Por quem sois! E confiemos em que ainda esta noite ostentareis na Corte os vossos brincos.

ANA MARIA

CONFIEMOS, senhor meu primo... *(Dirige-se à F., onde chama.)* Leonor...

LEONOR

*(Assomando.)* Senhora...

ANA MARIA

Prepara-me o meu melhor trajo... *(De novo para a F.)* Pagem...

*Aparece o Pagem e Ana Maria fica falando com ele, enquanto Leonor cumpre as ordens dadas.*

DOM ANTÓNIO

*(À parte a Leonor.)* Seria ditoso se vos pudesse prestar grande serviço. Contaí com todo o meu empenho por vós...

LEONOR

*(Enquanto lida.)* Agradeço-vos, senhor, mas não conto merecer tanta graça.

ANA MARIA

*(À parte ao Pagem.)* Estareis aqui presente quando chegar o senhor Dom Jaime.

PAGEM

Aqui serei, senhora.

DOM ANTÓNIO

(*À parte a Leonor.*) Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!

ANA MARIA

(*À parte ao Pagem.*) Assim, logo que me ouvires dizer a Dom Jaime que gostaria de conhecer o segredo do escrínio de Leonor, tu o dirás presto!

PAGEM

(*Numa vénia.*) Sou o vosso Pagem.

DOM ANTÓNIO

(*Na mesma atitude.*) Dai-me as vossas ordens, senhora prima.

ANA MARIA

Acompanho-vos até ao parque.

DOM ANTÓNIO

Como sois gentil!... Tenho minha sege na porta velha. Por aí sairei com a vossa permissão.

ANA MARIA

Como melhor for de vosso grado ... (*Sai pela F., com Dom. António, depois deste lançar um olhar a Leonor.*)

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurei cumprir os objectivos a que me propus: proporcionar o conhecimento das duas versões de *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro, por meio da minha proposta de edição face a face; e contribuir para o estudo do património literário deste autor, desconhecido da maior parte dos leitores contemporâneos.

Procurei, antes de comentar a edição da comédia, documentar o leitor acerca da biografia deste autor e tecer as considerações que entendi necessárias para uma boa compreensão dos textos das duas versões. Referi que, enquanto escritor, Aleixo Ribeiro produziu muito, ainda que tenha publicado muito pouco, e que foi assistente de realização de cinema e agente artístico, tendo deixado inéditos vários textos sobre cinema e arte.

Em relação aos textos da comédia, procurei situá-los no tempo, referindo que terão sido escritos antes de 1945, por não respeitarem a norma ortográfica aí presente.

A edição face a face proporcionou o conhecimento das semelhanças e diferenças entre as duas versões, por meio da comparação. Referi e especifiquei, por meio de alguns exemplos, as diferenças entre as duas versões em relação às falas, à sequência destas e dos acontecimentos e ao número de cenas. Em vários casos essas alterações interferem no sentido da comédia, com vantagem para a versão B.

Espero ter fundamentado bem o facto de considerar a versão B a mais recente ao apontar as melhorias em relação à outra versão. Por isso referi que o texto original da versão B não contém tantos erros ortográficos nem tantas gralhas como o da versão A, que há um maior cuidado na pontuação e que a trama está melhor urdida. Indiquei os critérios que segui para fazer a edição e registei as alterações a que procedi.



## GLOSSÁRIO

Palavra	Página	Significado
rás	54	( <i>s.m.</i> ) pano de Arrás, cidade francesa da Bretanha.
minuete	55	( <i>s.m.</i> ) composição musical de compasso ternário simples que integra suites e sinfonias.
casquilha	55	( <i>s.f.</i> ) pessoa que usa muitos enfeites, que se veste com muitos adornos ou com exagerado primor.
mochila	55	( <i>s.m.</i> ) criado, lacaio.
eguariço	55	( <i>s.m.</i> ) indivíduo que trata dos equídeos.
tinelo	57	( <i>s.m.</i> ) refeitório de uma casa fidalga onde comiam os criados e os serventes.
mafra	57	( <i>s.f.</i> ) gente baixa, ordinária, ralé, arraia-miúda.
tamborete	61	( <i>s.m.</i> ) cadeira de braços, sem costas; cadeira com assento de pau.
tem-te-não-caias	63	( <i>fam.</i> ) posição ou situação de instabilidade; falta de segurança.
sege	63	( <i>s.f.</i> ) antiga carruagem de duas rodas e um só assento, fechado com cortinas na frente.
dobrão	65	( <i>s.m.</i> ) antiga moeda de ouro que valia 24\$000 réis.
nem tus (chus) nem bus	67	( <i>loc. adv.</i> ) sem dizer uma palavra.
quadrilheiro	77	( <i>s.m.</i> ) oficial inferior de justiça, rondador, esbirro.
suasivo	81	( <i>adj.</i> ) persuasivo.
mesurar	83	( <i>v.intr.</i> ) fazer medidas, reverências.
boceta	83	( <i>s.f.</i> ) pequena caixa, cilíndrica ou oval, de papelão ou madeira.
esbirro	96	( <i>s.m.</i> ) oficial inferior de justiça.
Roda	100	( <i>s.f.</i> ) hospício de enjeitados.
Sus!	100	( <i>interj.</i> ) coragem!, ânimo!, eia!
<i>Chi lo sa</i>	107	expressão italiana traduzível por “Quem o sabe?”



***GALANTERIA: PEÇA EM 1 ACTO, DE***  
**ALEIXO RIBEIRO**

**EDIÇÃO FACE A FACE**

**Lídia da Piedade dos Santos Pereira**

---

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Edição de Texto**

**MARÇO DE 2010**



*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica de  
Fernando Cabral Martins

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

## **DECLARAÇÕES**

Declaro que este trabalho de projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 31 de Março de 2010.

Declaro que este trabalho de projecto se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O orientador,

Lisboa, 31 de Março de 2010.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

*A todos aqueles que, passando pela minha vida, acreditaram em mim,  
apoando-me e dando-me estímulo para continuar.*

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

*Paciência e perseverança têm o efeito mágico de fazer as dificuldades  
desaparecerem e os obstáculos sumirem.*

John Quincy Adams

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a paciência e as preciosas indicações fornecidas pelo meu orientador e também meu professor do Seminário de Crítica Textual, Fernando Cabral Martins, que me deu, no primeiro semestre, a oportunidade de elaborar uma edição crítica de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, tendo aprendido muito com esse trabalho.

Agradeço ainda a todos os meus professores do mestrado em Edição de Texto, com os quais tive a oportunidade de aprender diferentes matérias relacionadas com o mundo da edição de texto.

Por último, agradeço a todos os meus professores ao longo destes longos anos pelo que me ensinaram.



## RESUMO

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

**PALAVRAS-CHAVE:** edição face a face, Aleixo Ribeiro, comédia, versões, variantes, critérios de edição, erros ortográficos, gralhas, actualização ortográfica, normalização ortográfica, erros de pontuação.

São dois os objectivos deste trabalho: o primeiro é proporcionar o conhecimento da comédia inédita *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro (1899 - 1977); o segundo é contribuir para o estudo do património literário deste autor que, apesar de ser de reconhecido mérito, se encontra esquecido nas histórias de literatura portuguesa e é pouco conhecido dos leitores contemporâneos.

O trabalho está dividido em duas partes: uma introdutória em que forneço dados biográficos do autor, faço considerações acerca da comédia, comento a edição das duas versões do texto, estabelecendo a diferença entre os dois textos e relacionando-os com o original, e apresento bibliografia; a segunda parte consiste na edição face a face da comédia.

Aleixo Ribeiro escreveu romances, novelas, poemas, peças de teatro, guiões de cinema, exerceu jornalismo, escreveu ensaios, colaborou em revistas e jornais, foi assistente de realização de cinema e agente artístico. Foi o responsável pela vinda a Portugal da Companhia de Bailados Russos de Diaghilev. Uma parte considerável da sua obra está inédita.

Considero a versão B mais recente por apresentar melhorias em relação à versão A em diferentes aspectos: apesar de a ortografia não corresponder de todo à norma do Acordo Ortográfico de 1945, não há tantos erros ortográficos como na versão A, há um maior cuidado na pontuação e a trama está melhor urdida. O registo das alterações a que procedi ao fazer a edição face a face ajuda a perceber onde intervêm e porquê. O glossário proporciona uma melhor compreensão de termos que podem ser desconhecidos do leitor contemporâneo.

## ABSTRACT

*Galanteria: peça em 1 acto*, by Aleixo Ribeiro - Dual Edition

Lídia da Piedade dos Santos Pereira

**KEYWORDS:** dual edition, Aleixo Ribeiro, comedy, versions, variants, criteria of edition, orthographic errors, misprints, orthographic actualization, orthographic normalization, errors of punctuation.

This work has two objectives: the first is to provide knowledge about the unpublished comedy *Galanteria: peça em 1 acto* by Aleixo Ribeiro (1899-1977); the second is to contribute to the study of the literary heritage of this author who, despite his recognized merit, is forgotten in portuguese literary histories and is not well-known by the contemporary readers.

This work is divided in two parts: one is an introduction in which I supply biographic data about the author, explain the comedy, comment on the two versions of the text, establishing the differences between the two texts and relating them to the original and present the bibliography. The second part corresponds to the dual edition of *Galanteria: peça em 1 acto*.

Aleixo Ribeiro wrote novels, short novels, poems, plays and cinema guides. He practised journalism, wrote essays, contributed to magazines and journals, he was a cinema production assistant and artistic agent. He was the responsible for the arrival in Portugal of the Russian of Diaghilev Dance Company. A considerable part of his work is unpublished.

I believe version B is more recent given the following improvements over version A: even though the orthographies don't completely meet the norm of the Orthographic Accord of 1945, there are fewer orthographic errors than in version A, the punctuation is more correct and the plot is better weaved. The notes on the alterations I made explain where I intervened and why. The glossary provides a better understanding of terms with which the contemporary readers may be unfamiliar.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

## ÍNDICE

### I.

#### QUESTÕES DE EDIÇÃO

INTRODUÇÃO .....	16
1. Dados biográficos do autor .....	18
2. Síntese das duas versões da comédia .....	21
3. Considerações acerca da comédia .....	24
4. Bibliografia .....	37
4.1. Bibliografia activa .....	37
4.2. Referências bibliográficas .....	37
5. Critérios seguidos .....	39
6. Notas e comentários acerca da edição.....	40

### II.

#### AS DUAS VERSÕES

As duas versões de <i>Galanteria: peça em 1 acto</i> , de Aleixo Ribeiro .....	48
Variante da cena IV da versão adoptada .....	105
CONCLUSÃO .....	110
GLOSSÁRIO .....	112

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

**I.**  
**QUESTÕES DE EDIÇÃO**

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

## INTRODUÇÃO

Com este trabalho pretendo apresentar uma proposta de edição face a face da comédia *Galanteria: peça em 1 acto*, que não foi publicada em vida, proporcionando o conhecimento das semelhanças e diferenças entre as duas versões. A comparação das duas versões permitirá perceber o percurso de escrita do autor, ou seja, perceber qual foi a última a ser escrita.

A comédia foi escolhida por dois motivos: por ser um inédito com duas versões, nomeadas por mim A e B, sendo que a B possui duas variantes da cena IV e porque o seu autor, Aleixo Ribeiro, apesar de ter sido reconhecido em seu tempo pelo valor literário das suas obras, é desconhecido da maioria do público contemporâneo e não consta das histórias da literatura portuguesa.

As fontes para a edição crítica de *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro, são duas versões da peça, dactilografadas, depositadas no espólio do autor na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, com a cota E8/17.

O espólio deste autor, doado à Biblioteca Nacional a 10 de Janeiro de 1983 pela Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria da Conceição Ribeiro Gomes da Silva, ainda se encontra por estudar. Está distribuído por 14 caixas e 443 documentos que se encontram no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

Do espólio constam manuscritos do autor:

- poesia (a antologia de poemas *Transeunte da vida. Vagabundo de sonhos*: poemas);
- prosa (*O espiritualismo medieval no classicismo da história*; *Memórias do repórter americano*; *O Rei de Andorra: príncipe iluminado ou charlatão?*; *O sentido humano da estética*);
- teatro (*Aninhas: peça em 3 actos*; *Os caminhos da vida: peça em 3 actos*; *Columbina: poema dramático*; *Galanteria: peça em 1 acto*);
- cinema (*A alma e os braços: argumento para um filme sobre o colonato da cela*; *A casa flutuante: [guião]*; *Lobos do mar: argumento para um filme de curta metragem*; *O moinho e o poeta: argumento cinematográfico*);
- traduções (o anónimo *A farsa de mestre Pathelin* e *Don Juan: [peça de teatro]*);
- desenhos (*[Desenhos]*);



- vária ([*Antologia: projecto*]; [*Considerações sobre os audiovisuais*]; [*Entrevistas*]; *O homem e a filosofia*; *A margem de* Os Cadernos de Malte Laurids Brisse; *O pão da vida: romance*; *Relatório para uma organização industrial de cinema português*; [*Romance autobiográfico: fragsms.*]; [*Textos sobre arte: fragmentos*].

Consta também do espólio correspondência: cartas de Aleixo Ribeiro (destinadas à Associação Portuguesa de Escritores; a Joaquim Aleixo Ribeiro, seu pai; e a personalidades como Massaud Moysés, Marta Neves e Albano Ribeiro); e cartas destinadas a Aleixo Ribeiro (da Associação Portuguesa de Escritores, da Biblioteca da Ajuda, da Biblioteca Nacional de Macau, da Biblioteca Nacional de Moçambique, da Emissora Nacional de Radiodifusão; e de personalidades como Eugénio de Melo e Castro, Ferreira de Castro, José Régio e José Saramago).

Constam ainda do espólio documentos anexos do autor:

- documentos biográficos (o assento de óbito, o cartão de identidade da A.P.E., a certidão de Nascimento, o extracto da certidão de matrimónio);
- recortes de imprensa (artigos do autor como contos e novelas, textos ensaísticos e outros como [*Carta*] aos *Directores do Mundo Literário* e [*Entrevistas a Aleixo Ribeiro*], e artigos sobre o autor como [*Críticas várias*] e [*Notícias bibliográficas*]);
- impressos de obras do autor e de revistas em que colaborou e de publicações várias como a *Chanson du sixième hiver* e *A crítica literária portuguesa*;
- vária ([*Colecção de autógrafos*], [*Desenho*] e *Fotografias*).

Do espólio constam também manuscritos de terceiros: poesia (de Eugénio de Andrade); prosa (as Comunicações apresentadas ao Congresso dos Escritores Portugueses em 1975 com a intervenção do autor; a [*Entrevista a*] *Aleixo Ribeiro*); cinema; e vária.

Constam ainda do espólio documentos anexos de terceiros como recortes de impressos ([*Aleixo Ribeiro*]: *exposição na B.N.*; *A colcha de estimação*: [*homenagem de O Diário a A. R.*])

Aqui fica o meu contributo para o estudo do espólio deste autor que deixou muita obra inédita com variantes, merecedora de ser editada.

## 1. Dados biográficos do autor

Joaquim Aleixo Ribeiro Júnior, que adoptou o pseudónimo Mário Vilar nalgumas obras, nasceu a 2 de Abril de 1899 em Lisboa e faleceu em Lisboa a 27 de Maio de 1977.

Provinha da classe social média lisboeta. Frequentou um curso na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, abandonando-o dois anos depois de se ter matriculado por causa de uma rebelião estudantil.

Iniciou-se na escrita literária em 1920 com a publicação do volume de poemas *Ilusões que Passam*, que é uma selecção do seu espólio poético da adolescência.

Foi conjugando a sua carreira de escritor com outras actividades como o jornalismo, foi assistente de realização de cinema, agente artístico, foi o responsável pela vinda a Portugal da Companhia de Bailados Russos de Diaghilev e dedicou-se a outras actividades ocasionais.

Foi redactor da publicação *Paris Midi*, foi colaborador regular das revistas *Civilização e Ilustração*; colaborou nas publicações *ABC*, *Espectáculo*, *O Globo*, *Jornal de Letras e Artes*, *O Mundo Literário*, *Notícias Ilustrado*, *Presença*, *Vértice: revista de cultura e arte*, *O Primeiro de Janeiro*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *O Diabo*, *Europa*, *Portucale* e *Contemporânea*. Escreveu diversos ensaios. Publicou pequenos contos e ensaios nas colunas de jornais e revistas (*Portucale*, *Presença*).

Publicou vários estudos, entre os quais um sobre a obra literária de Rodrigo Paganino (1835-1863), em particular sobre os *Contos do Tio Joaquim* (1861), publicado em *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, sob a direcção de João Gaspar Simões.

As suas primeiras obras revelam influência simbolista, à maneira de Eugénio de Castro, com reminiscências neo-românticas e futuristas. Exemplos disso são *Ilusões que Passam*, os livros de poemas *Claustro de Símbolos* (1925) e *Asas Exiladas* (1925).

Escreveu também prosa romanesca: a novela epistolar *O Pecado* (1924) e o romance *Jogo de Damas* (1923), muito marcados por um sentimentalismo de

exaltações fictícias. Nessa altura já era vagamente reconhecido o seu “compenetrado esteticismo” e o seu misticismo. Não se submetia aos cânones na expressão literária.

Publicou, em 1932, na “Colecção de Autores Modernos”, dirigida por João Gaspar Simões, o romance *Bússola Doida*, romance psicológico que revela uma aproximação à estética presencista, de tendência claramente dostoievskiana, alinhado nos pressupostos de um certo psicologismo social, descrevendo os impulsos irreprimíveis da adolescência. Na opinião de João Gaspar Simões este é “o primeiro romance português a propósito do qual a invocação do nome de Marcel Proust não seria descabida.” (Álvaro Salema: 1987: 70). O próprio autor proclamava o livro como “antiliterário na forma e no espírito” e afirmou “com este romance pretendi reagir contra todos os postigos literários, utilizando impressões da minha infância e adolescência sob a forma de autobiografia de um moço que não tinha objectivamente drama algum na sua vida e assim não se revia um herói romanesco” (Álvaro Salema: 1987: 70). É um romance que procura a “literatura viva” e o sentido do belo. A sua narrativa e a limpidez da análise psicológica consagraram Aleixo Ribeiro, tendo-lhe sido pedido que escrevesse romances analíticos da burguesia lisboeta e dos meios intelectuais. Este é um romance um tanto desordenado, mas pleno de vitalidade espontânea.

O autor conheceu uma evolução literária curiosa pois a partir da publicação de *Bússola Doida* passou a alinhar no neo-realismo, explorando os problemas sociais do homem do mar, da cidade e da gleba. O autor chegou a afirmar que “ao romancista compete exprimir o Homem no seu meio social, no seu mundo humano.” (Álvaro Salema: 1987: 71). Movido por essa ideia, publicou *A Caixa de Música* (1940), *Bairro Excêntrico* (1946) e *Patrão Bento* (1962). *Bairro Excêntrico* aborda, numa perspectiva mais realista, os costumes de uma classe social popular, mostrando-nos a adolescência rebelde nos bairros pobres de uma Lisboa, com todas as sequelas sociais e humanas de entre as duas guerras. *Patrão Bento* foi considerada uma obra muito bem conseguida, exemplo de uma boa integração da análise social do meio com a análise psicológica das personagens.

Apesar da clara influência neo-realista, Aleixo Ribeiro sempre se procurou demarcar desta corrente, enveredando pelo jornalismo, o teatro e o cinema em sucessivos projectos nunca concretizados. Publicou ainda a novela *O Canto Daquela Rua* (em volume de parceria) em 1945 e escreveu duas obras sob o pseudónimo Mário Vilar:

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

*História Maravilhosa de Erasmo de Roterdão* (1943) e *História Maravilhosa de Galileu* (1944).

Da bibliografia de Aleixo Ribeiro fazem também parte peças de teatro e alguns guiões de cinema, actividade a que esteve ligado como assistente de realização.

Após a sua morte, diversos organismos realizaram cerimónias de homenagem ao escritor, entre os quais a Associação Portuguesa de Escritores, em Março de 1982; a Biblioteca Nacional, que apresentou uma exposição biblio-iconográfica evocativa de Aleixo Ribeiro; a Sociedade da Língua Portuguesa, que organizou uma mostra composta por poemas inéditos que fazem parte de uma colectânea que o escritor preparava para publicação sob o título *Transeunte da Vida, Vagabundo de Sonhos*, além de outros escritos de sua autoria.

## 2. Síntese das duas versões da comédia

Versão A	Versão B
<p>Cena I</p> <p>- Leonor, a aia privada, touca Maria Ana e esta, por ciúmes, faz-lhe uma série de críticas e acusações.</p> <p>- Leonor despede-se, deixando à disposição de Ana Maria um escrínio de segredo com as suas economias enquanto Ana Maria não achar os pendentes de pérolas que diz terem desaparecido.</p>	<p>Cena I</p> <p>Esta cena não apresenta diferenças significativas em relação à cena I da versão A.</p>
<p>Cena II</p> <p>- Maria Ana sabe, pelo Pagem, em troca de algumas moedas, da conversa entre D. Jaime, seu marido, e Leonor, da carta de D. António para Leonor e consegue saber o segredo do escrínio de Leonor.</p> <p>- Maria Ana vai à alcova de Leonor buscar o escrínio e coloca lá os seus pendentes.</p>	<p>Cena II</p> <p>Esta cena não apresenta diferenças significativas em relação à cena II da versão A.</p>
<p>Cena III</p> <p>- O Pagem entra com a notícia de que D. António, primo de Maria Ana, pede para ser recebido.</p> <p>- Maria Ana queixa-se a D. António da infidelidade do esposo, D. Jaime, e do desaparecimento dos brincos de pérolas e D. António compromete-se a</p>	<p>Cena III</p> <p>- O Pagem entra com a notícia de que Dom António, primo de Ana Maria pede para ser recebido.</p> <p>Cena IV - Variante não adoptada</p> <p>- Ana Maria recebe Dom António e queixa-se da infidelidade do esposo, Dom Jaime, e do desaparecimento dos brincos de pérolas e Dom António</p>

providenciar um quadrilheiro.	compromete-se a arranjar um quadrilheiro.
<p>Cena IV</p> <p>- O Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte e mostra-lhe os dobrões de ouro, insinuando que não os recebeu para seu bem.</p> <p>- D. Jaime aparece, pergunta por Maria Ana e pede ao Pagem que lhe vá dizer que chegou.</p> <p>- D. Jaime pergunta a Leonor quem deu os dobrões ao Pagem. Ela responde que não sabe mas que acha que não é para seu bem. Diz ainda que se despede da casa de D. Jaime e Maria Ana.</p>	<p>Cena IV - Variante adoptada</p> <p>- O Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte e mostra-lhe os dobrões de ouro, insinuando que não os recebeu para seu bem.</p> <p>- Dom Jaime aparece, pergunta por Ana Maria e pede ao Pagem que lhe vá dizer que chegou.</p> <p>Cena V</p> <p>- Dom Jaime pergunta a Leonor quem deu os dobrões ao Pagem. Ela responde que não sabe mas que acha que não é para seu bem. Diz ainda que se despede da casa de Dom Jaime e Ana Maria.</p>
<p>Cena final</p> <p>- Maria Ana mostra a D. Jaime o escrínio de cobre de Leonor e abre-o com o segredo dito pelo Pagem.</p> <p>- D. Jaime observa os brincos com o seu óculo e comprova que são muito parecidos com outros, guardados, que ele apresenta como sendo os de Maria Ana.</p> <p>- D. Jaime pede ao Fâmulo, que entretanto trouxera a notícia da chegada</p>	<p>Cena VI</p> <p>- Ana Maria conta a Dom Jaime que descobriu uma carta com as insígnias dos Clara e Altamira para Leonor e mostra a sua desconfiança em relação a esta.</p> <p>- Ana Maria mostra o escrínio de preço de Leonor a Dom Jaime e abre-o com o segredo dito pelo Pagem.</p> <p>- Dom Jaime observa os brincos com o seu óculo e diz que levou os brincos de Ana Maria ao Lázaro para os polir.</p> <p>- Dom Jaime pede ao Fâmulo, que entretanto trouxera a notícia da chegada do quadrilheiro, que este leve o Pagem</p>

<p>do quadrilheiro, que este leve o Pagem para a Roda porque possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios.</p> <p>- D. Jaime diz a Maria Ana para aprender a amar os infelizes e convida-a a dançar um minuete.</p>	<p>para a Roda porque possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios.</p>
	<p>Cena final</p> <p>- Dom António apresenta-se a Dom Jaime que lhe indica as desconfianças de Ana Maria.</p> <p>- Dom António pede desculpas aos primos justificando a sua atitude com o amor e ajoelha-se diante de Leonor e Dom Jaime ajoelha-se também diante de Ana Maria.</p>

### 3. Considerações acerca da comédia

As duas versões desta comédia revelam várias diferenças a nível das falas, da ordem e distribuição das falas e dos acontecimentos por cenas, da acção, das personagens e do número de cenas.

Uma primeira nota: na versão A a senhora da casa chama-se Maria Ana e na versão B chama-se Ana Maria; as personagens D. Jaime e D. António de Clara e Altamira da versão A aparecem sem o *Dom* abreviado.

Há falas que existem apenas numa das versões, falas diferentes nas duas versões, falas com informação nova numa das versões, acontecimentos que ocorrem apenas numa das versões (), e que têm implicações com o sentido da comédia, com a acção e com a caracterização das personagens. O facto de Ana Maria mostrar a carta de Dom António ao seu esposo na cena VI da versão B, insinuando que a letra é de Dom António de Clara e Altamira favorece a versão B, pois, na versão A, Maria Ana não fala da carta, sendo esperado que o fizesse uma vez que o seu objectivo era denegrir a imagem de Leonor para a despedir.

O número de cenas é mais reduzido na versão A, porque a cena IV dessa versão é desdobrada na variante adoptada da cena IV da versão B e na cena V da mesma versão e porque a versão B tem uma cena final com o desfecho, inexistente na versão A, e que consiste numa diferença a nível de conteúdo.

Se considerarmos a variante adoptada da cena IV da versão B, como proponho neste trabalho, há outra diferença notória a nível do conteúdo: a versão B não apresenta a conversa entre Ana Maria e Dom António, ainda que a cena II a suponha e que a cena VI nos apresente a decisão tomada por Dom António, com o acordo de Ana Maria: o enviar de um quadrilheiro a casa de Ana Maria para averiguar do desaparecimento dos seus pendentes de pérolas. Nessa mesma cena há uma diferença que não tem influência no desenrolar da acção mas que deve ser notada: o Pagem manifesta a seu amor por Leonor ao dizer que lhe contava a terrível verdade e que lhe dava os dobrões de ouro se ela aceitasse casar-se com ele.

A cena III da versão A é desdobrada em duas na versão B: a cena III e a variante não adoptada da cena IV. Este desdobramento torna mais leve a comédia e evita o estranhamento por o Pagem voltar à recâmara de Maria Ana quando esta conversa com D. António.



Na cena I das versões A e B apenas há uma diferença relevante se pode assinalar: na versão A Leonor admite a possibilidade de professar, enquanto na versão B rejeita essa hipótese. Esta é uma diferença significativa, com consequências na cena final da versão A, uma vez que Leonor, quando D. Jaime lhe entrega os brincos de pendentes de Maria Ana, os recusa, dizendo que tenciona professar. Na cena VI da versão B os brincos passam por ser de Leonor, que, apesar de apavorada com o facto dos brincos de Ana Maria estarem dentro do seu cofre, não os recusa, pois não tenciona professar e também porque Dom Jaime a manda calar.

Há uma maior desconfiança da relação adúltera de D. Jaime na versão A, lançada pelo Pagem na cena II da mesma versão quando este dá a entender a Maria Ana que Leonor e D. Jaime conversaram “muito chegadinhos” e “em segredo”. De igual modo a certeza de Maria Ana em relação à infidelidade do marido é maior na cena III da versão A do que na variante não adoptada da cena IV da versão B pois na versão A Maria Ana confirma a D. António a infidelidade do marido (“Assim é.”) e na versão B apenas responde “Sim, talvez...”

## **Acção**

Em relação à estrutura externa esta é uma comédia em um acto, uma vez que a acção decorre em apenas um espaço: a casa de Ana Maria e Dom Jaime. Esse acto é constituído por cinco cenas, na versão A, e por sete cenas, na versão B.

A estrutura interna corresponde à tripartição típica de qualquer texto dramático: exposição, conflito e desenlace.

Na comédia em análise a exposição (apresentação das personagens e dos antecedentes da acção) corresponde às cenas I e II em ambas as versões, pois nelas são apresentadas ou referidas as personagens necessárias à intriga e tomamos conhecimento da causa que levará ao conflito: os ciúmes de Maria Ana / Ana Maria. Aparecem em cena as personagens de Maria Ana / Ana Maria e de Leonor na cena I de ambas as versões, e o Pagem surge na cena II. É feita referência nessa cena a D. Jaime / Dom Jaime e a D. António / Dom António. Na cena I é apresentada a causa que levará ao desenvolvimento da intriga: o ódio que Maria Ana / Ana Maria sente por Leonor. Na cena I de ambas as versões percebe-se a implicância da senhora com

Leonor quando esta a touca. Na cena II de ambas as versões desconfiamos que Ana Maria sente ciúmes de Leonor quando pergunta ao Pagem se D. Jaime / Dom Jaime falou com a aia antes de sair se escutou a conversa. Maria Ana / Ana Maria obtém, entregando ao Pagem dois dobrões de ouro, o segredo do escrínio que Leonor pusera à sua disposição na cena I de ambas as versões, e fica a saber que D. António / Dom António deixara uma carta para Leonor. Está, deste modo, preparado o terreno para o conflito. Todas as informações importantes para o desenvolver da acção são mencionadas nas cenas I e II, correspondentes à exposição.

O cerne desta comédia é a intriga que Maria Ana / Ana Maria proporciona ao colocar os seus brincos de pendentes no escrínio de Leonor (cena II de ambas as versões) para que, ao abri-lo, na cena final da versão A e cena VI da versão B, D. Jaime / Dom Jaime pense que a aia lhe roubara os brincos e assim poder despedi-la com justa causa e terminar a relação adúltera do seu marido. De acordo com a cena II de ambas as versões, D. Jaime / Dom Jaime parece não estar preocupado com o suposto desaparecimento dos brincos pois ficamos a saber que disse a Maria Ana / Ana Maria e a Leonor que eles haviam de aparecer. Como na cena final da versão A e na cena VI da versão B ele faz passar os brincos que adquirira pelos de Maria Ana / Ana Maria, tal leva-nos a pensar que ele já tinha a intenção de adquirir uns brincos iguais aos de sua esposa, fazendo-os passar pelos mesmos. Apesar de fazer crer que julga que os brincos dentro do escrínio de Leonor são dela ao entregar-lhos, D. Jaime sabe que os brincos são de Maria Ana pois, na cena final da versão A, lhe dá a entender que percebeu o que ela fez ao dizer: “Maria Ana, aprendei a amar na vossa felicidade os que são infelizes.”

O conflito corresponde às cenas III, IV e cena final da versão A e às cenas III, IV, V e VI da versão B pois é nessas cenas que a acção se desenvolve devido ao plano de Maria Ana / Ana Maria para denegrir a imagem de Leonor diante de D. Jaime / Dom Jaime. Os acontecimentos não se prevêem a partir da exposição, mas desencadeiam-se de forma lógica e verosímil.

Assim, na cena III de ambas as versões o Pagem anuncia a Maria Ana/ Ana Maria que D. António/ Dom António pede para ser recebido. Na cena III da versão A há a conversa de D. António com Maria Ana sobre a infidelidade do marido, em que Maria Ana pede conselhos a seu primo sobre como actuar e sobre a suposta perda dos brincos de pendentes. Amavelmente D. António predispõe-se a providenciar um

quadrilheiro para que se achem os brincos de Maria Ana. Na cena IV da versão A e na cena IV da variante adoptada da versão B, o Pagem lembra a Leonor a sua má-sorte, dizendo-lhe que Maria Ana / Ana Maria lhe quer mal mais que nenhuma outra e insinua que recebeu os dobrões de ouro em troca de qualquer coisa terrível para Leonor.

Na cena IV da versão A e na cena V da versão B Leonor conta a D. Jaime / Dom Jaime a conversa que teve com o Pagem, manifestando o receio de que algo de mal lhe aconteça e anuncia que se despede de casa de D. Jaime / Dom Jaime.

Na cena VI da versão B, Ana Maria mostra a carta para Leonor com as insígnias dos Clara e Altamira, mostrando a sua desconfiança em relação a Dom António, mostra o escrínio de Leonor que diz ter encontrado no quarto da aia, e abre-o, aparecendo os pendentes de pérolas que lá colocou. Dom Jaime defende Leonor dizendo que, se tinha em seu poder uma carta de Dom António não seria sua culpa. Em relação aos brincos, afirma que levou os de Ana Maria ao Lázaro para os polir e apresentá-los como novos. Pede, então, ao Fâmulo que leve o Pagem para a Roda por possuir dobrões de ouro e saber o segredo dos escrínios. Na cena final da versão A a única diferença significativa a nível da acção é o facto de Maria Ana não falar na carta de D. António para Leonor.

É na fase do conflito que se vislumbra uma das funções da comédia: a denúncia do comportamento de determinadas personagens. É condenável o plano de Maria Ana / Ana Maria para incriminar Leonor do roubo dos seus pendentes de pérolas, por ciúmes. O comportamento do Pagem é reprovável porque entra no quarto das aias, do qual está proibido; porque faz favores e dá informações, servindo interesses opostos e prejudicando quem ama, Leonor, por dinheiro. Na variante adoptada da cena IV, o Pagem faz chantagem com Leonor dizendo que lhe contava a terrível verdade e lhe dava os dobrões de ouro se ela aceitasse casar com ele.

Por outro lado, também há, de certa forma, uma crítica a uma norma social, a da não-aceitação do relacionamento entre pessoas de diferente estatuto social. Maria Ana / Ana Maria é a representante desse tipo de mentalidade por não ver com bons olhos que D. António / Dom António, senhor nobre, fique no parque a conversar com Leonor. Na cena VI da versão B, perante Dom Jaime, Ana Maria mostra a sua desaprovação em relação ao facto de Dom António requestar uma açafata. Nessa mesma cena Ana Maria também não aceita que a sua aia privada tenha um escrínio

de preço. O leitor contemporâneo não encara com naturalidade que D. António / Dom António não se possa relacionar com Leonor nem que esta não possa ter um escrínio de preço como o de sua senhora.

Esta é uma comédia de situação por a sua acção consistir na existência de intrigas. Presente está o tema do engano em que várias personagens estão envolvidas até culminar sendo resolvido o problema. Maria Ana / Ana Maria tenta enganar D. Jaime / Dom Jaime ao colocar os seus pendentes dentro do escrínio de Leonor, de modo a que acredite que a aia os tenha roubado; quando diz que descobriu o escrínio de Leonor na sua câmara, omitindo que a aia lho havia posto à disposição a fim de facilitar o acto de a incriminar e quando diz a Dom Jaime que descobriu a carta com as insígnias dos Clara e Altamira na câmara de Leonor (na cena VI da versão B). D. Jaime / Dom Jaime também tenciona enganar Maria Ana quando compra os brincos de pérolas para os fazer passar pelos de sua esposa. Fica a dúvida se o fez para poupar o sofrimento de sua esposa pela perda dos brincos ou se ele já desconfiava do plano incriminatório de Maria Ana / Ana Maria. Ao ver os brincos de pérolas dentro do escrínio de Leonor faz crer que acredita que são os de Leonor e, na cena final da versão A, entrega-lhos. No entanto, no final dessa cena dá a entender à sua esposa que percebeu a sua manobra. Na cena VI da versão B Dom Jaime faz crer que acredita que os brincos dentro do escrínio de Leonor são da aia, mas, ao mandá-la calar desconfiamos que ele percebeu a manobra incriminatória de Ana Maria. Parece haver uma intenção correctiva porque Ana Maria perde, na cena VI da versão B, os seus brincos para Leonor, a aia privada. Também na cena final da versão A D. Jaime lhe dá a entender que percebeu a sua manobra, repreendendo-a subtilmente pela sua atitude.

O momento da cena final da versão B em que Dom Jaime e Dom António se ajoelham aos pés de Ana Maria e Leonor, respectivamente, consiste num momento cómico de reconciliação.

O desfecho, ou desenlace da acção, corresponde à cena final da versão B, pois é nela que são resolvidas as peripécias. Na cena final da versão B é resolvida a questão da carta quando Dom António confessa o seu amor por Leonor e se ajoelha diante dela, pedindo desculpas aos primos. O final é feliz pois Dom António parece ser desculpado por Dom Jaime e deduzimos que não será dispensado das visitas a casa de seus primos. Na cena final da versão A não há desfecho.

## **Personagens principais e secundárias**

As personagens principais são Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime e D. António / Dom António. Leonor, o Pagem e o Fâmulo são personagens secundárias.

### **Maria Ana / Ana Maria**

Casada com D. Jaime / Dom Jaime é uma senhora nobre porque tem à sua disposição uma aia privada, um Pagem e um Fâmulo, porque é sempre tratada pela segunda pessoa do plural, muitas das vezes como “a senhora” e “Vossa Senhoria”, porque o Pagem e D. António / Dom António lhe fazem vénias e porque, se atentarmos na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B, percebemos que Maria Ana / Ana Maria tem contactos com a corte, pois tencionava ir ao serenim de Suas Majestades, em Queluz.

Maria Ana / Ana Maria sente ciúmes de Leonor porque suspeita que seu marido a ama. Por isso procura sempre motivos para a diminuir. No início da comédia queixa-se da demora de Leonor, da falta de jeito e de organização, da existência de criados de Leonor a escudeirarem a casa da parte de dentro, insinua que Leonor tem pretensões superiores ao que seria suposto (quando pergunta se Leonor acha que os “mochilas “ ou “eguariços” são gente baixa demais para ela); puxa um frasco para a borda da banquinha e fá-lo cair para incriminar a aia, chamando-a de negligente; ameaça despedi-la quando “a razão for assaz forte”, não lhe valendo o facto de ser filha de uma valida da mãe de D. Jaime / Dom Jaime.

Maria Ana / Ana Maria é uma mulher astuta porque engendra um plano que incriminará Leonor, apoiado numa série de mentiras, sem que possa ser suspeita de querer mal a Leonor. O plano poderia funcionar se D. Jaime / Dom Jaime não tivesse comprado os brincos de pérolas. A dissimulação de Maria Ana / Ana Maria está ao serviço do acto de poder incriminar Leonor. Mente ao afirmar perante D. António / Dom António que desapareceram os seus brincos e diz confiar em todos os seus servos. Fiel ao seu plano incriminatório, mente ainda, perante Dom Jaime, na cena VI da versão B, ao afirmar que, durante uma vista de olhos pela câmara de Leonor encontrara uma carta ostentando as armas dos Clara e Altamira. O objectivo seria fazer

Dom Jaime desconfiar que Leonor teria um caso com Dom António, o que poderia tornar mais fácil o despedimento da aia. Maria Ana / Ana Maria mostra-se dissimulada também quando diz a Leonor que se sente indisposta na cena III de ambas as versões e quando dá a entender a D. António / Dom António que não se sente bem, na cena IV da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B. Ana Maria também dissimula ao fazer insinuações relacionadas com a suspeita de que Leonor tenha alguma culpa na carta de Dom António. Assim, afirma perante Dom Jaime, na cena VI: “Dom Jaime, talvez todo o mal não esteja em Dom António...” e “Tende-lo por único culpado?”, em relação a Dom António.

Maria Ana / Ana Maria é uma personagem altiva, severa na maneira como trata Leonor, mas também com o Pagem, na cena II da versão B, quando lhe pergunta se escutou a conversa entre Dom Jaime e Leonor e na cena II de ambas as versões quando ameaça arrancar-lhe as orelhas se ele a enganar alguma vez. Reage com impaciência e violência em ambas as versões para saber as informações que pretende quando sabe pelo Pagem que ganhou um dobrão por via da Leonor.

Ana Maria tem uma mentalidade que ainda não se abriu à modernidade, às novas ideias professadas por Dom António (versão B), vindas da França pois não vê com bons olhos uma relação entre seu primo e Leonor, uma aia privada, considerando, na cena VI da versão B, o acto de seu primo de escrever a carta a Leonor uma fraqueza própria dos homens da sua idade. Também não aceita, na mesma cena, que Leonor tenha um escrínio de preço como se de uma senhora se tratasse.

Maria Ana / Ana Maria é uma mulher que usa muitas jóias e dada a vaidades e à riqueza pois, na cena I de ambas as versões, em conversa com Leonor, considera-se “casquilha” e, na cena final da versão A e na cena VI da versão B fica encantada com o escrínio de Leonor a tal ponto que pede a seu marido que mande lavrar no Lázaro um escrínio semelhante àquele em prata e ouro na versão A e em ouro e pedraria na versão B.

## **Leonor**

Aia privada de Ana Maria, filha de uma valida da Marquesa de Valedoiro, mãe de D. Jaime / Dom Jaime.

Sabe que a sua senhora não gosta dela e defende-se perante as insinuações como pode. Na versão A admite a hipótese de vir a professar.

Leonor possui um escrínio de cobre na versão A e de prego na versão B que a mãe de D. Jaime / Dom Jaime, a Marquesa de Valedoiro, lhe ofereceu.

Na cena IV da versão A e na cena V da versão B Leonor mostra a sua gratidão perante D. Jaime / Dom Jaime pelo bem que este lhe tem feito.

Revela uma grande humildade quando, na cena I de ambas as versões, sugere à sua senhora que dispense seus serviços quando esta a chama de “negligente” por deixar cair a Água da Rainha da Hungria e acaba por se despedir à sua conta quando Maria Ana / Ana Maria ameaça despedi-la. É um sinal de humildade o facto de Leonor por à disposição de Ana Maria / Maria Ana as suas economias guardadas no escrínio em sua câmara enquanto a sua senhora não achar os pendentos desaparecidos. Por outro lado é também humilde quando recusa os serviços que D. António / Dom António lhe propõe para sua defesa, na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV.

## **D. Jaime / Dom Jaime**

Casado com Ana Maria, é um senhor nobre, filho da marquesa de Valedoiro. É referido pela primeira vez por Maria Ana / Ana Maria na cena I de ambas as versões.

D. Jaime / Dom Jaime procura enganar Maria Ana / Ana Maria ao fazer passar os brincos de pérolas que comprara pelos de sua esposa. Não sabemos se os comprou para fazer crer a Maria Ana / Ana Maria que os não perdera ou se já desconfiava que ela ia incriminar Leonor. O certo é que, em ambas as versões ele percebe que aqueles brincos são os de sua esposa e que Leonor não é culpada.

Dom Jaime sente uma grande admiração por Leonor. Demonstra, na cena IV da versão A confiança nela ao dizer-lhe que não deve temer nada se não tem pecado e, na cena V da versão B, quando diz que ela merece o que ele tem feito por ela pois conhece-a de menina e moça. Quando confrontado com a carta com as armas dos Clara

e Altamira para Leonor, na cena VI da versão B, Dom Jaime defende-a dizendo que ela é inocente.

Parece não simpatizar muito com D. António / Dom António: é irónico quando, na cena final da versão A e na cena VI da versão B, falando com Maria Ana / Ana Maria sobre seu primo, depois de este se ir embora, se refere a ele como “Sua Ilustríssima e a sua sapiência!”, fazendo uma vénia de bom humor. Dom Jaime, à semelhança de Maria Ana / Ana Maria não perdoa que Dom António tenha escrito uma carta a Leonor e imediatamente decide que vai dispensar as visitas de Dom António a sua casa. Por outro lado, D. Jaime / Dom Jaime não gostou que Ana Maria aceitasse que Dom António enviasse um quadrilheiro a sua casa sem a sua permissão.

Dom Jaime não tolera que o Pagem possua dobrões de ouro nem que saiba o segredo dos escrínios e, por isso, na cena final da versão A e na cena VI da versão B, pede ao Fâmulo que diga ao quadrilheiro que leve o Pagem para a Roda “para que aprenda a ser um homem” (Cena VI da versão B).

### **Pagem**

Não tem um comportamento sério pois aceita qualquer serviço por dinheiro, para pessoas com interesses diferentes, prejudicando quem gosta e quebrando as regras da casa.

O Pagem é descrito como “*piscando os olhitos manhosos*” quando percebe que poderá obter algum dinheiro de Maria Ana / Ana Maria prestando-lhe um serviço. Ficamos a saber pela cena II das duas versões que o Pagem escutou a conversa entre Leonor e D. Jaime / Dom Jaime; que se esconde atrás do rás para observar às escondidas o que se passa depois de Maria Ana / Ana Maria lhe ter ordenado que fosse verificar se Leonor andava a passear o Charmant; que entra na câmara de Leonor, estando-lhe vedado o acesso à câmara das aias, para lá depositar uma carta de D. António / Dom António e que aceita dinheiro de Maria Ana / Ana Maria em troca de informações (a conversa entre Leonor e D. Jaime / Dom Jaime, a carta de D. António / Dom António para Leonor e o segredo do escrínio de Leonor). O Pagem revela-se dissimulado quando finge fazer esforço para se lembrar do segredo do escrínio, fazendo a parte que isso não o interessava muito.



Leonor considera-o, na cena IV da versão A e na cena V da versão B, uma criança por ter aceitado dinheiro em troca de um serviço que ela julga não lhe ser favorável. A infantilidade do Pagem está no facto de, apesar de gostar de Leonor e de a avisar do perigo, ter aceitado dinheiro para algo de terrível para ela.

#### **D. António / Dom António**

Dom António é um senhor nobre, referido respeitosamente por todas as personagens, muitas das vezes pelo seu título, “Sua Ilustríssima o Principal”.

Na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B, D. António / Dom António revela-se cordial, atencioso, gentil, culto e possui o dom da palavra. É um homem poderoso, segundo as suas próprias palavras, e “filho de algo” nas de Ana Maria. É o confidente de Ana Maria em quem ela deposita confiança e a quem pede conselhos sobre como actuar perante a infidelidade do marido. Revela-se defensor dos meios pacíficos de resolver os problemas ao aconselhar Maria Ana / Ana Maria a evitar a vingança em relação à infidelidade do marido. A sua gentileza é notória na variante não adoptada da cena IV da versão B quando ele se mostra disponível para ouvir Ana Maria mais pormenorizadamente nessa noite, no Paço, durante o serenim de Suas Majestades, em Queluz. Também se mostra gentil quando se predispõe a passar pela Intendência para providenciar o mais hábil dos quadrilheiros para suprir a falta dos brincos de pérolas de Maria Ana / Ana Maria.

D. António / Dom António ama Leonor, como já foi dito acima. Perante Dom Jaime, na cena VI da versão B, Ana Maria considera-o ter “as fraquezas de todos vós homens” devidas à mocidade. O facto de D. António / Dom António requisitar açafata do serviço de Ana Maria está em consonância com as ideias modernas que provém da França e que Dom Jaime diz, na cena VI da versão B, que Dom António professa. Num aparte para Leonor na cena III da versão A e na variante não adoptada da cena IV da versão B D. António / Dom António demonstra a sua solidariedade para com ela oferecendo-se para lhe prestar um grande serviço. Na cena IV da variante não adoptada demonstra o seu amor dizendo ser “servo humilde” de Leonor. D. António / Dom António prevê, portanto, que seja uma das suspeitas de Maria Ana / Ana Maria (“Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!”).

## **Fâmulo**

Aparece na cena final da versão A e na cena VI da versão B anunciando a chegada do quadrilheiro da parte de Dom António e perguntando que recado lhe dará.

## **Espaço**

O espaço cénico é a casa de Maria Ana / Ana Maria e D. Jaime / Dom Jaime, onde se desenrola a acção. Na cena I de ambas as versões a acção de Leonor tocar Maria Ana / Ana Maria passa-se na recâmara de tocar da senhora.

Na cena II de ambas as versões há a referência à alcova de Maria Ana / Ana Maria onde esta vai depositar o escrínio de metal de Leonor e depois buscá-lo. De resto, as informações do Pagem a Maria Ana / Ana Maria são dadas na recâmara da senhora. Na cena III da versão A a acção passa-se na recâmara de tocar de Maria Ana, onde ela conversa com D. António. Na cena III da versão B Ana Maria encontra-se na recâmara de tocar quando Leonor e o Pagem aparecem à F.

Na cena IV da versão A não há referência ao espaço concreto da casa onde o Pagem e Leonor conversam e onde depois aparece D. Jaime, mas deduzimos que é a recâmara de tocar de Maria Ana, enquanto esta acompanha seu primo à porta. Na variante adoptada da cena IV da versão B também não há referência ao espaço concreto em que decorre a conversa entre Leonor e o Pagem, apenas sabemos que é fora da recâmara de Ana Maria, de onde eles saem na cena anterior.

Na variante não adoptada da cena IV da versão B a conversa de Ana Maria com Dom António passa-se na recâmara de tocar, onde Ana Maria se encontra, estirada no canapé. Na cena final da versão A também não há referência ao espaço em que se passa a acção. Contudo, como Maria Ana se encontrava na recâmara de tocar antes de acompanhar seu primo à porta, deduz-se que é lá que se passa a acção. Na cena V da versão B também não há referência ao espaço concreto em que se passa a acção, mas sabemos que é o mesmo da variante adoptada da cena IV, fora da recâmara de tocar de Ana Maria. Na cena VI da versão B não há referência onde Ana Maria entra, seguida do Pagem, mas supomos que é na sua recâmara de tocar, onde ela mostra a Dom Jaime a carta de Dom António para Leonor e onde ela abre o cofre e se revelam os pendants de pérolas que lá colocara. Na cena final da versão B não há

referência ao sítio concreto em que se passa a acção, mas deduz-se que Dom António entra na recâmara de tocar de Ana Maria, onde estão Ana Maria, Dom Jaime e Leonor.

Na cena I de ambas as versões Maria Ana / Ana Maria alude para o parque, onde o Pagem anda a passear o Charmant. Na cena II de ambas as versões o parque é novamente um espaço aludido quando o Pagem conta a Maria Ana / Ana Maria que Leonor e D. António / Dom António se encontram lá a conversar. Na cena final da versão A e na cena VI da versão B são aludidos dois espaços: o Lázaro e a Roda. O Lázaro é aludido por Maria Ana / Ana Maria quando pede a D. Jaime / Dom Jaime que mande lavrar um escrínio semelhante ao de Leonor e por Dom Jaime, na cena VI da versão B, quando refere que levou os brincos de Ana Maria ao Lázaro para os polir. A Roda é o espaço para o qual D. Jaime / Dom Jaime diz que o Pagem deve ir, como castigo.

### **Tempo**

Não há referência à passagem do tempo. Talvez se possa deduzir que a acção se passa no mesmo dia.

### **Modalidades do texto dramático**

Podemos considerar que o discurso dramático nesta comédia consiste em diálogos e apartes, mas não há monólogos. Não faltam as indispensáveis indicações cénicas. Elas desempenham uma função muito importante nesta comédia, pois elas indicam o cenário em que se passa a acção, as personagens, fornecem indicações sobre a sua movimentação em palco, as suas expressões faciais, os seus gestos, as entradas e saídas em cena. Através delas compreendemos ainda o carácter das personagens e as suas intenções.

No caso desta comédia, parece faltar algumas didascálias que seriam importantes para compreender melhor o espaço concreto em que se passa a acção. No entanto, temos a indicação de que o espaço é a casa de Maria Ana / Ana Maria e D. Jaime / Dom Jaime, mais concretamente a recâmara de tocar de Ana Maria de que é

feito um retrato bastante pormenorizado na indicação cénica que antecede a comédia. A porta do fundo médio (a F.) é referida sempre que aí surgem ou saem personagens (o Pagem, Leonor, Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime).

A indicação cénica que antecede a comédia permite-nos concluir que o espaço em que se passa a acção é uma casa nobre, pela descrição que é feita da recâmara de tocar. Elas indicam as vénias que são feitas a Maria Ana / Ana Maria, D. Jaime / Dom Jaime e D. António / Dom António, personagens nobres.

É por meio das didascálias que percebemos a afectação de Maria Ana / Ana Maria e a sua severidade e altivez para com Leonor e o Pagem, por ciúmes e impaciência. As didascálias são essenciais para percebemos as más intenções de Maria Ana / Ana Maria para com a sua aia na cena I de ambas as versões.

As didascálias apresentam-nos o Pagem como manhoso, dissimulado. As didascálias indicam as reacções de Leonor em relação ao mal que lhe acontece: de estarrecimento nas duas versões quando sua senhora suspeita de si, de susto, nas duas versões, quando o Pagem lhe diz que tem uma coisa terrível para lhe contar e, na cena VI da versão B, de pavor quando repara nos brincos de pendants de Ana Maria dentro do seu escrínio.

É ainda por meio das didascálias que percebemos a reacção de espanto de D. Jaime / Dom Jaime perante a notícia por parte de Leonor de que se despede, depois quando recebe a notícia de que o quadrilheiro da parte de D. António / Dom António acabara de chegar. Percebemos, na cena final da versão A, a ironia de D. Jaime em relação à sapiência de D. António por meio de uma didascália.

## **4. Bibliografia**

### **4.1. Bibliografia activa**

- Aleixo Ribeiro, *A Voz do Meu Sentir*, Lisboa, Pap. Guedes, 1920.  
idem, *Claustro de Símbolos*, Lisboa, Casa Garrett, 1923.  
idem, *O pecado da Mimi*, Lisboa, Tip. Luzitania, 1924.  
idem, *Jogo de Damas*, Lisboa, Nunes de Carvalho, 1933.  
idem, *Bússola Doida*, Lisboa, Ed. Europa, 1938.  
idem, *A Caixa de Música*, Lisboa, Argo, 1940.  
idem, *Companha*, s.l., 1943.  
Mário Vilar, *História Maravilhosa de Erasmo de Roterdão*, Lisboa, Argo, 1943.  
Mário Vilar, *História Maravilhosa de Galileu*, Lisboa, Argo, 1944.  
Aleixo Ribeiro, *Bairro Excêntrico*, Lisboa, Inquérito, 1945.  
idem, *Borboletas da Noite*, Lisboa, Organizações, 1956.  
idem, *Patrão Bento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1971.  
idem, *O Sentido Humano de Cultura e de Arte*, s/l, 1975.  
*Don Segundo Sombra*, Ricardo Guiraldes, trad. Aleixo Ribeiro, Lisboa, Editorial-Século, 1926.  
*A vida : grande revista de expansão nacional e internacional*, propr. e ed. Álvaro Canelas, dir. Aleixo Ribeiro, Lisboa, A. Canelas, 1931.

### **4.2. Referências bibliográficas**

- *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 4, Editorial Verbo, Lisboa / São Paulo, 2001.  
Título:  
- CORVIN, Michel, *Dictionnaire Encyclopédique du Théâtre*, 1ª ed., Bordas, Paris, 1995.  
- *Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, 1979.

- *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Edição. Séc. XXI*, n.º 25, Editorial Verbo, Lisboa, São Paulo, 2002.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, limitada, Lisboa, Rio de Janeiro, vol. XXV, Braga, 1978.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, actualização, Editorial Enciclopédia, limitada, Lisboa, Rio de Janeiro, vol. X, Braga, 1987.
- PAVIS, Patrice, *Dictionnaire du théâtre*, Editions Sociales, Paris, 1987.
- SALEMA, Álvaro, “Lembrando Aleixo Ribeiro (1899-1977)”, in *Revista Colóquio/Letras. Notas e Comentários*, n.º 99, Set. 1987, p. 70-71.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 17.ª edição, 1996.

## **5. Critérios seguidos**

Os critérios por mim adoptados para a edição do texto em questão são os seguintes:

- Escolha da versão que creio ser a mais recente por apresentar melhorias em relação à outra.
- Correção dos erros ortográficos.
- Correção de gralhas e incorrecções devidas a lapsos evidentes, nomeadamente em relação à atribuição de algumas falas, ao conteúdo, à grafia, à acentuação, ao uso de maiúsculas quando em posição não inicial e à pontuação quando é manifesto que ela não é a correcta.
- Alterei a letra inicial minúscula de uma personagem para letra maiúscula.
- Actualização ortográfica nos casos em que tal não interfira com questões fonéticas.
- Normalização ortográfica.
- Utilização do itálico nas didascálias e nas expressões estrangeiras.
- Utilização do parêntesis de abertura nas didascálias, em falta no texto original e, nalgum caso ou noutro o de fechamento, esquecido pelo autor.
- Alinhamento à esquerda das didascálias.

## 6. Notas e comentários acerca da edição

Os originais das duas versões estão dactilografados. A ortografia de ambos os textos leva-me a crer que estes foram redigidos antes do Acordo Ortográfico de 1945, pois não segue a norma ortográfica aí presente. Considero a versão B mais recente por apresentar melhorias em relação à versão A em diferentes domínios: não há tantos erros ortográficos, nem tantas gralhas, a pontuação é mais cuidada e a trama está melhor urdida. Tudo aponta para que seja uma reescrita do texto da versão A.

Optei por uma edição face a face por permitir a comparação das duas versões, as quais apresentam diferenças: falas que aparecem numa versão e na outra não, falas diferentes, falas que numa versão aglutinam duas ou mais falas da outra versão, o diferente número de cenas das duas versões (cinco na versão A e sete na versão B), diferenças na sequência das falas, dos acontecimentos e a diferente distribuição do texto por cenas. Vejamos alguns exemplos de diferenças entre as versões A e B e as consequências na trama da comédia:

Cena I	
Versão A	Versão B
<p>MARIA ANA</p> <p>Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!</p> <p>LEONOR</p> <p>Nunca de tal cuidei valer-me, senhora. E a prova é que me despeço à minha conta.</p> <p>MARIA ANA</p> <p>(Enfrentando-a.) Contas que interceda por ti o senhor meu esposo, ou o senhor</p>	<p>ANA MARIA</p> <p>Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra, conhecer de menino e moço o senhor Dom Jaime!</p> <p>LEONOR</p> <p>Enganai-vos, senhora Dona Ana Maria, que nunca de tal pensei valer-me...</p> <p>ANA MARIA</p> <p>... E dos bons ofícios do Principal, senhor Dom António...?</p>



D. António?	
LEONOR	LEONOR
Sabeis que nunca me vali do senhor D. Jaime, e muito menos o contei de o primo de Vossa Senhoria!...	Ainda menos, senhora... E tanto que me despeço à minha conta.

Neste exemplo, em relação à primeira fala de Ana Maria, é mais correcto “não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra” (versão B) do que “não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!” (versão A). Verifica-se ainda uma diferença relevante em relação à ordem das falas / acontecimentos: na versão A Leonor despede-se logo a seguir à ameaça de Maria Ana, enquanto na versão B Leonor apenas se despede depois de Ana Maria lhe perguntar se acha que se poderá valer dos “bons ofícios de Dom António”.

Cena II	
Versão A	Versão B
<p>PAGEM</p> <p>Saiba Vossa Senhoria, que sim – e os dois muito sozinhos.</p> <p>MARIA ANA</p> <p>E muito chegadinhos?</p> <p>PAGEM</p> <p>Tem-te-não-caias, para falarem em segredo.</p>	<p>PAGEM</p> <p>Saiba Vossa Senhoria que falou.</p>

No exemplo acima verificamos que, na primeira fala do Pagem da versão A, há uma informação que não consta na fala correspondente da versão B: “e os dois muito sozinhos”, e que as falas seguintes não aparecem na versão B. Esta supressão retira o efeito de reforço do carácter secreto da conversa de D. Jaime / Dom Jaime com Leonor, o que tem influência na interpretação da comédia. Ao contrário da versão A, a versão B não permite a certeza da traição de Dom Jaime.

Cena IV da versão A	Cena IV da versão B
<p>PAGEM</p> <p>Não queria estar em tua pele.</p> <p>LEONOR</p> <p>Nem tu, nem ninguém.</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Matreiro.</i>) Ninguém?... E D. António?</p> <p>(<i>Interdito</i>) E... e...</p> <p>LEONOR</p> <p>(<i>Agastada.</i>) Que vais dizer?... Anda, leva a água ao teu moinho!</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Suasivo.</i>) Não levo, porque sou homem e acho-te muito boazinha, como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e a nossa senhora mais do que nenhuma!</p> <p>LEONOR</p> <p>Se soubesses como me arrepiava esse bem-querer de todos os homens! Olha, tanto como o malquerer de nossa senhora!</p> <p>PAGEM</p> <p>Oh, não digas isso... Eu sou homem e gosto muito de ti. Gosto, mesmo, mais de ti do que da nossa senhora, e ela tem-me feito muito bem, e tu não.</p> <p>LEONOR</p> <p>Que bem querias que eu te fizesse, se sou tão pobre como tu!</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Apreensivo.</i>) E, no entanto, queria eu</p>	<p>PAGEM</p> <p>Não queria estar em tua pele.</p> <p>LEONOR</p> <p>E quem o desejaria...?</p> <p>PAGEM</p> <p>(<i>Matreiro.</i>) Quem? Ora!, talvez Dom António... Talvez também...</p> <p>LEONOR</p> <p>(<i>Ameaçadora.</i>) Que vais dizer...?</p> <p>PAGEM</p> <p>Nada... E, no entanto, acho-te bonita como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e nossa ama mais que nenhuma!</p> <p>LEONOR</p> <p>Que mal lhe fiz?</p> <p>PAGEM</p> <p>És mais bonita do que ela... Assim também eu gosto mais de ti. E assim desejaria fazer-te bem como o querem todos os homens. Assim, devia contar-te uma coisa terrível para ti.</p>

fazer-te bem, livrar-te de um mal, contando-te uma coisa terrível para ti.	
---	--

Neste exemplo a primeira fala de Leonor diverge de uma versão para a outra. A terceira fala do Pagem introduz ainda uma diferença: na versão A considera Leonor muito boazinha, enquanto na versão B considera-a bonita. Na segunda fala de Leonor da versão A aparece a indicação de que está “*agastada*” na sequência da insinuação do Pagem, enquanto na versão B ela reage de forma ameaçadora, o que implica uma diferença a nível da reacção da personagem, e, consequentemente, na sua personalidade. Por outro lado, a fala “Anda, leva a água ao teu moinho!”, da versão A, foi suprimida na versão B. A terceira fala de Leonor é diferente nas versões A e B: enquanto na versão A Leonor afirma o receio do bem-querer de todos os homens por ela e do malquerer de sua senhora, na versão B reage com mais firmeza ao perguntar “Que mal lhe fiz?” Estas diferenças permitem-nos concluir que, na versão B, Leonor é mais firme e menos passiva. Na versão A, na fala em que o Pagem diz que gosta mais de Leonor do que da sua senhora, diz também que esta lhe tem feito muito bem e Leonor não. A fala correspondente na versão B apenas tem em comum o facto do Pagem dizer que gosta mais de Leonor do que da sua senhora. O autor acrescentou informação nova a esta fala: o Pagem diz que Leonor é mais bonita do que a sua senhora e que gostaria de lhe fazer bem, como diz quererem todos os homens, contando-lhe uma coisa terrível. Na versão A só afirma que lhe devia contar uma coisa terrível depois da fala em que Leonor justifica o facto de não ter feito bem ao Pagem. Esta fala de Leonor foi suprimida na versão B.

Cena IV da versão A	Variante adoptada da cena IV da versão B
<p>PAGEM</p> <p><i>(Fixando-a.) Talvez por seres mais bonita... (Ante a súbita chegada pela F. de um novo personagem, ocultando precipitadamente as moedas, e mesurando com Leonor.)</i></p> <p>Senhor D. Jaime.</p>	<p>PAGEM</p> <p><i>(Mirando-a.) Talvez por seres mais bonita...E daí, se gostasses de mim, se quisesses casar comigo, dizia-te tudo, dava-te estes dobrões... (Guarda precipitadamente as duas moedas diante de D. Jaime que assomou à F. e o está</i></p>

	<i>observando.)</i>
--	---------------------

Na versão B a fala do Pagem contribui para acentuar o carácter interesseiro e oportunista da personagem pois este diz a Leonor que lhe contaria a verdade sobre os dobrões e lhos dava, caso ela aceitasse casar-se com ele.

A cena VI da versão B é mais sintética do que a cena final da versão A. Nesta cena foram suprimidas falas dispensáveis da versão A, tornando-a mais fluida. Na versão A há uma série de falas de Maria Ana e D. Jaime acerca do escrínio antes chegada do Fâmulo que não existem na versão B e há falas a seguir à sua chegada sobre o segredo do escrínio e o que estará guardado lá dentro que também não constam na versão B. Nesta versão é numa só fala que Ana Maria pede desculpas a Dom Jaime por ter aceitado, sem o seu consentimento, um quadrilheiro em sua casa, elogia o escrínio de Leonor, pede a Dom Jaime que mande lavrar no Lázaro um escrínio semelhante em ouro e pedraria e pergunta ao Pagem se se lembra do segredo do escrínio.

A designação “Figurantes”, na versão A, não é correcta, pois indica uma lista de personagens, que podemos considerar válida para a versão B, se considerarmos que Maria Ana (versão A) corresponde a Ana Maria (versão B), que D. Jaime (versão A) corresponde a Dom Jaime (versão B) e que D. António de Clara e Altamira (versão A) corresponde a Dom António de Clara e Altamira (versão B). Também a indicação cénica inicial da versão A parece válida para a versão B.

No texto original da versão A, a tinta azul clara, surgem as mesmas palavras com diferentes grafias, as didascálias aparecem sublinhadas e há várias correcções a caneta (substituições de palavras, acentos e gralhas). É um texto que apresenta mais erros ortográficos, alguns deles corrigidos posteriormente pelo autor a caneta. Outros foram por mim corrigidos. Também corriji gralhas típicas dos textos dactilografados (palavras agarradas, trocas de letras, letras a mais, letras em falta, hífenes mal colocados, maiúsculas em posição não inicial.) Alterei *pagem-de-tocha* para *Pagem de Tocha* por referir uma personagem e por estar de acordo com a referência na lista

de personagens. Procedi a actualizações ortográficas, conforme a norma ortográfica do Acordo Ortográfico de 1945. Procedi à normalização ortográfica de *pagem e Pagem* para *Pagem*, de *senhora e Senhora* para *senhora* e de *rezão e razão* para *razão*. Fiz alterações mínimas na pontuação:

Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Talvês porque mochilas, eguariços e pagens, sejam mafra baixa de mais para ti... (Cena I.)</i>	<i>Talvez porque mochilas, eguariços e pagens sejam mafra baixa demais para ti...</i>
<i>Mal... E vós, senhor meu primo. (Cena III.)</i>	<i>Mal... E vós, senhor meu primo?</i>
<i>mas disso só adveio a guerra, o mal, e até, o extermínio horroroso do mundo. (Cena III.)</i>	<i>mas disso só adveio a guerra, o mal, e até o extermínio horroroso do mundo.</i>
<i>Mas sabes, deram-me dois dobrões. (Cena IV.)</i>	<i>Mas sabes? Deram-me dois dobrões.</i>
<i>(Depois de ter ido guardar numa gaveta, uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor:) (Cena IV.)</i>	<i>(Depois de ter ido guardar numa gaveta uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor.)</i>
<i>o único que me não guarda rancor, e agora mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura. (Cena IV.)</i>	<i>o único que me não guarda rancor, e agora, mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura.</i>
<i>Oh, senhor meu esposo. (Cena final.)</i>	<i>Oh, senhor meu esposo!</i>
<i>Fui acompanhar até à porta, D. António. (Cena final.)</i>	<i>Fui acompanhar até à porta D. António.</i>
<i>Leonor, disse-me que se despede hoje. (Cena final.)</i>	<i>Leonor disse-me que se despede hoje.</i>
<i>Para quê?... se vossos brincos são únicos, e quem vos assegura do sumiço que cuidais. (Cena final.)</i>	<i>Para quê?... Se vossos brincos são únicos. E quem vos assegura do sumiço que cuidais?</i>
<i>Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora. (Cena final.)</i>	<i>Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora?</i>

No texto original da versão B, a tinta preta, as didascálias não aparecem sublinhadas e há várias correcções a caneta (substituições de palavras, acentos e gralhas). As personagens de Dom Jaime e Dom António aparecem grafadas como Don Jaime e Don António, o que se deve possivelmente à juventude do autor, pois a comédia é do século XX, não se justificando o castelhanismo. Corrigi os erros ortográficos e as gralhas. Algumas delas têm influência no conteúdo: gralhas na atribuição das falas e gralhas por distração em relação ao que foi escrito antes.

Cena VI da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
DON JAIME	LEONOR
<i>À minha fé, senhor Don Jaime... pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!</i>	<i>À minha fé, senhor Dom Jaime... Pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!</i>

Cena IV da variante não adoptada da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
DON JAIME	DOM ANTÓNIO
<i>com resolução) Senhora prima, contai com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.</i>	<i>com resolução) Senhora prima, contai com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.</i>
DON JAIME	DOM ANTÓNIO
<i>à parte a Leonor) Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escrvaizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!</i>	<i>à parte a Leonor) Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!</i>

Cena II da versão B	
Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Don António me deu <u>dois dobrões</u>!</i>	<i>Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Dom António me deu <u>um dobrão</u>!</i>

Altereí a designação da personagem *pagem de tocha* para *Pagem de Tocha*, como indicado na lista das personagens. Procedi a actualizações ortográficas conforme a norma ortográfica do Acordo Ortográfico de 1945. Normalizei a grafia de *pagem* e *Pagem* para *Pagem*, de *senhora* e *Senhora* para *senhora*, de *senhora prima* e *Senhora Prima* para *senhora prima*, de *Sua Ilustríssima* e *sua Ilustríssima* para *Sua Ilustríssima*. Fiz ainda alterações mínimas na pontuação:

Como aparece no original	Como aparece na edição face a face
<i>Ah quando a rezão for assaz forte</i> (Cena I.)	<i>Ah, quando a razão for assaz forte</i>
<i>sem que primeiro demos fé dos pendentes de pérola que ontem se me extraviaram</i> (Cena I.)	<i>sem que primeiro demos fé dos pendentes de pérolas que ontem se me extraviaram.</i>
<i>E mais, sabeí – que já apanhei um dobrão, por via da Leonor.</i> (Cena II.)	<i>E mais, sabeí que já apanhei um dobrão, por via da Leonor.</i>
<i>E não compreendo porque ainda o defendes?</i> (Cena V.)	<i>E não compreendo porque ainda o defendes.</i>
<i>E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?...!</i> (Cena VI.)	<i>E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?!...</i>
<i>Abre-se com segredo. Conheci-lo...</i> (Cena VI.)	<i>Abre-se com segredo. Conheci-lo...</i>
<i>Apavorada) Senhor Don Jaime!:::</i> (Cena VI.)	<i>(Apavorada.) Senhor Dom Jaime!</i>

**II.**  
**AS DUAS VERSÕES**



*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

ALEIXO RIBEIRO

*GALANTERIA*

*PEÇA EM 1 ACTO*

Lisboa

Versão A

FIGURANTES

MARIA ANA .....	23 anos
LEONOR, sua aia privada .....	” “
D. JAIME, seu esposo .....	25 anos
D. ANTÓNIO DE CLARA E ALTAMIRA, seu primo .....	“ “
O seu PAGEM DE TOCHA .....	15 anos
UM FÂMULO	

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão B

Versão A

SÉCULO XVIII

Recâmara-de-toucar, ou sala-de-estrado, de uma casquinha.

Duas portas guarnecidas de rases e sanefas brasonadas: a F., ao fundo médio, para o exterior; e a D., à direita média, acessando à alcova.

À esquerda, uma banquinha de damasco franjada, suportando um espelho-de-gaveta, e pejada de todo um laboratório galante. Junto, o respectivo tamborete com o mesmo forro e franjas. Ao ângulo do fundo direito, um guarda-roupa de Holanda. Em frente, destaca-se um largo e cómodo canapé. Completam o mobiliário algumas cadeiras forradas a guadamecim. Alcatifa de Arraiolos no sobrado espelhento. Castiçais.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão B

Versão A

CENA I

*Maria Ana sentada à banquinha de damasco. Leonor toucando-a.*

*Da F. ouve-se um relógio inglês tilintar certo minuete, martelando em seguida as três horas.*

MARIA ANA

*(Depois de dar um último retoque à pintura da face; impaciente.)* Tanto tempo, *mon Dieu!*...

LEONOR

Faltam só os polvilhos, senhora D. Maria Ana.

MARIA ANA

Os polvilhos já?!... *(Mira-se ao espelho.)* E estes “tristes” - que desajeitados! Compõe-mos melhor... Pouco engenho tens, Leonor, para acafata de uma casquilha eras como eu! *(Depois de Leonor lhe ajeitar os caracóis; ainda mirando-se ao espelho.)* Assim, *comme il faut*. *(Procura dentre a frascaria.)* A Algália?... Já te lo disse, quero tudo bem à mão!

LEONOR

*(Indicando-lhe um frasco.)* Está aqui, senhora.

MARIA ANA

*(Depois de enxaguar as mãos.)* Os polvilhos... *(Enquanto Leonor lhos derrama.)* Cuidado... Vê se por agora me tiras a ideia do teu mochila, do teu eguariço, ou lá quem quer que seja!...

LEONOR

Enganai-vos, senhora D. Maria Ana, não conheço mochilas nem eguariços.

MARIA ANA

Pois não é raro vê-los escudeirarem-me a casa.

LEONOR

Tendes mais acafatas a escudeirar.

Versão B

CENA I

*(Ana Maria e Leonor)*

*Ao subir do pano Ana Maria está sentada à banquinha de damasco e Leonor dá-se à tarefa de a tocar. No interior ouve-se um relógio inglês tilintar um minuete martelando em seguida as três horas.*

ANA MARIA

*(Depois de dar um último retoque à pintura da face, com afectada impaciência.)*  
Tanto tempo, *mon Dieu!*...

LEONOR

Faltam só os polvilhos, senhora Dona Ana Maria.

ANA MARIA

Os polvilhos já!... *(Mira-se ao espelho.)* E estes tristes, que desajeitados! Compõe-mos melhor... Pouco engenho tens, Leonor, para açafata de uma casquilha eras como eu! ... *(Depois de Leonor lhe ajeitar os caracóis; ainda mirando-se ao espelho.)* Assim... *comme il faut...* *(Procura entre a frascaria.)* A Algália?... Já te lo disse, quero tudo posto com boa ordenação!

LEONOR

*(Indicando-lhe um frasco.)* Tendes aqui a Algália, senhora.

ANA MARIA

*(Depois de enxaguar as mãos.)* Os polvilhos... *(Enquanto Leonor lhos derrama.)* Cuidado! Vê se por agora me tiras a ideia do teu mochila, do teu eguariço, ou lá quem quer que seja!...

LEONOR

Enganai-vos, senhora. Não trago a minha ideia em mochilas ou eguariços.

ANA MARIA

Pois não é raro vê-los escudeirarem-me a casa!

LEONOR

De nada dou fé, senhora.



Versão A

MARIA ANA

*(Ponderada.)* Não posso levar a mal que isso te suceda de fora; o mesmo já não direi portas adentro.

LEONOR

Salvo no tinelo, bem sabeis, só à fala chego com vosso Pagem de Tocha.

MARIA ANA

*(Intuitiva.)* Talvez porque mochilas, eguariços e pagens sejam mafra baixa demais para ti ... *(Ligeira pausa.)* Por quem esperas, então?

LEONOR

Por ninguém, senhora: pois se alguns considero muito baixo, a outros demasiado alto para a minha condição.

*Um tempo.*

MARIA ANA

Pensas, acaso, em professar?

LEONOR

Talvez, senhora. Para alguns, Deus é o único amparo.

MARIA ANA

Para todos... Mas não se deve dispor de Deus, assim com qualquer ânimo, tal diz com certa verdade, o senhor meu primo. Depois, quando se é requestada, como sei que tens sido, Leonor!

LEONOR

*(Ressentida.)* Creio ainda não vos ter dado razão para que um mau juízo façais de mim, senhora D. Maria Ana.

MARIA ANA

*(Enquanto chega distraidamente um frasco para a borda da banquinha.)* Não! Só com tantas provas de castidade me amofino eu! *(Com um gesto faz cair o frasco.)* Oh, a Água da Rainha da Hungria!... *(Agastada.)* Vê se ainda achas sem razão acusar-te de negligente, quando me deixas tudo mesmo à mão-tente de cair... *(Forçando a nota.)* Bem digo eu que me trazes de há um tempo essa ideia transviada!

Versão B

ANA MARIA

Não posso levar a mal que vos escudeirem da parte de fora; já o mesmo vos não direi de portas adentro.

LEONOR

Salvo no tinelo, só à fala chego com o vosso Pagem de Tocha.

ANA MARIA

Tens que mochilas ou eguariços sejam mafra baixa demais para ti?... *(Um silêncio.)*  
Por quem esperas então...?

LEONOR

Por ninguém, senhora. E estou não vos ter dado azo para mau juízo de mim...

ANA MARIA

És nova. E julgo que não trazes de fito professar... Apelando, talvez, para meu primo, o Principal, senhor Dom António de Altamira...

LEONOR

Se professasse, não seguia mais que os ditames da minha fé. Assim, só conto morrer na Graça de Deus.

ANA MARIA

E na protecção da senhora marquesa de Valedoiro, a mãe de meu amado esposo, o senhor Dom Jaime! *(Enquanto chega discretamente um frasco para a borda da banquinha.)* Pois quanto à Fé que mostras, só com tantas provas de castidade me amofino eu... *(Com o gesto faz cair o frasco.)* Oh!, a Água da Rainha da Hungria!...

Versão A

LEONOR

*(Dignamente.)* Tendes bom remédio: despedir-me.

MARIA ANA

Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não há-de assustar-me o seres filha de uma fiel valida de minha sogra!

LEONOR

Nunca de tal cuidei valer-me, senhora. E a prova é que me despeço à minha conta.

MARIA ANA

*(Enfrentando-a.)* Contas que interceda por ti o senhor meu esposo, ou o senhor D. António?

LEONOR

Sabeis que nunca me vali do senhor D. Jaime, e muito menos o contei de o primo de Vossa Senhoria!...

MARIA ANA

Como melhor for do teu agrado... Mas para teu decoro, acho que não te deves ir, sem que primeiro demos fé dos pendentos de pérolas que ontem perdi.

LEONOR

*(Estarrecida.)* Acaso, suspeitais de mim?...

MARIA ANA

*(Ponderadamente.)* E uma suspeita tão grave, que nunca de ânimo leve a terei de alguém, fica sabendo!

*Um tempo.*

LEONOR

Guardo algumas economias num escrínio de segredo, em minha câmara... São poucas, mas enquanto não derdes conta de vossos brincos, peço-vos que as tomais à vossa disposição.

Versão B

(*Agastada.*) Vê se ainda achas sem razão acusar-te de negligente, quando me deixas tudo à mão-tente de cair! Bem digo que me trazes de há um tempo a ideia transviada!

LEONOR

Tendes bom remédio, senhora. Dispensai meus serviços.

ANA MARIA

Ah, quando a razão for assaz forte, descansa que não te há-de valer seres filha duma valida da senhora minha sogra, conhecer de menino e moço o senhor Dom Jaime!

LEONOR

Enganai-vos, senhora Dona Ana Maria, que nunca de tal pensei valer-me...

ANA MARIA

... E dos bons ofícios do Principal, senhor Dom António...?

LEONOR

Ainda menos, senhora... E tanto que me despeço à minha conta.

ANA MARIA

Como melhor for do teu agrado... Mas, para teu decoro, acho que não te deves ir sem que primeiro demos fé dos pendentos de pérolas que ontem se me extraviaram.

LEONOR

(*Estarrecida.*) Acaso suspeitais de mim?

ANA MARIA

(*Com altivez.*) É tão considerável suspeita, que nunca de ânimo leve a terei de alguém, fica sabendo!

*Um silêncio.*

LEONOR

Guardo algumas economias num escrínio de segredo em minha câmara... São poucas, mas enquanto não derdes conta dos vossos brincos, peço que as tomais à vossa disposição.

Versão A

MARIA ANA

*(Dando por findo o seu toucar.)* Que te baste a consciência tranquila, Leonor - e deixemos isso por agora. *(Levanta-se do tamborete.)* Diz ao meu Pagem que venha cá. Deve andar no parque passeando o Charmant, fica tu por ele. *(Com gesto maternal.)* Vai.

*Leonor sai pela F. Maria Ana, mal deixa de ouvir-lhe os passos sai pela mesma.*

CENA II

*Maria Ana volta a aparecer, trazendo um pequeno escrínio de metal, que vai deixar na alcova. Pouco depois assoma à F. o Pagem.*

PAGEM

Haveis-me chamado, senhora?

MARIA ANA

*(Reentrando pela F.)* Entra, preciso de ti.

PAGEM

*(Obedecendo.)* Dizei.

ANA MARIA

A que horas saiu o senhor D. Jaime?

PAGEM

Devia andar pelas duas, senhora.

*Ligeira pausa.*

MARIA ANA

*(Comedida.)* Sabes que tenho sido generosa para ti...

PAGEM

*(Piscando os olhitos manhosos.)* Muito boazinha - e eu agradeço-vos.

Versão B

ANA MARIA

*(Dando por findo o seu tocar.)* Que te baste a consciência tranquila, Leonor - e deixemos isso por agora... Diz ao meu Pagem que venha cá. Deve andar no parque, passeando o Charmant. Fica tu por ele... Vai...

*Leonor sai pela F. Ana Maria, mal deixa de lhe ouvir os passos, sai pela mesma.*

CENA II

*Ana Maria volta a aparecer, trazendo um pequeno escrínio de metal, que vai deixar na alcova. Pouco depois o Pagem assoma à F.*

PAGEM

Haveis-me chamado, senhora?

ANA MARIA

*(Assomando à F.)* Entra, preciso de ti.

PAGEM

*(Numa reverência.)* Dizei...

ANA MARIA

A que horas saiu o senhor Dom Jaime?

PAGEM

Sabei Vossa Senhoria, que devia andar pelas duas.

ANA MARIA

*(Depois dum silêncio.)* Sabes que tenho sido generosa para ti...

PAGEM

*(Piscando os olhitos manhosos.)* Muito boazinha. E eu agradeço a Vossa Senhoria.

Versão A

MARIA ANA

Pois bem, terás mais uma moeda de prata, se me responderes fielmente ao que te vou perguntar.

PAGEM

*(Num salamaleque.)* Podeis confiar no vosso Pagem.

MARIA ANA

*(Anediando-lhe os cabelos.)* O senhor D. Jaime falou com a Leonor, antes de sair?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria, que sim - e os dois muito sozinhos.

MARIA ANA

E muito chegadinhos?

PAGEM

Tem-te-não-caias, para falarem em segredo.

MARIA ANA

E não foste assaz mofino, para escutar o que diziam?

PAGEM

Saiba a senhora D. Maria Ana que tem seus perigos... *(Noutro tom.)* Mas, a Leonor disse ao senhor D. Jaime andar muito cuidosa com uns brincos que Vossa Senhoria perdeu; e o senhor D. Jaime lhe tornou, que se assossegasse porque os brincos haviam de aparecer; - e nada mais, pois a sege estava à espera.

MARIA ANA

Está bem... E toma tento: no dia em que me deres recado de ter visto ou ouvido mais alguma coisa, terás um dobrão de oiro. *(Gravemente.)* Mas não caias tu em lograr-me, porque não só te tiro a moeda como te arranco as orelhas.

Versão B

ANA MARIA

Pois bem. Dar-te-ei mais uma moeda de prata se me responderes fielmente ao que te vou perguntar.

PAGEM

*(Com um salamaleque.)* Podeis confiar no vosso Pagem.

ANA MARIA

O senhor Dom Jaime falou com a Leonor antes de sair?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que falou.

ANA MARIA

E não foste assaz mofino para escutar o que diziam?

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que tem seus perigos...

ANA MARIA

*(Severa.)* Estou a perguntar-te se escutaste ou não! *(Noutro tom.)* Bem sabes que tenho sido generosa para ti... E assim, vá: desembuxa!

PAGEM

Saiba Vossa Senhoria que a Leonor disse ao senhor Dom Jaime andar muito cuidosa com uns brincos que Vossa Senhoria perdeu. E o senhor Dom Jaime lhe tornou, que sossegasse, porque os brincos haviam de aparecer. E nada mais, pois a sege estava à espera.

ANA MARIA

Está bem... E toma tento: no dia em que me deres recado de ter ouvido ou visto mais alguma cousa, terás um dobrão de ouro. *(Gravemente.)* Mas não caias tu em lograr-me, porque te arranco as orelhas!



Versão A

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria, que o não farei; e saiba, que já apanhei um dobrão, por via da Leonor. (*Mostrando-lho.*) Cá está ele, todo luzente!...

MARIA ANA

(*Violenta.*) Quem te lo deu, e para quê?... (*Sacudindo-o.*) Responde! Vá, presto!...

PAGEM

(*Ocultando pavidamente a moeda.*) Senhora, deu-mo Sua Senhoria, o senhor D. António de Altamira, para eu entregar uma carta à Leonor.

MARIA ANA

(*Com serenidade.*) Pois terás à minha parte dois dobrões - dois, ouviste? - se me entregares essa carta, e ainda se me disseres o segredo do escrínio de Leonor. (*Dirige-se à banquinha.*)

PAGEM

(*Dissimulado.*) Oh, a carta, já a deixei em sua câmara, dela...

MARIA ANA

Em sua câmara, maroto!... Pois não sabes que te é defendido entrar nas câmaras das aias?

PAGEM

Sim, sei: mas não esqueça, Vossa Senhoria, que o senhor D. António me deu um dobrão!

MARIA ANA

(*Sacando as peças de uma gaveta.*) Aqui tens dois dobrões... (*Fá-los tilintar.*) Um - dois... Serão teus, se me disseres o segredo do escrínio.

PAGEM

(*Mirando avidamente as moedas.*) O segredo é como se abre a tampinha?

MARIA ANA

Decerto... Vá, presto!

Versão B

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria, que o não farei. E mais, sabei que já apanhei um dobrão, por via da Leonor. (*Mostrando-lho.*) Cá está ele, todo luzente!

ANA MARIA

(*Violenta.*) Quem te lo deu, e para quê?... (*Sacudindo-o.*) Responde, presto!

PAGEM

(*Ocultando rapidamente a moeda.*) Senhora, deu-mo Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira, para eu entregar uma carta à Leonor.

ANA MARIA

(*Procurando serenidade.*) Pois terás à minha conta dois dobrões - dois, ouviste bem? - Se me entregares essa carta, e ainda me disseres o segredo do escrínio de Leonor. (*Vai buscar as moedas.*)

PAGEM

A carta já a deixei em sua câmara, dela...

ANA MARIA

Em sua câmara, maroto! Pois não sabes que te é vedado entrar na câmara das aias?...

PAGEM

Sei, senhora. Mas não esqueça Vossa Senhoria que o senhor Dom António me deu um dobrão!

ANA MARIA

Pois devia tirar-tos e despedir-te de meu serviço. Não o farei por esta, e tu que tornes a cair noutra... Assim corre a trazer-me a carta... (*Noutra atitude.*) Não, deixa por ora... E terás mais os dois dobrões que te prometi se me disseres qual o segredo que abre o escrínio de Leonor... Tu sabe-lo, pois que de tudo dás fé... (*Faz tilintar os dois dobrões.*)

Versão A

PAGEM

*(Como atrás.)* Senhora, estou a ver se me alembro.

MARIA ANA

*(Entregando-lhe as peças.)* Guarda - e desembuxa!...

PAGEM

Ah, bem me alembro agora... É com a palavra ROMA, que é o contrário de AMOR!

MARIA ANA

Verei... E agora, nem tus nem bus, porque, fica sabendo, maroto: não só te tiro todas as moedas, como te puxo as orelhas até aos pés! *(Indicando-lhe a F.)* Podes ir-te... Olha, traz-me recado se a Leonor anda passeando o Charmant.

PAGEM

*(Numa reverência, junto à F.)* Senhora D. Maria Ana... *(Desaparece sob o rás.)*

MARIA ANA

*(Ao cabo de um silêncio, indo erguer o rás, a tempo de dar com o Pagem escapando-se.)* Ah, maroto, que te arranco essas orelhas!... *(Em seguida, vai à alcova buscar o escrínio, e depois de espiar à F. abre-o, encerrando nele uns brincos de pérolas que tirou de uma gaveta.)*

PAGEM

*(Invisível sob o rás da F.)* Senhora, senhora...

MARIA ANA

*(Agastada.)* Ainda tu aí!... Que queres?

PAGEM

*(Aparecendo.)* Perdoe-me Vossa Senhoria, mas venho para a avisar que o senhor D. António acaba de entrar e está falando no parque com a Leonor.

MARIA ANA

*(Dignamente.)* O quê, o senhor meu primo, nesta minha casa nobre e honrada?

Versão B

PAGEM

*(Dissimulado.)* Senhora, estou a ver se me alembro...

ANA MARIA

Toma lá os dobrões e... desembuxa!

PAGEM

Ah!, já sei! O escrínio abre-se com a palavra ROMA, que se escreve ao invés de AMOR.

ANA MARIA

*(Dignamente.)* Verei se é verdade... E não caias tu em lograr-me, que não só te tiro todo o dinheiro, como ainda te arranco as orelhas... Assim, vai-te lá. E traz-me recado se a Leonor anda passeando no parque o Charmant, conforme lhe ordenei...

*O Pagem faz uma vénia e desaparece por trás do rás da F.*

ANA MARIA

*(Vai levantar o rás, descobrindo o Pagem, que se escapa de corrida.)* Ah safado!, que te arranco essas orelhas!... *(Em seguida vai buscar o escrínio e abre-lhe a tampa, encerrando nele os dois brincos de pérolas.)*

PAGEM

*(Invisível por trás do rás.)* Senhora... Senhora...!

ANA MARIA

*(Agastada.)* Ainda tu aí!... Que queres?

PAGEM

*(Aparecendo.)* Perdão, senhora! Mas, venho para vos dar conta de que Sua Ilustríssima o Principal acaba de entrar e está falando no parque com Leonor.

ANA MARIA

*(Ofendida.)* Que dizes, Pagem! O senhor meu primo demora-se a falar com as minhas aias!

Versão A

PAGEM

*(Sentencioso.)* Senhora, Sua Senhoria vem talvez, como acostuma, visitar-vos.

MARIA ANA

... E fica-se a falar com a minha açafata! *(Ao Pagem.)* Pois corre a dizer a Leonor que a estou chamando.

*O Pagem volta a sair. Maria Ana vai compor-se ao espelho, indo em seguida estirar-se no canapé.*

CENA III

*Maria Ana com Leonor, depois com o Pagem, depois com D. António.*

LEONOR

*(Assomando à F.)* Haveis-me chamado, senhora?

MARIA ANA

*(Gravemente.)* Meu leque.

*Leonor alcança-lhe um pequeno abanico de plumagens.*

PAGEM

*(Aparecendo à F.)* O senhor D. António pede para ser recebido por Vossa Senhoria.

MARIA ANA

*(Afectada, abanando-se.)* Que entre para aqui mesmo - sinto-me hoje indisposta. *(A Leonor.)* Podes retirar-te.

*O Pagem sai com Leonor, voltando quási em seguida.*

PAGEM

*(Erguendo o rás, numa reverência.)* Sua Senhoria, o senhor D. António de Clara e Altamira.

Versão B

PAGEM

*(Cuidoso.)* Senhora, Sua Ilustríssima o Principal vem por certo ver-vos, e mais encontrou no parque o Charmant e está afagando o cãozinho... Nada mais, senhora Dona Ana Maria!

ANA MARIA

Pois corre a dizer a Leonor que a estou chamando. E fica tu a passear o Charmant.

*O Pagem desaparece. Ana Maria vai ver-se ao espelho, indo em seguida estirar-se no canapé.*

CENA III

LEONOR

*(Assomando à F.)* Haveis-me chamado, senhora?

ANA MARIA

*(Gravemente.)* Meu leque.

*Leonor alcança-lhe um abanico de plumas.*

PAGEM

*(Aparecendo à F.)* Sua Ilustríssima o Principal pede para ser recebido por Vossa Senhoria.

ANA MARIA

*(Afectada, abanando-se.)* Que entre para aqui. Sinto-me hoje indisposta... *(A Leonor.)* Podes retirar-te, Leonor.

*Leonor sai com o Pagem.*

Versão A

D. ANTÓNIO

*(Entrando com decorativa jovialidade.)* Oh, senhora prima, como tendes passado?

MARIA ANA

*(Estendendo-lhe o punho com preciosa ênfase.)* Mal... E vós, senhor meu primo?

D. ANTÓNIO

*(Após um beija-mão teatral.)* Admiravelmente.

MARIA ANA

*(Afável.)* Sentai-vos.

D. ANTÓNIO

*(Depois de se sentar.)* Passando, acaso, em minha sege, não quis privar-me da subida honra e grato prazer de vos vir saudar.

MARIA ANA

Quanto folgo: primeiro, pelo tanto que me distinguis; segundo, porque carecia de alguém que me trouxesse uma palavra inspirada como a vossa, e uma sapiência como a de que vos dotastes.

D. ANTÓNIO

*(Reverente.)* Senhora prima, a Gentileza é o início da santa Generosidade para que caminham os homens, e por isso me curvo, reconhecido, ante a que me dispensais... Mas tendes razão em confiar na Sabedoria: ela descobriu muitas coisas que os teólogos ignoravam e são luzes a iluminar a nova e bela Verdade, que nos enche de suave inspiração ante a frágil, mas verdadeira e eterna natureza, a mísera argila de que somos feitos!

MARIA ANA

Douto primo, dizeis com acerto: somos míseros. E tanto que, na Sua infinita grandeza, estou que Deus não se apercebe das pequenas misérias com que os outros nos destroem aquilo que assegurámos em sagrados votos, se com outras misérias lhes não dermos combate.

D. ANTÓNIO

Será a sacrossanta Justiça.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face



Versão A

MARIA ANA

Melhor dizeis... Pois tendo até hoje mantido aquela fidelidade conjugal de que fiz jura solene perante o altar divino...

D. ANTÓNIO

Compreendo: não vos têm, apesar de tudo, correspondido com igual moeda.

MARIA ANA

Assim é.

D. ANTÓNIO

Pois, senhora prima, a Vingança não foi só prazer dos deuses pagãos, mas do próprio Jeová, que para se vingar dos homens não vacilou em usar de o dilúvio universal.

MARIA ANA

Achais então justo, que eu me vingue de quem se empenha em destruir o que me assegurou um sagrado voto?

D. ANTÓNIO

Os deuses vos respondem por mim.

MARIA ANA

*(Pausada.)* ... Mesmo usando de nefanda aleivosia, para aniquilar a minha rival?

D. ANTÓNIO

*(Surpreendido.)* Vossa rival!... Pois é de uma mulher que pensais despicar-vos?

MARIA ANA

Sim, antes de mais ninguém: de uma mulher por quem meu marido desvaira!

*Um silêncio.*

D. ANTÓNIO

*(Pausado.)* Senhora prima, a Vingança foi sem dúvida o prazer dos deuses, mas disso só adveio a guerra, o mal, e até o extermínio horroroso do mundo. Hoje porém, nós, homens inspirados pela Sapiência, pensamos melhor e mais humanamente resolver a Justiça, por meio da Harmonia, a Generosidade, a Subtileza...

MARIA ANA

*(Num requebro.)* Oh, sim, a Subtileza é própria da mulher.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão A

D. ANTÓNIO

*(Amável.)* ... Quando feminil, docemente inspirada, não esqueceis! *(Levanta-se.)* E se em alguma coisa vos posso servir, aguardai ainda. Voltarei amanhã, e falaremos com mais delonga.

MARIA ANA

*(Levantando-se também.)* Como vos aprouver... E desde já tomo como bem inspiradas vossas sapientes insinuações.

D. ANTÓNIO

*(Ao beijar-lhe a mão.)* Tornaremos a ver-nos logo à noite, não? No serenim de Queluz.

MARIA ANA

*(Com tristeza.)* Talvez não, o demo tem porfiado de há um tempo em trazer-me à sua conta.

D. ANTÓNIO

O quê, ainda outro pesar?...

MARIA ANA

Como dizeis: ainda outro pesar... Dei ontem por falta dos meus brincos mais valiosos.

D. ANTÓNIO

Vossos pendentos de pérolas, talvez?... Mas eram de alta valia!... E não desconfiais de nenhum dos vossos servos ou servas?

MARIA ANA

Tenho-os a todos por fiéis. No entanto...

D. ANTÓNIO

Certamente... E D. Jaime o que fez por isso?

MARIA ANA

Só me disse que não tivesse cuidado, pois os brincos haviam de aparecer.

D. ANTÓNIO

Devia tomar maiores providências... Mas é a razão por que não ides ao serenim desta noite?

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão A

MARIA ANA

Se o pensais? São os meus melhores brincos, únicas jóias que ostentarei diante de Suas Majestades.

*Um silêncio.*

D. ANTÓNIO

Acho estranho... Mas detende vosso cuidado: passo agora pela Intendência, e deixo dito, em meu nome, que vos enviem o mais hábil dos quadrilheiros.

MARIA ANA

Grande mercê vos ficaria devendo, senhor primo.

D. ANTÓNIO

Por quem sois... E estou certo, que se vossa jóia não levou já descaminho, ainda esta noite a ostentareis em Queluz.

MARIA ANA

Confio na habilidade do quadrilheiro.

D. ANTÓNIO

Mandar-vos-ão o mais hábil.

MARIA ANA

Tendes poder para isso. (*Dirige-se à F., onde chama.*) Leonor.

LEONOR

(*Assomando.*) Senhora.

MARIA ANA

Prepara-me o traje da Corte. (*De novo à F.*) Pagem.

*Aparece o Pagem. Leonor dirige-se para o guarda-roupa.*

D. ANTÓNIO

(*À parte a Leonor.*) Seria feliz se vos prestasse um grande serviço.

LEONOR

Agradeço-vos, senhor, mas dispenso a mercê.

MARIA ANA

(*À parte ao Pagem.*) Estarás presente, quando eu estiver com o senhor D. Jaime.

PAGEM

Não faltarei, senhora.



Versão A

D. ANTÓNIO

*(Como atrás.)* És ativa, Leonor: Não se deve dispensar a protecção dos maiores.

LEONOR

Desprezo-a, senhor D. António!

MARIA ANA

*(Como atrás.)* Assim, logo que me ouvires perguntar à Leonor pelo segredo do escrínio, serás tu que o dizes.

PAGEM

Fique certa Vossa Senhoria.

D. ANTÓNIO

*(Numa vénia.)* Senhora prima...

MARIA ANA

Acompanho-vos até à saída.

D. ANTÓNIO

Quanto prazer!... E, se me dais licença, sirvo-me da porta velha. Deixei aí a minha sege.

*Sai pela F. com Maria Ana.*

CENA IV

*O Pagem e Leonor, depois D. Jaime.*

PAGEM

*(Depois de ter ido espiar à F.)* Leonor, ouve cá.

LEONOR

*(Enquanto lida.)* Diz...

PAGEM

Não queria estar em tua pele.

LEONOR

Nem tu, nem ninguém.

Versão B

CENA IV

PAGEM

*(Depois de ir espiar, levantando levemente o rás.)* Leonor, ouve cá.

LEONOR

*(Desatenta.)* Dize...

PAGEM

Não queria estar em tua pele.

LEONOR

E quem o desejaria...?



Versão A

PAGEM

*(Matreiro.)* Ninguém?... E D. António? *(Interdito)* E... e...

LEONOR

*(Agastada.)* Que vais dizer?... Anda, leva a água ao teu moinho!

PAGEM

*(Suasivo.)* Não levo, porque sou homem e acho-te muito boazinha, como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e a nossa senhora mais do que nenhuma!

LEONOR

Se soubesses como me arrepia esse bem-querer de todos os homens! Olha, tanto como o malquerer de nossa senhora!

PAGEM

Oh, não digas isso... Eu sou homem e gosto muito de ti. Gosto, mesmo, mais de ti do que da nossa senhora, e ela tem-me feito muito bem, e tu não.

LEONOR

Que bem querias que eu te fizesse, se sou tão pobre como tu!

PAGEM

*(Apreensivo.)* E, no entanto, queria eu fazer-te bem, livrar-te de um mal, contando-te uma coisa terrível para ti.

LEONOR

*(Assustada.)* Uma coisa terrível para mim?

PAGEM

Sim. E como eu tenho pena de ti!... Mas sabes? Deram-me dois dobrões. *(Saca-os da algibeira.)* Cá estão eles. *(Remirando-os.)* Como reluzem, como são lindos!...

LEONOR

Quem te los deu, e para quê?

Versão B

PAGEM

*(Matreiro.)* Quem? Ora!, talvez Dom António... Talvez também...

LEONOR

*(Ameaçadora.)* Que vais dizer...?

PAGEM

Nada... E, no entanto, acho-te bonita como todos os homens. Porque só as mulheres te querem mal, e nossa ama mais que nenhuma!

LEONOR

Que mal lhe fiz?

PAGEM

És mais bonita do que ela... Assim também eu gosto mais de ti. E assim desejaria fazer-te bem como o querem todos os homens. Assim, devia contar-te uma coisa terrível para ti.

LEONOR

*(Assustada.)* Terrível...!

PAGEM

Sim. E como eu tenho pena de ti... Mas, sabes?, deram-me dois dobrões de ouro...  
*(Saca-os da algibeira.)* Cá estão eles... *(Mirando-os.)* Como luzem! Como são lindos!

LEONOR

Quem te los deu? E para quê?

Versão A

PAGEM

Também os achas lindos, tu, Leonor?

LEONOR

Não!

PAGEM

*(Fixando-a.) Talvez por seres mais bonita... (Ante a súbita chegada pela F. de um novo personagem, ocultando precipitadamente as moedas, e mesurando com Leonor.)* Senhor D. Jaime.

D. JAIME

*(Simulando nada ter visto.)* A senhora ?...

LEONOR

Foi acompanhar o senhor D. António, que deve estar saindo pela porta velha.

D. JAIME

*(Ao Pagem.)* Corre a dizer-lhe que cheguei.

PAGEM

Sim, senhor D. Jaime.

*Sai pela F.*

D. JAIME

*(Depois de ter ido guardar numa gaveta uma boceta que tirou da algibeira, dirigindo-se a Leonor.)* Quem deu aqueles dobrões ao Pagem?

Versão B

PAGEM

Não os achas lindos, também tu, Leonor...?

LEONOR

Não!

PAGEM

*(Mirando-a.)* Talvez por seres mais bonita...E daí, se gostasses de mim, se quisesses casar comigo, dizia-te tudo, dava-te estes dobrões... *(Guarda precipitadamente as duas moedas diante de D. Jaime que assomou à F. e o está observando.)*

PAGEM e LEONOR

*(Mesuram respeitosamente.)* Senhor Dom Jaime.

DOM JAIME

*(Com naturalidade.)* Onde está vossa ama?

LEONOR

Saiba Vossa Senhoria que foi acompanhar o senhor Dom António, que acaba de sair daqui.

DOM JAIME

Não me cruzei com ele...

LEONOR

Sua Ilustríssima deve estar saindo pela porta velha.

DOM JAIME

Pagem, corre a dizer a tua ama que já cheguei.

*O Pagem faz uma reverência e sai.*

CENA V

DOM JAIME

*(Depois de ir guardar numa gaveta algo que trazia.)* Quem deu aquelas moedas ao Pagem?

Versão A

LEONOR

Não mo disse, senhor D. Jaime; só por certo tenho que lhos não deram por meu bem.

D. JAIME

Porque assim cuidas, Leonor?

LEONOR

Senhor, o Pagem tem sido de todos os nossos servos o único que me não guarda rancor, e agora, mostrando-me as suas moedas, se mostrou receoso por minha má ventura.

D. JAIME

Não me vai servindo esse Pagem.

LEONOR

É uma criança, senhor.

D. JAIME

Ainda o tomas à tua guarda?

LEONOR

O que posso recear de uma criança?

D. JAIME

De quem receias, então?

LEONOR

Senhor, não sei.

D. JAIME

Pois nada temas, se não tens pecado... como de razão me sobra para o supor.

LEONOR

Tendes sido bom para mim, senhor D. Jaime, e quanto vos agradeço! Mas hoje mesmo me despeço de vossa casa.

Versão B

LEONOR

Não mo disse, senhor Dom Jaime; só por certo tenho que lhas não deram por meu bem.

DOM JAIME

Porque assim cuidas, Leonor?

LEONOR

Ao mostrar-me o seu dinheiro, ele se mostrou receoso por minha má fortuna.

DOM JAIME

Não me vai servindo esse Pagem.

LEONOR

É uma criança, senhor.

DOM JAIME

E mais, possui dobrões de oiro. Tu mesma o trazes de desconfiança. E não compreendo porque ainda o defendes.

LEONOR

Que posso eu temer de uma criança?

DOM JAIME

De quem receias então?

LEONOR

*(Embaraçada.)* Senhor, não sei.

DOM JAIME

Pois se de nada teu ânimo te acusa, de que hás-de recear?

LEONOR

Tendes sido bom para mim, senhor Dom Jaime, e quanto vos agradeço...

DOM JAIME

Conheço-te de menina e moça, sei quanto mereces...

LEONOR

Pois hoje mesmo me despeço de vossa casa.

Versão A

D. JAIME

*(Interdito.)* Despedes-te... E porquê?

LEONOR

*(Embaraçada.)* Senhor, não sei.

CENA FINAL

*Leonor, D. Jaime, Maria Ana e o Pagem, depois um Fâmulo.*

MARIA ANA

*(Entrando, seguida do Pagem.)* Oh, senhor meu esposo!

D. JAIME

Deus vos guarde, Maria Ana.

*Beija-mão.*

MARIA ANA

Entrastes de há muito?

D. JAIME

Há uns momentos.

MARIA ANA

Perdoai-me... Fui acompanhar até à porta D. António.

D. JAIME

*(Irónico.)* D. António, e a sua sapiência.

Versão B

DOM JAIME

*(Interdito.)* E o que te leva a tal passo?

LEONOR

Senhor, com pesar o dou...

CENA VI

ANA MARIA

*(Entrando pela F., seguida do Pagem.)* Oh, senhor meu esposo!

DOM JAIME

Que Deus vos guarde, Ana Maria... *(Beija-lhe a mão.)*

ANA MARIA

*(Abraça-o.)* Quanto vos amo!

DOM JAIME

Tendes a paga, amada minha!

ANA MARIA

*(Espionando Leonor.)* Entrastes de há muito?

DOM JAIME

Há uns momentos.

ANA MARIA

Perdoai-me se não estava para vos receber...

DOM JAIME

Sei que fostes acompanhar até à porta vosso primo... *(Com uma vénia de bom humor.)* Sua Ilustríssima e a sua sapiência!



Versão A

MARIA ANA

Não o achais douto?

D. JAIME

Deixemos o senhor vosso primo... Leonor disse-me que se despede hoje.

MARIA ANA

Já o sabeis? Pois fá-lo à sua conta... Por mim não ousaria tal, sabendo-a valida da senhora minha sogra.

D. JAIME

(*Austero.*) Podeis despedir de vossa casa quem melhor vos parecer.

MARIA ANA

(*Numa vénia.*) Como sois um esposo gentil... (*Grave.*) Mas não, não encontrei em Leonor motivo de gravidade, e estranho-lhe o resolvimento. Bem outra arrelia me atormenta!...

D. JAIME

Atormenta-vos uma arrelia?...

MARIA ANA

Fraca memória tendes para assim olvidar terem levado sumiço os meus brincos mais valiosos, os pendentes de pérolas, únicos dignos de se ostentarem na Corte. (*Noutro tom.*) Depois, passastes decerto pelo Lázaro, e ia jurar que nem vos ocorreu suprir-lhes a falta, para esta noite.

D. JAIME

Para quê?... Se vossos brincos são únicos. E quem vos assegura do sumiço que cuidais?

MARIA ANA

Senhor, outra coisa me não é dada cuidar... Tenho todos os meus servos por fiéis.

Versão B

ANA MARIA

Dom António é douto... (*Com intenção.*) Tem é as fraquezas de todos vós homens... o que só pode desculpar a sua mocidade. Porque, senhor meu esposo, tinha algo a verberar a Sua Ilustríssima. Por isso o acompanhei até à porta, a ver se tinha a coragem... que me faleceu!

DOM JAIME

Não era pois tão leve o que lhe tínheis a verberar?

ANA MARIA

Dom Jaime, talvez todo o mal não esteja em Dom António...

DOM JAIME

Intrigais-me...

Versão A

D. JAIME

Então, quedai tranquila: vossos pendentes estão em recato.

MARIA ANA

Esperança ainda tenho de reavê-los pelo plano que engendrei.

D. JAIME

*(Disfrutante.)* Engendrastes um plano? Oh! Oh!...

MARIA ANA

Devo-o à boa inspiração do senhor meu primo. Mas em breve o sabereis... E já que falamos no Lázaro e em presentes...

D. JAIME

*(Reverente.)* Sou o vosso esposo afeiçoado, e como tal, nunca meu ânimo foi mais do que servir-vos a contento.

MARIA ANA

*(Tornando-lhe a mesura.)* Se bem o dizeis, não duvido de que melhor o fazeis.

D. JAIME

Ordenai, para que vos obedeça.

MARIA ANA

Atentai desde já, porque vou pôr-vos à prova.

D. JAIME

*(Numa nova vénia.)* Aguardo-a.

MARIA ANA

Sabei de antemão, que como boa dona que se preza, passei hoje uma vista discreta pela câmara de cada uma de minhas aias.

D. JAIME

Quanto folgo por tanto zelo... E qual o resultado?

Versão B

ANA MARIA

Ouvi, senhor meu esposo... Como dona de casa que se preza passo por vezes uma vista de olhos pela câmara de minhas aias, a ver se está tudo em boa ordenação. E assim fiz hoje, estranhando dar ali com uma carta para Leonor, ostentando as armas dos Clara e Altamira!

LEONOR

À minha fé, senhor Dom Jaime... Pelos Santos Evangelhos, que de nada sei!

ANA MARIA

A carta aqui a tendes, senhor meu esposo. Não a violei... (*Entrega-lha.*) E atentai: não vos parece escrita por mão de homem?

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão A

Versão B

LEONOR

Guardo o juramento que fiz a Vossas Senhorias!

DOM JAIME

A missiva é-vos endereçada, Leonor. Tem as armas dos Altamira e a letra é de homem... Vós, senhora minha esposa, haveis-me dito que tínheis algo a verberar a vosso primo, Sua Ilustríssima o senhor Dom António de Clara e Altamira. E conheceis a sua letra nesta epístola para vossa aia Leonor...

ANA MARIA

Desconfiais, pois, de mim, Dom Jaime! Suplico-vos que abris tal missiva!

DOM JAIME

Não desconfio de vós. E para que desconfiar de Leonor?... Se ela esperava que alguém lhe enviasse carta, teria empenho em a ler, não a deixaria encerrada, em sua câmara... Assim estou que esse alguém lhe escreveu sem sua culpa dela, e outrem, mofino, a depôs em sua câmara. Indagarei... Quanto a Sua Ilustríssima Dom António solicitar-lhe-ei que se dispense de suas visitas a minha casa...

ANA MARIA

Tende-lo por único culpado?

DOM JAIME

Consoante vossas suspeitas, Ana Maria. Quanto a Leonor já declarei sua inocência, ao que me parece...

ANA MARIA

E parece-vos bem, que filho de algo requeste açafata de vosso serviço?!...

DOM JAIME

Diz-se que não vai sendo crime, conforme ideias que nos vêm de França e que Dom António de Altamira professa... Assim é com ele, e convosco, Leonor... Aqui tendes a missiva que vos é endereçada... Dai-lhe o destino que vos aprouver...

ANA MARIA

Assim, é por essas ideias... francesas, que as açafatas possuem escrínios de preço, como suas amas?

DOM JAIME

Que quereis dizer?...

Versão A

MARIA ANA

Tudo na melhor ordenação... E até na câmara de Leonor me atraiu deveras um pequeno escrínio, que seria um enlevo do olhar (*desdenhosa*) se não fosse de cobre.

D. JAIME

Oh, conheço-o bem. Foi uma simples lembrança de minha avó Marquesa à então pequena Leonor. (*A esta.*) Lembrai-vos?...

LEONOR

Como esquecê-lo, senhor?...

MARIA ANA

(*Encaminhando-se para a gaveta em que o guarda.*) Mas é um encanto, *un tout petit bijou*... (*Apresentando-o a D. Jaime.*) Atentai nele, porque quero que me mandais trabalhar um igual, em prata e ouro.

D. JAIME

Será dispendioso - apesar de que, tê-lo-eis!

MARIA ANA

Como sois gentil... Mas vede, como há-de ficar interessante!

D. JAIME

Sim, sim... Já o conhecia.

MARIA ANA

Vede de novo - que nada perdeis.

UM FÂMULO

(*Assomando à F.*) Senhora, chegou o quadrilheiro que vem da parte de Sua Senhoria, o senhor D. António de Altamira.

D. JAIME

(*Muito digno.*) Um quadrilheiro da parte de D. António de Altamira em minha casa!?...

MARIA ANA

(*Solícita.*) Senhor, faz parte do plano que engendrei.

Versão B

ANA MARIA

Inda encontrei na câmara de Leonor este escrínio... *(Vai buscá-lo e mostra-o.)*  
Trouxe-o comigo para verdes, Dom Jaime, os preciosos labores...

DOM JAIME

Conheço-o, Ana Maria... Foi oferta de minha mãe à filha de sua fiel aia, a então pequena Leonor, para guarda de suas economias.

ANA MARIA

Preciosa dádiva... Abre-se com segredo. Conhecei-lo?...

UM FÂMULO

*(Levantando o rás da F.)* Senhora Dona Ana Maria, acaba de chegar o quadrilheiro que vem da parte de Sua Ilustríssima o senhor Dom António de Clara e Altamira, para Vossa Senhoria.

DOM JAIME

*(Intrigado.)* Sua Ilustríssima manda-vos um quadrilheiro, senhora minha esposa! Que necessidade tendes de um esbirro em vossa casa honesta?

ANA MARIA

Dom António viu-me tão molestada com o extravio de meus brincos de pérolas, que quis ter a gentileza de falar ao senhor Intendente para me enviar um quadrilheiro a indagar do sumiço da jóia...



Versão A

D. JAIME

*(Como atrás.)* Mas atentai que é uma ofensa de Altamira à minha dignidade!

MARIA ANA

Deixai-a para mais tarde, e reparai agora na subtileza destes labores. *(Volta a mostrar-lhe o escrínio.)*

D. JAIME

*(De óculo de oiro em punho.)* Com efeito, com efeito...

MARIA ANA

E não vos parece que precioso ficará em prata e oiro?...

D. JAIME

Precioso... e rico.

MARIA ANA

*(Dissimulada.)* Olhai; ainda não tinha visto: é de segredo o fecho.

D. JAIME

Como de ordinário, em todas essas bocetas.

MARIA ANA

Leonor já disse que guarda aqui as suas economias, mas com tanto mistério, sou a crer que ela também guarda as suas intimidades.

LEONOR

Se as não tenho, como as posso eu guardar, senhora?

MARIA ANA

Tem-te! Que não te vou exigir que me decifres o segredo. *(Olha furtivamente o Pagem.)*

PAGEM

*(Logo a seguir.)* Eu sei, senhora, é com a palavra ROMA!

MARIA ANA

*(Simulando.)* Ai o maroto do Pagem! Como ele já sabe!... E já agora - sou curiosa - vou tentar abri-lo... Senhor meu esposo, volte para lá a cara. *(Manuseando o fecho.)* R-O-M-A... *(A tampa abre-se.)* Com efeito... *(Retirando-os de dentro.)* Estranho!... *(A D. Jaime.)* Vinde ver, senhor, uns pendentos de pérolas, como os que eu perdi.

Versão B

DOM JAIME

Permiti dizer-vos que sou eu o senhor da casa!

ANA MARIA

Perdoai-me se vos ofendi. E não vos preocupais com tal pecadilho... Estou encantada com a oferta da senhora Marquesa vossa mãe à filha de sua fiel açafata... *(Olhando o escrínio.)* Oh, *é un tout petit bijou!* E desejo que mandais lavrar no Lázaro um escrínio semelhante, em oiro e pedraria. E que se descerre com um segredo diverso deste... O escrínio era de vossa mãe. Lembrai-vos qual era seu segredo?...

PAGEM

É com a palavra ROMA, que é o invés de amor...

ANA MARIA

Ah!, o Pagem, que mofino! Sempre verei se ele se não engana... *(Fazendo funcionar o segredo do cofre.)* R...O...M...A... *(A tampa abre-se.)* Com efeito... E atentai, senhor meu esposo: Leonor também possui uns pendants de pérolas, como os que eu perdi!...

Versão A

D. JAIME

*(Observando de óculo em punho.)* Com verdade, parece... *(Dirige-se a buscar a boceta que trouxe de fora.)* Deixai ver - porque os vossos estão aqui... *(Comparando os brincos que tirou de dentro com os que tem Maria Ana.)* É verdade, são tal e qual - tirante que os vossos, Maria Ana, são mais novos e os de Leonor de maior uso... *(Entregando o escrínio e os brincos velhos à serva.)* Tomai o que é vosso, e ficai sabendo, senhora açafata, que não permito em minha casa aias com jóias tão valiosas como as de sua dona... Tendes um lugar disponível em casa de uma parenta minha, senhora de idade e de toda a discrição. Se vos quiserdes servir...

LEONOR

Senhor, dispenso-o, *(recusando os brincos)* como qualquer ornamento para meu uso, pois tenciono professar.

D. JAIME

Deus vos abençoe, Leonor. N'Ele estareis ao abrigo de todos os enganos.  
*Leonor sai.*

UM FÂMULO

*(À F.)* Senhor, o que digo ao quadrilheiro?

D. JAIME

Já agora, que leve o Pagem para a Roda, porque sabe o segredo dos escrínios e vi-o há pouco com duas peças de ouro. *(O Pagem é levado pelo Fâmulos.)* Oxalá, Maria Ana, ele não se faça um homem como esse D. António, que eu terei de castigar.

MARIA ANA

*(Suplicante.)* Senhor, não aumentais tanto o meu remorso, pelo bem que vos quero.

D. JAIME

*(Dignamente.)* Senhora, não me quereis assim, mas pelo muito ou pouco que eu vos possa merecer.

Versão B

LEONOR

*(Apavorada.)* Senhor Dom Jaime!

DOM JAIME

Tende-vos, Leonor!... Deixai-me observar, Ana Maria... *(Observa os brincos com o seu óculo de punho doirado.)* Com verdade, são tal qual os vossos. Mas não vos molestais com isso, senhora minha esposa. Os brincos que são vossa pertença levei-os, sem segredo, ao Lázaro, para os polir e apresentar-vo-los como novos. Tenho-os ali... *(Vai buscar.)* Vede como luzem, ao contrário dos de Leonor.

LEONOR

Mas, senhor Dom Jaime...!

DOM JAIME

Calai-vos, senhora açafata!...

O FÂMULO

*(Numa reverência, à F.)* Senhora Dona Ana Maria, que recado dou ao quadrilheiro que aguarda vossas ordens?

DOM JAIME

Fâmulo, diz ao quadrilheiro que leve o Pagem para a Roda. Esse mocinho possui dobrões de ouro e sabe o segredo dos escrínios!

O FÂMULO

*(Detendo o Pagem.)* Sus...! *(Sai arrastando-o.)*

DOM JAIME

Levai-o, para que aprenda a ser um homem.

Versão A

MARIA ANA

Amo-vos, senhor meu esposo.

D. JAIME

Maria Ana, aprendei a amar na vossa felicidade os que são infelizes. Deus fará um dia plena Justiça... (*Ouve-se fora o relógio inglês martelar um minuete.*) Senhora, e já que não somos evangélicos, ao menos ensaiemos com elegância este minuete.

*Dançam o minuete.*

DESCE O PANO

FIM DA COMÉDIA

Versão B

CENA FINAL

DOM ANTÓNIO

*(Assomando à F.)* Permitti-me que entre sem me fazer anunciar...

DOM JAIME

O que traz tão azinha Sua Ilustríssima?

DOM ANTÓNIO

Como passais, primo?...

DOM JAIME

Algo indisposto com o que se passa em minha casa, e no qual sei terdes intervindo, senhor Dom António de Altamira!

DOM ANTÓNIO

Fiz do meu melhor para suavizar a pena que afligia vossa esposa e minha prima e senhora...

DOM JAIME

Mas, Ilustríssima, a senhora minha esposa guarda algum ressentimento contra vós...

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

Versão B

DOM ANTÓNIO

Como assim...?

DOM JAIME

Dona Ana Maria suspeita de que haveis escrito a sua aia privada, Leonor...

DOM ANTÓNIO

Perdoai-me, primos... Perdoai-me, Leonor... mas o coração ordena... *(Ajoelha amorosamente aos pés de Leonor.)*

DOM JAIME

Eis Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira, de joelhos, como vassalo, aos pés duma açafata... Perdoemos ao Amor... *(Ajoelha aos pés de Ana Maria.)*

DOM JAIME E DOM ANTÓNIO

*(Em coro, respectivamente a Ana Maria e a Leonor.)* Permiti que vos beije a mão, senhora minha!...

FIM DA COMÉDIA



## **Variante da cena IV da versão adoptada**

PAGEM

*(Erguendo o rás, numa reverência.)* Sua Ilustríssima o Principal, senhor Dom António de Clara e Altamira.

DOM ANTÓNIO

*(Entra com decorativa jovialidade.)* Oh! Senhora prima, como tendes passado?

ANA MARIA

*(Estendendo-lhe a mão, com preciosa ênfase.)* Não bem... E vós, senhor meu primo?

DOM ANTÓNIO

*(Após o beija-mão, teatral.)* Admiravelmente.

ANA MARIA

*(Afável.)* Sentai-vos.

DOM ANTÓNIO

*(Depois de se sentar.)* Passando, acaso, em minha sege, não quis privar-me da subida honra e grato prazer de vos vir saudar.

ANA MARIA

Quanto folgo: primeiro, pelo tanto que me distinguis; segundo, porque carecia de alguém que me trouxesse uma palavra inspirada como a vossa, e uma sapiência como a de que vos dotastes.

DOM ANTÓNIO

*(Reverente.)* Senhora prima, a Gentileza é timbre dos belos espíritos, e curvo-me, reconhecido, ante a que me dispensais... Mas tendes ainda razão em confiar na Sabedoria. As suas luzes esclarecem a frágil argila de que somos feitos e podem enchê-la de suaves e doces inspirações.

ANA MARIA

Douto primo, dizeis com acerto: somos frágeis. E tanto que Deus, na Sua infinita Grandeza, perdoará as pequenas misérias em que nos perdemos, e quantas vezes não destroem aquilo que assegurámos com sagrados votos, se com outras misérias lhes não dermos combate!

DOM ANTÓNIO

Será de justiça, a terrena Justiça...

ANA MARIA

Como dizeis... Pois tenho até hoje mantido aquela fidelidade conjugal de que fiz jura solene perante o divino altar...

DOM ANTÓNIO

Compreendo; mas não vos têm, talvez, correspondido com igual moeda.

ANA MARIA

Sim, talvez...

DOM ANTÓNIO

Pois, senhora prima, tendes de vos impor. Porque a vingança não foi só prazer dos deuses pagãos. O próprio Jeová não hesitou em usar do dilúvio universal para castigar o pecado dos homens... E vós, por certo, não ides tão longe!

ANA MARIA

Mas achais então justo que eu me vingue de quem se empenha em destruir-me uma felicidade assegurada por sacros votos?

DOM ANTÓNIO

*(Amável.)* Os deuses vos respondem por mim.

ANA MARIA

Poderei mesmo lançar mão de nefanda aleivosia para me despicar duma rival?

DOM ANTÓNIO

*(Surpreendido.)* Uma rival!... Pois é de uma mulher que pensais despicar-vos?

ANA MARIA

Sim, uma mulher por quem meu marido desvaira!

DOM ANTÓNIO

*(Pausado.)* Senhora prima, a Vingança foi, sem dúvida, o prazer dos deuses, mas disso só adveio a guerra, o extermínio. Hoje nós, criaturas humanas, inspiradas pela sapiência, pensamos mais humanamente dirimir vinganças, sedes de justiça, por meios mais afáveis, até amorosos! Porque não cuidais da mesma sorte?

ANA MARIA

Senhor meu primo, como proceder assim com a minha rival? Falais de amor... quando para defender o meu amor só ódio nutro!

DOM ANTÓNIO

Tende mão nos vossos zelos. Serei o vosso confidente... *(Levanta-se solene.)*  
Tornaremos a ver-nos esta noite no serenim de Queluz. Lá falaremos com mais delonga e aprazimento.

ANA MARIA

Talvez não...

DOM ANTÓNIO

Não vos mostrei esta noite no Paço! Oh!, mas fica ofuscado o serenim de Suas Majestades!

ANA MARIA

Sois bem amável... Mas o demo tem porfiado, de há um tempo, em trazer-me à sua conta.

DOM ANTÓNIO

Que outro pesar ainda vos aflige?

ANA MARIA

Como dizeis: ainda outro pesar... Dei ontem por falta dos meus brincos mais valiosos.

DOM ANTÓNIO

Vossos pendentes de pérolas, não? Mas, eram de alta valia!

ANA MARIA

Jóias de primeira água.

DOM ANTÓNIO

*(Depois de meditar um pouco.)* E não desconfiais de algum dos vossos servos... ou servas?

ANA MARIA

Tenho-os a todos por fiéis. Porém...

DOM ANTÓNIO

Certamente... E Dom Jaime, o que fez por isso?

ANA MARIA

Só me disse para não cuidar, que os brincos não teriam levado sumiço.

DOM ANTÓNIO

*Chi lo sa...?*

ANA MARIA

*Chi lo sa...* O certo é não os desencantar.

DOM ANTÓNIO

O senhor vosso esposo deveria tomar providências... Mas é por vossos brincos que não ides hoje ao serenim de Queluz?

ANA MARIA

Assim é.

DOM ANTÓNIO

*(Com resolução.)* Senhora prima, contai com o meu melhor empenho. Passo agora pela Intendência, mando deter a sege e falo com o senhor Intendente para que vos mande o mais hábil dos quadrilheiros.

ANA MARIA

Grande mercê vos ficaria devendo.

DOM ANTÓNIO

*(Com uma vénia.)* Por quem sois! E confiemos em que ainda esta noite ostentareis na Corte os vossos brincos.

ANA MARIA

CONFIEMOS, senhor meu primo... *(Dirige-se à F., onde chama.)* Leonor...

LEONOR

*(Assomando.)* Senhora...

ANA MARIA

Prepara-me o meu melhor traje... *(De novo para a F.)* Pagem...

*Aparece o Pagem e Ana Maria fica falando com ele, enquanto Leonor cumpre as ordens dadas.*

DOM ANTÓNIO

*(À parte a Leonor.)* Seria ditoso se vos pudesse prestar grande serviço. Contai com todo o meu empenho por vós...

LEONOR

*(Enquanto lida.)* Agradeço-vos, senhor, mas não conto merecer tanta graça.

ANA MARIA

*(À parte ao Pagem.)* Estareis aqui presente quando chegar o senhor Dom Jaime.

PAGEM

Aqui serei, senhora.

DOM ANTÓNIO

*(À parte a Leonor.)* Sou um poderoso, Leonor, e sinto que rendido vos estou como servo humilde. Querem escravizar-vos, e eu vos asseguro que sereis senhora!

ANA MARIA

*(À parte ao Pagem.)* Assim, logo que me ouvires dizer a Dom Jaime que gostaria de conhecer o segredo do escrínio de Leonor, tu o dirás presto!

PAGEM

*(Numa vénia.)* Sou o vosso Pagem.

DOM ANTÓNIO

*(Na mesma atitude.)* Dai-me as vossas ordens, senhora prima.

ANA MARIA

Acompanho-vos até ao parque.

DOM ANTÓNIO

Como sois gentil!... Tenho minha sege na porta velha. Por aí sairei com a vossa permissão.

ANA MARIA

Como melhor for de vosso grado ... *(Sai pela F., com Dom. António, depois deste lançar um olhar a Leonor.)*

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurei cumprir os objectivos a que me propus: proporcionar o conhecimento das duas versões de *Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro, por meio da minha proposta de edição face a face; e contribuir para o estudo do património literário deste autor, desconhecido da maior parte dos leitores contemporâneos.

Procurei, antes de comentar a edição da comédia, documentar o leitor acerca da biografia deste autor e tecer as considerações que entendi necessárias para uma boa compreensão dos textos das duas versões. Referi que, enquanto escritor, Aleixo Ribeiro produziu muito, ainda que tenha publicado muito pouco, e que foi assistente de realização de cinema e agente artístico, tendo deixado inéditos vários textos sobre cinema e arte.

Em relação aos textos da comédia, procurei situá-los no tempo, referindo que terão sido escritos antes de 1945, por não respeitarem a norma ortográfica aí presente.

A edição face a face proporcionou o conhecimento das semelhanças e diferenças entre as duas versões, por meio da comparação. Referi e especifiquei, por meio de alguns exemplos, as diferenças entre as duas versões em relação às falas, à sequência destas e dos acontecimentos e ao número de cenas. Em vários casos essas alterações interferem no sentido da comédia, com vantagem para a versão B.

Espero ter fundamentado bem o facto de considerar a versão B a mais recente ao apontar as melhorias em relação à outra versão. Por isso referi que o texto original da versão B não contém tantos erros ortográficos nem tantas gralhas como o da versão A, que há um maior cuidado na pontuação e que a trama está melhor urdida. Indiquei os critérios que segui para fazer a edição e registei as alterações a que procedi.

*Galanteria: peça em 1 acto*, de Aleixo Ribeiro - Edição Face a Face

## GLOSSÁRIO

Palavra	Página	Significado
rás	54	( <i>s.m.</i> ) pano de Arrás, cidade francesa da Bretanha.
minuete	55	( <i>s.m.</i> ) composição musical de compasso ternário simples que integra suites e sinfonias.
casquilha	55	( <i>s.f.</i> ) pessoa que usa muitos enfeites, que se veste com muitos adornos ou com exagerado primor.
mochila	55	( <i>s.m.</i> ) criado, lacaio.
eguariço	55	( <i>s.m.</i> ) indivíduo que trata dos equídeos.
tinelo	57	( <i>s.m.</i> ) refeitório de uma casa fidalga onde comiam os criados e os serventes.
mafra	57	( <i>s.f.</i> ) gente baixa, ordinária, ralé, arraia-miúda.
tamborete	61	( <i>s.m.</i> ) cadeira de braços, sem costas; cadeira com assento de pau.
tem-te-não-caias	63	( <i>fam.</i> ) posição ou situação de instabilidade; falta de segurança.
sege	63	( <i>s.f.</i> ) antiga carruagem de duas rodas e um só assento, fechado com cortinas na frente.
dobrão	65	( <i>s.m.</i> ) antiga moeda de ouro que valia 24\$000 réis.
nem tus (chus) nem bus	67	( <i>loc. adv.</i> ) sem dizer uma palavra.
quadrilheiro	77	( <i>s.m.</i> ) oficial inferior de justiça, rondador, esbirro.
suasivo	81	( <i>adj.</i> ) persuasivo.
mesurar	83	( <i>v.intr.</i> ) fazer medidas, reverências.
boceta	83	( <i>s.f.</i> ) pequena caixa, cilíndrica ou oval, de papelão ou madeira.
esbirro	96	( <i>s.m.</i> ) oficial inferior de justiça.
Roda	100	( <i>s.f.</i> ) hospício de enjeitados.
Sus!	100	( <i>interj.</i> ) coragem!, ânimo!, eia!
<i>Chi lo sa</i>	107	expressão italiana traduzível por “Quem o sabe?”